



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**“EFEITO DE BORDA E MAXIMIZAÇÃO DE RECURSOS EM PROJETOS
ARTÍSTICOS JUNTO A ADOLESCENTES: A PERSPECTIVA DOS
PROFISSIONAIS”**

PAULA CAROLINE DOS ANJOS SAMPAIO

Manaus

2016



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**“EFEITO DE BORDA E MAXIMIZAÇÃO DE RECURSOS EM PROJETOS
ARTÍSTICOS JUNTO A ADOLESCENTES: A PERSPECTIVA DOS
PROFISSIONAIS”**

PAULA CAROLINE DOS ANJOS SAMPAIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração em Psicologia. Linha de Pesquisa Processos Psicossociais.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa

Manaus

2016

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S192e Sampaio, Paula Caroline dos Anjos
Efeito de borda e maximização de recursos em projetos artísticos junto a adolescentes: a perspectiva dos profissionais / Paula Caroline dos Anjos Sampaio. 2016
111 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Adolescentes. 2. Vulnerabilidade. 3. Arte. 4. Efeito de borda. 5. Projetos artísticos. I. Costa, Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

PARECER FINAL

PAULA CAROLINE DOS ANJOS SAMPAIO

**“EFEITO DE BORDA E MAXIMIZAÇÃO DE RECURSOS EM
PROJETOS ARTÍSTICOS JUNTO A ADOLESCENTES: A
PERSPECTIVA DOS PROFISSIONAIS.”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, na Linha de Processos Psicossociais.

Aprovada em 26 de fevereiro de 2016.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa

Universidade Federal do Amazonas



Prof.ª Dr.ª Julia Sursis Nobre Ferro Bucher-Maluschke

Universidade Católica de Brasília

Prof. Dr. Nilson Gomes Vieira Filho

Universidade Federal do Amazonas

DEDICATÓRIA

**Á Deus meu alicerce e a minha família fonte
infinita de amor e inspiração.**

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”

(Cora Coralina)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente sou grata a Deus, pelo dom da vida e por ser minha fortaleza em todos os momentos.

Ao meu esposo Cezar Júnior, por todo suporte emocional, pelo incentivo e pelos cuidados aos nossos filhos, me encorajando nessa caminhada nos momentos de cansaço e desânimo em que muitas vezes pensei em desistir.

Aos meus filhos, Pedro Lucas e Maria Júlia, verdadeiros presentes na minha vida, as maiores dádivas que Deus pôde me dar. Vê-los sorrir faz todo sacrifício valer a pena.

Aos meus pais, Cláudia e Paulo, por seu apoio, amparo e por tantas demonstrações de carinho, durante todo o percurso da minha vida, sejam nas horas boas ou ruins, nunca estive sozinha. Obrigada por dedicar-se aos meus filhos nos momentos em que não pude estar com eles, na certeza de que eles estavam seguros, bem cuidados e cercados de amor. Serei eternamente grata.

As minhas irmãs, Isabelle e Danielle, cada uma à sua maneira, foram importantes em mais esta etapa da minha vida.

A família que conquistei: Sônia, Cezar, Rafa e D. Rachel, por compreenderem os momentos em que não foi possível atender as suas demandas devido às ausências necessárias.

À minha orientadora, Cláudia Sampaio, por ter acreditado em mim, no meu potencial e capacidade, com ela caminhei desde a graduação (enquanto aluna e estagiária) até o Mestrado (como pesquisadora). Um exemplo de profissional e ser humano de excelência. Seu amor a psicologia, sua dedicação, paciência e envolvimento me impactaram de forma positiva não só para o mestrado, mas também para toda vida. Muito obrigada.

A minha amiga Ellen, companheira desde a graduação, no mestrado e também no trabalho, por sua parceria e por sua criticidade me inspirando sempre a fazer o melhor. Sua companhia constante nos estudos e no convívio do dia-a-dia só tem fortalecido nossa amizade.

A Amiga-madrinha Isis Gabriela, por seu olhar sempre acolhedor, sempre disposta a ajudar, seja qual for a necessidade ou a hora.

A Amiga Grazi, pela ajuda nas traduções dos textos, sem esta ajuda demoraria o dobro do tempo pra terminar as leituras obrigatórias.

A Adriana Boh, por incentivar minha capacitação e facilitando que pudesse me ausentar sempre que necessário.

Ao grupo de pesquisadores do LABINS - Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário, por todas as contribuições através das discussões que foram fundamentais para a execução deste trabalho e que muito colaboraram para um olhar mais crítico na Psicologia, em especial à Fabiane Vasques, por toda paciência e ensinamentos.

À Natália Lenzi Nodari, por toda a ajuda na instalação SPSS para o computador, sem sua ajuda não seria possível fazer a análise do banco de dados dos adolescentes.

Ao Ricardo Oliveira, pelo apoio indispensável durante a realização das entrevistas.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia- PPGPSI e à Faculdade de Psicologia-FAPSI pela oferta do Mestrado em Psicologia e a oportunidade de desenvolver pesquisa.

À CAPES, que foi importantíssima nesta etapa da minha vida, pela disponibilidade da bolsa de estudo, capaz de subsidiar os custos durante a trajetória de estudos.

Ao Prof. Dr. Nilson Gomes Vieira Filho e Profa. Dra. Rosângela Dutra de Moraes pelo olhar crítico e pelas importantes contribuições no exame de qualificação.

À Secretaria de Estado da Cultura e Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino do Amazonas pela possibilidade de realizar esta pesquisa.

A todos profissionais pesquisados, por permitirem partilhar suas experiências, acreditando na importância desta pesquisa para que outras pessoas possam beneficiar-se da arte.

A todos aqueles que direta e indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa abordou profissionais que desempenharam funções centrais na execução do Projeto Jovem Cidadão (PJC) e Concerto de Natal (CN) desenvolvidos junto a adolescentes na Cidade de Manaus, visando conhecer o potencial que recursos artísticos possuem na transformação dos contextos de vulnerabilidade. As condições histórico-culturais que os adolescentes dispõem para constituir-se enquanto sujeitos estão contemporaneamente associadas a diversos agravos, com os quais os jovens necessitam lidar. Projetos artísticos tem sido utilizados junto a estes com fins diversos, sendo ainda pouco conhecidos os seus resultados relacionados à redução da vulnerabilidade. Visando aprofundar conhecimentos sobre a arte como intervenção, o Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário (LABINS) iniciou em 2012, estudos acerca do impacto que os projetos PJC e CN na vida dos adolescentes. Como parte destes estudos, propôs-se como objetivo desta pesquisa, investigar com os profissionais responsáveis pela execução destes projetos, o potencial de maximização de recursos promotores de proteção e redução de vulnerabilidade, a partir do conceito de *Efeito de Borda* (EB). Este conceito, oriundo da ecologia e utilizado pela Psicologia Comunitária Crítica, é ferramenta organizadora e compreensiva de ações que envolvem participação de diferente sujeitos e instituições, cujo encontro resulta em uma ‘borda’ onde recursos novos emergem, otimizando os resultados dos projetos. A pesquisa caracterizou-se como exploratório-qualitativa e utilizou o banco de dados das pesquisas anteriores com adolescentes, além de quatro entrevistas semi-estruturadas junto aos profissionais, analisadas segundo adaptação do método da *Grounded Theory*. A partir dos resultados, concluiu-se que: os projetos foram considerados transformadores da subjetividade dos adolescentes e dos profissionais; foram identificados recursos nos projetos passíveis de maximização, tais como recursos artísticos (aprendizado das técnicas, novas formas de comunicação, conhecimento artístico); recursos socializadores, implicando em outros modos de estar no mundo (autoconceito, autoestima, projeto de vida, criação e fortalecimento de vínculos); recursos organizadores (estrutura organizada dos projetos como rede protetiva); recursos de inclusão social. As dificuldades levantadas à maximização dos recursos foram primordialmente referentes à estrutura do projeto, espaço restrito de participação de seus diversos membros, nível de comunicação entre instituições e agentes; o conceito de Efeito de Borda mostrou-se particularmente útil à análise dos

processos que tem por característica o desenvolvimento de ações que incluem participantes de diversos contextos, com diferentes recursos e experiências, sendo, portanto, construto teórico capaz de subsidiar a análise de práticas que visem transformações no rumo da melhoria das condições de vida de adolescentes e outros grupos em contextos de vulnerabilidade.

Palavras chaves: adolescentes, vulnerabilidade, arte, efeito de borda, projetos artísticos

ABSTRACT

This research addresses professionals who play central roles in implementing the Young Citizen Project (PJC) and Christmas Concert (CN) developed with adolescents in the city of Manaus, in order to know the potential that artistic resources have in transforming the contexts of vulnerability. The historical and cultural conditions that teenagers have to be constituted as subjects are simultaneously associated with various diseases, with which young people need to deal with. Artistic projects have been used along with these various purposes, still little known the results related to the reduction of vulnerability. Aiming to deepen understanding of art as intervention, Social Intervention and Community Development Laboratory (LABINS) started in 2012, studies on the impact that the PJC and CN projects in the lives of adolescents. As part of these studies, it was proposed as objective of this research, investigate with the professionals responsible for implementing these projects, the potential for maximizing protection promoters resources and vulnerability reduction, from the concept of Edge Effect (EB). This concept, based on ecology and used by the Community Psychology Review, is organizing and comprehensive tool actions involving participation of different subjects and institutions, whose encounter results in an 'edge' where new features emerge, optimizing project outcomes. The research is characterized as exploratory, qualitative and used the database of previous research with teenagers and four semi-structured interviews with professionals, analyzed according adaptation of the Grounded Theory method. From the results, it was concluded that: the projects were considered transforming the subjectivity of adolescents and professionals; resources have been identified in projects that could maximize such as artistic resources (learning techniques, new forms of communication, artistic knowledge); socializing resources, resulting in other modes of being in the world (self-concept, self-esteem, life project, creation and strengthening of links); organizers resources (organized structure of the projects as protective network); resources for social inclusion. The difficulties posed to maximize the resources were primarily related to the project structure, restricted space for the participation of its various members, level of communication between institutions and agents; the concept of edge effect was particularly useful to the analysis of processes whose characteristic development of actions that include participants from diverse backgrounds, with different resources and experiences, and therefore theoretical construct capable of supporting the analysis of practices changes aimed in the direction of improving the living conditions of young people and other groups in vulnerable contexts.

Key words: adolescents, vulnerability, art, edge effect, artistic projects

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

CN – Concerto de Natal 2012

ECA - Estatuto da Criança do Adolescente

LABINS - Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário

LAOCS - Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro

PJC - Projeto Jovem Cidadão

SEAS - Secretaria de Estado da Assistência Social e Cidadania

SEC - Secretaria de Estado da Cultura

SEDUC – Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino do Amazonas

SEJEL – Secretaria de Estado da Juventude e Lazer

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFAM - Universidade Federal do Amazonas

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 - Sistemática da ATF/MCC

Tabela 2 - Características de diferentes tipos de troca em trabalho colaborativo e habilidades associadas.

Tabela 3 - Relacionamento contínuo

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Descrição dos dados analisados

Quadro 2. Categorias e subcategorias tabuladas a partir da análise documental

Quadro 3. Perfil dos profissionais entrevistados

Quadro 4. Adolescência e Vulnerabilidade

Quadro 5. Recursos dos Projetos Artísticos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
Objetivo Geral.....	18
Objetivos Específicos.....	19
1. METODOLOGIA	21
1.1 A PESQUISA DOCUMENTAL	22
1.1.1 Descrição dos documentos.....	22
1.1.2 Tratamento das informações/dados	25
1.2. A PESQUISA DE CAMPO.....	26
1.2.1 O campo e a relação com o trabalho.....	27
1.2.2.Participantes.....	28
1.2.3 Instrumentos	29
1.2.4 Estratégias de sistematização e análise dos Dados.....	30
1.2.5 Atendimento aos princípios éticos	32
2. ADOLESCENTES NA BORDA DE PROJETOS ARTÍSTICOS: O POTENCIAL PARA ENFRENTAMENTO DA VULNERABILIDADE A PARTIR DE RESULTADOS DE PESQUISAS NA CIDADE DE MANAUS	34
2.1 Adolescência, Vulnerabilidade e Arte: uma articulação possível.....	34
2.2 PJC e CN 2012: Pesquisas pioneiras na cidade de Manaus	43
2.3 Bordas (in) visíveis: potencial passível de maximização no PJC e CN.....	48
3 EFEITO DE BORDA EM AÇÃO: ECOTONES A PARTIR DA VISÃO DOS PROFISSIONAIS	52
3.1 Pedro – De Artista a Educador.....	58
3.1.1 Intensidade das relações	60
3.1.2 A Arte introduzindo recursos na borda.....	61
3.1.3 Alianças institucionais identificadas por Pedro.....	63
3.1.4 Confrontações.....	64
3.2 Lucas – a Vulnerabilidade impacta mas a arte é uma saída.....	67
3.2.1 Nível de intensidade das relações e Alianças	69
3.2.2 Confrontações	72
3.3 Maria – uma visão limitada a experiência de fronteira.....	74
3.3.1 Recursos.....	75
3.4 Francisco – um movimento oscilatório na borda.....	77
3.4.1 Intensidade de relações.....	70
3.4.2 Alianças.....	80
3.4.3 Confrontações.....	83
3.5 Síntese dos Profissionais	84
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
5. REFERENCIAS	94
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	99
APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	101
APÊNDICE C- RAPPORT.....	102
ANEXO A- CARTA DA SECRETARIA DE CULTURA.....	103
ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DA SEDUC.....	105
ANEXO C- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	107

INTRODUÇÃO

A adolescência é tradicionalmente vista como uma fase de transição, marcada por questionamentos, problemas e incertezas. Tanto a mídia quanto a produção científica apontam para a vulnerabilidade a qual esta fase é associada. Sem ignorar a realidade adversa que envolve os modos de existência de grande parte dos adolescentes nas sociedades contemporâneas, Costa (2015) argumenta que sob o aporte da perspectiva histórico-cultural, as vulnerabilidades associadas à adolescência, bem como o próprio conceito da adolescência em si, ganham outras possibilidades de entendimento, que não as atreladas aos modelos que naturalizam e universalizam esta fase como tipicamente problemática.

Abordagens culturalistas (ROGOFF, 2005) e de inspiração histórico-cultural (AGUIAR, 2011, OZELLA, 2003) conferem centralidade à dimensão constitutiva que os aspectos históricos e sociais imprimem na subjetividade, incidindo, portanto, no que se compreende e vivencia por adolescência. Pensando na vulnerabilidade associada à esta fase, ao invés de tomá-la como período naturalmente marcado por problemas e conflitos predominantemente intrapsíquicos, vê-se que há diferentes modos de se constituir adolescente no âmbito de uma mesma sociedade, resultando em grupos e indivíduos mais suscetíveis a agravos que outros.

Os recursos os quais cada grupo social constrói e disponibiliza para que o conjunto de seus membros disponha (de modo igual ou desigual), inclui os diferentes acessos à educação, cultura, lazer, saúde, diversidade de atividades, experiências, espaços de participação, reconhecimento, etc. Desta forma, tal como pensada por Ayres et al (2003), a vulnerabilidade de indivíduos e grupos a agravos seria uma resultante dos recursos pessoais, coletivos, culturais, estruturais disponíveis para ao enfrentamento das adversidades. Assim, a existência e o acesso a recursos diversos por cada grupo social, os sentidos atribuídos à inserção destes em termos de idade, raça, classe social, etc, remeteria a modos de organização mais ou menos vulneráveis. A exemplo disto, a vulnerabilidade de adolescentes ao envolvimento em atos infracionais é maior entre jovens do sexo

masculino, negros ou pertencentes às chamadas minorias étnicas. Possuem baixa escolaridade, pertencem às classes econômicas mais empobrecidas, estão expostos à ocorrência de outros fatores de risco como drogas, violência, doenças sexualmente transmissíveis, desemprego, falta de qualificação para o trabalho (COSTA, 2011). Ainda que a infração não seja uma relação direta com a pobreza ou desigualdade social, as diferentes condições concretas de vida explicam o perfil predominante dos adolescentes que adentram no sistema socioeducativo por cometimento de ato infracional.

Partindo deste entendimento sobre adolescência e vulnerabilidade, confere-se grande importância às atividades humanas, o contexto em que estas se estabelecem e o sentido a elas atribuídos. Deste modo, as atividades ou intervenções dirigidas a adolescentes em contexto de vulnerabilidade, passariam a compor um conjunto de possibilidades e recursos, os quais, combinados a outros fatores, incidiria em modos mais ou menos efetivos de lidar com as adversidades. É neste sentido que uma atividade essencialmente humana, não raro oferecida como possibilidade em projeto junto aos adolescentes - a Arte -, merece investimentos também do ponto de vista científico, de modo a compreender se e como esta desempenha funções de transformação enquanto estratégia de intervenção em diversos contextos.

No escopo da Psicologia, a arte já vindo sendo objeto de estudo articulada a ideia de promoção de saúde, modalidade terapêutica e educativa. Dentre alguns exemplos outras experiências significativas de intervenções através da arte como intervenção promotora de bem estar e saúde, encontra-se o registro de Andrade e Pedrão (2005), quando destacam o uso da música em contextos de enfermagem favorecendo a reconstrução de auto estima positiva, face às demandas de atenção ao sofrimento psíquico. Já para Maheirie (2003) a arte pode ser vista como atividade facilitadora de transformação para adolescentes em vulnerabilidade social.

Em levantamento realizado por Silva, Magalhães e Costa (2013) acerca de projetos envolvendo artes e adolescentes em algum contexto de vulnerabilidade, concluiu-se que modalidades artísticas diversas possuem potencial para mobilizar e fortalecer recursos importantes ao enfrentamento de adversidades destes jovens.

No Estado do Amazonas, seguindo a orientação de alguns programas federais, foi implantado um projeto que utilizou recursos artísticos associados à redução da vulnerabilidade social e promoção da cidadania, destinados ao desenvolvimento e qualidade de vida de adolescentes, como foi o caso do Projeto Jovem Cidadão (PJC). Neste, ainda que o objetivo principal não tenha sido a redução da vulnerabilidade como a perspectiva central, identificou-se propostas direcionadas a um público alvo caracterizado por baixo poder aquisitivo e vulnerabilidade a outros agravos sociais, como: local de moradia, escolarização, drogadição, falta de projeto de vida, entre outros (SILVA, 2013; VASQUES, 2014; CASTRO, 2015; COSTA, 2015)

Tal como descrito por Silva (2013), Vasques (2014), Castro (2014) e Costa (2015), o Projeto Jovem Cidadão (PJC) foi instituído pela Lei nº11.129, de 30 de junho de 2005, mas foi executado no Amazonas entre os anos de 2009 e 2015, ano de sua extinção. Sua execução exigia, devido à complexidade operacional, ações intersetoriais e complementares. Foram alcançadas 278 escolas da rede estadual de ensino foram atendidas em Manaus e nos municípios de Maués, Manacapuru, Tefé, Parintins, Atalaia do Norte, Benjamin Constant, Itacoatiara, Tabatinga, Boca do Acre, Eirunepé, São Gabriel da Cachoeira, Carauari, Manicoré e Borba. Na cidade de Manaus, capital do estado, destacou-se dentre as ações complementares o projeto “Concerto de Natal”, cuja primeira realização no ano 2000 ocorreu em período anterior à existência do PJC, passou a contar com a participação dos adolescentes e jovens do projeto a partir de 2009, sem que seu impacto tenha sido avaliado no tocante à redução de vulnerabilidade ou outros ganhos para os seus integrantes.

Estratégias desta natureza costumam ser mais analisadas do ponto de vista do impacto político, mas não necessariamente são considerados os efeitos no que se refere aos impactos psicossociais que estes produzem. Todavia, tendo como referência o ano de 2012, o Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário – LABINS - da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, deu início a uma série de pesquisas cujo objetivo tem sido compreender em profundidade o impacto que a participação de adolescentes em projetos artísticos, em especial no PJC e Concerto de Natal produziu, junto a adolescentes (VASQUES, 2014; CASTRO, 2014; SILVA, 2013; COSTA, 2015). As pesquisas realizadas pelo LABINS apontaram para resultados

importantes acerca da vulnerabilidade que caracteriza o cotidiano destes jovens, bem como do potencial apontado por estes na promoção de ganhos em suas vidas (COSTA, 2015; VASQUES, 2014; CASTRO, 2014; SILVA, COSTA & MAGALHÃES, 2013; SILVA 2013).

Estes primeiros estudos buscaram compreender o potencial das propostas somente segundo o olhar dos adolescentes participantes. Entretanto, os dados levantados a partir destes sujeitos, sugeriram a existência de um potencial de recursos não explorados no decorrer dos projetos. Uma vez que estes estudos prévios apontaram igualmente para um potencial de recursos não explorados no decorrer dos projetos, postulou-se ampliar o olhar sobre as condições de realização do PJC e CN, levando em conta, principalmente o lugar dos profissionais que desempenharam funções vitais na execução destes projetos nas referidas escolas, face à responsabilidade destes na execução das propostas.

Projetos são produtos formulados, que podem derivar de políticas públicas amplas ou do alinhavar de decisões de grupos de interesse, tais como comunidades, etc. Variam na forma em que integram diferentes sujeitos, no grau de autonomia destes, no desenho participativo de seus integrantes, objetivos, fluxo e dinâmica de relacionamentos, etc. As pesquisas do LABINS sobre o PJC e CN apontam que estes eram projetos que funcionaram na confluência de vários atores sociais, incluindo segmentos diferenciados. O conceito de *Efeito de Borda* (EB) é apresentado como um conceito organizador de uma forma de pensamento (olhar/concepção) e de ação em Psicologia Comunitária (KAGAN & BURTON, 2013; KAGAN, BURTON, DUCKETT, LAWTHOM, SIDDIQUEE; 2011). Oriundo de estudos sobre sistemas ecológicos, refere-se, de modo sintético, à emergência de recursos que ocorre quando do encontro entre diferentes subsistemas, os quais possuem recursos e características próprias. Este encontro dos subsistemas é chamado ‘borda ecológica’, e neste, um efeito interessante ocorre: a emergência de riquezas – recursos diferenciados – não existentes em cada um dos subsistemas isoladamente (KAGAN e BURTON, 2013).

Sistemas sociais humanos também produzem bordas. Os projetos artísticos PJC e CN reúnem características que os inscrevem enquanto ações que implicam na presença de vários subsistemas diferentes, o que geraria a emergência de ‘bordas’. Assim, considerando os resultados até então produzidos pelas pesquisas de Silva (2013), Vasques

(2014), Castro (2014) e Costa (2015), passou-se a considerar uma aproximação com os conceitos de Psicologia Social Comunitária Crítica sintetizados por Kagan e Burton (2013), Kagan et al (2011), considerando-se as possibilidades de compreender os projetos envolvendo arte como intervenção potencial com adolescentes vulneráveis, a partir do *Edge Effect* ou *Efeito de Borda* (EB).

Em complementaridade às pesquisa já realizadas em andamento no LABINS vinculadas ao projeto guarda-chuva iniciado em 2013, intitulado “Arte, Subjetividade e Vulnerabilidade: Um estudo com adolescentes participantes de um evento artístico na Cidade de Manaus” (VASQUES, 2014), definiu-se como objeto de investigação do presente estudo, os recursos emergentes na confluência das ações relativas aos projetos artísticos desenvolvidos com adolescentes em contexto de vulnerabilidade, postulou-se levantar, junto aos profissionais que desempenharam funções centrais na execução do PJC e CN em duas escolas da rede pública de Manaus, dados que permitissem complementar o olhar sobre o potencial existente em tais atividades, de modo a compreender de que modo estas atividades e seus recursos relacionam-se com o enfrentamento e superação da vulnerabilidade vivenciada pelos jovens.

Diante disto, formulou-se o seguinte problema: Considerando o *Efeito de Borda* enquanto passível de emergir no encontro entre diferentes atores e segmentos institucionais, é possível identificar o potencial de maximização dos recursos redutores de vulnerabilidade identificados na execução do PJC e Concerto de Natal 2012?

Visando produzir algumas respostas ao problema posto, foram propostos os seguintes objetivos de estudo, a saber:

OBJETIVO GERAL

Investigar com os profissionais responsáveis pela execução de projetos artísticos desenvolvidos junto a adolescentes em duas escolas públicas de Manaus no ano de 2012, o potencial de maximização de recursos promotores de proteção e redução de vulnerabilidade destas atividades, a partir do conceito do Efeito de Borda.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Verificar, a partir dos resultados das pesquisas anteriores junto aos adolescentes participantes do PJC e CN, se estas atividades apontavam para a existência de recursos passíveis de maximização para o enfrentamento de problemas vivenciados pelos jovens.
- Conhecer os desafios identificados na execução dos projetos em foco, a partir das falas dos profissionais entrevistados;
- Identificar as possibilidades de maximização dos recursos para responder aos problemas encontrados, segundo os profissionais entrevistados que atuaram junto aos projetos.
- Verificar a pertinência do uso do conceito efeito de borda para compreensão dos processos envolvidos na execução dos projetos em foco, tendo em vista a redução da vulnerabilidade dos adolescentes participantes.

Tendo em vista o alcance dos objetivos, elaborou-se uma estratégia de pesquisa que integrou referenciais histórico-culturais da Psicologia Social Crítica, pressupostos do paradigma da complexidade e uma abordagem metodológica de cunho qualitativa, integrando uma etapa de pesquisa documental e uma etapa de pesquisa de campo. O método de análise utilizado consistiu em uma adaptação da sistemática de análise da *Grounded Theory* ou Teoria Fundamentada.

O presente trabalho justifica-se tanto pela necessidade de ampliação do conhecimento sobre práticas interventivas realizadas junto a adolescentes em vulnerabilidade, quanto pela possibilidade de explorar o uso do conceito de *Efeito de Borda* como ferramenta compreensiva de contextos complexos que envolvem diversos atores e segmentos. Do ponto de vista social, justifica-se também pelo fato de que os adolescentes constituem um segmento de grande suscetibilidade a agravos à saúde, acesso a bens e serviços, exclusão social e violência.

Deste modo, espera-se que os resultados do presente estudo possam subsidiar análise de outras intervenções, conferir um novo estatuto aos projetos de artes e estimular novas pesquisas sobre o tema. Do ponto de vista da implicação da pesquisadora com a temática, a trajetória pessoal desta inclui tanto a vivência em atividades artísticas bem

como a participação técnica na área de psicologia em um projeto de intervenção que utilizou a música como modalidade artística junto a adolescentes autores de ato infracional em uma unidade socioeducativa. Como continuidade da trajetória em pesquisa na temática da adolescência, a proponente do estudo realizou pesquisa de conclusão de curso abordando a relação destes com a vulnerabilidade ao uso de drogas. Atualmente, a pesquisadora atua junto a gerência de programas e projetos de atendimento escolar em um órgão público, onde predominantemente, acompanham-se as questões relativas às propostas que visam redução de diversos problemas que acometem a infância e juventude, tornando ainda mais vívida a problemática da eficácia de projetos e programas cujos resultados deveriam apontar para transformações concretas na vidas dos indivíduos e na sociedade.

A vinculação do projeto à Linha de Pesquisa do Mestrado em Psicologia “Processos Psicossociais” bem como a inserção da proponente no quadro de pesquisadores do Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário (LABINS) da Universidade Federal do Amazonas, expressa a confluência de interesses que integram implicação teórica com a temática e percurso profissional e pessoal, sobre adolescência, arte e vulnerabilidade.

Esta dissertação cumpre os objetivos relativos ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas para obtenção do título de Mestre. Está organizada nas seguintes seções: Introdução, que ora se encerra, contendo a contextualização do tema, objeto, objetivos e justificativa do estudo; Capítulo I, referente ao percurso metodológico, explicitando o desenho de pesquisa escolhido, participantes, instrumentos, método de análise, questões éticas; Capítulo II, articulando referencial teórico e dados da pesquisa documental, enfocando os dados sobre os adolescentes participantes dos projetos em foco, arte, vulnerabilidade e efeito de borda; Capítulo III, articulando referencial teórico e dados da pesquisa de campo, trazendo os dados das entrevistas com os profissionais participantes dos projetos e o potencial do Efeito de Borda presente nestas atividades; Capítulo IV consiste nas considerações sobre os resultados da pesquisa, discutindo o alcance ou não dos objetivos propostos. Em seguida são apresentadas as referências utilizadas, os apêndices e anexos que complementam o presente trabalho.

CAPÍTULO I – METODOLOGIA

A presente pesquisa consiste em um estudo articulado a um conjunto de pesquisas já realizadas – e outra em andamento -, integrando um projeto mais amplo que visa à compreensão das atividades artísticas enquanto dispositivos de transformação das condições de vulnerabilidade de adolescentes na cidade de Manaus. Pesquisadores do Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário (LABINS) da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), geraram dados que integram um banco de resultados, do qual este estudo também fará parte. O projeto ‘guarda-chuva’ que abriga os demais intitula-se, como já dito, “Arte, Vulnerabilidade E Resiliência: Um Estudo Com Adolescentes Na Cidade De Manaus”. Esta seção cumpre o propósito de descrever o percurso metodológico seguido, visando o alcance dos objetivos traçados para este estudo, contextualizando também os momentos que o antecederam, à medida que a apresentação daqueles se faz necessária à compreensão do segmento atual.

Segundo teóricos, o método seguido para alcançar os propósitos de um estudo científico está em relação indissociável com a ontologia e a epistemologia em torno de determinado objeto ou questão. Desta forma, tal como é concebido e pensado o que se pretende investigar, decide-se pelos caminhos a serem perseguidos para alcançá-lo, em uma relação de congruência (LOPEZ e SCANDROGLIO, 2007). O desenho da pesquisa, as estratégias de geração de dados, a escolha dos participantes e o método de análise, devem, todos, convergir para as concepções que norteiam o olhar sobre aquilo que se deseja produzir entendimento.

Assim sendo, entende-se que as bases ontológicas e epistêmicas do presente estudo, ancoradas no aporte do chamado paradigma da complexidade, nos quais, segundo Vasconcelos (2002), os pressupostos da instabilidade, intersubjetividade e complexidade, tornam inadequadas a adoção de procedimentos lineares e deterministas, que visam à descoberta de relações causais fechadas acerca dos componentes que envolvem a questão de investigação. Delimitar objeto de estudos e traçar objetivos de pesquisa exige operar, epistêmica e metodologicamente, uma distinção daquilo que consistirá no foco da investigação. Porém, como alerta Vasconcelos (2002), a distinção é uma estratégia que não deve incidir numa disjunção ou fragmentação do que se investiga. Costa (2015) ressalta

que é justamente as relações que integram as partes de um sistema ao todo que abrigam a possibilidade de compreendermos seu funcionamento, a dinâmica, suas singularidades e contradições, sendo, por isso irredutíveis. Os pressupostos da complexidade encontram-se também em consonância com o referencial teórico de base crítica dialética que aponta a concepção adotada no presente trabalho sobre os fenômenos psicossociais (REY, 2011)

No intuito de manter o foco sob a dimensão complexa do que se pretende investigar – a existência de uma borda no contexto dos sistemas sociais humanos dos projetos artísticos voltados para os adolescentes -, recorreu-se a estratégias que buscaram compreender as conexões entre os conteúdos apresentados pelos adolescentes pesquisados nos estudos anteriores (SILVA, 2013; VASQUES, 2014) e o olhar dos profissionais que tiveram central participação na execução de tais projetos acerca dos recursos disponíveis nos mesmos, passíveis de incidir em mudanças no quadro de vulnerabilidade dos jovens.

A pesquisa é de cunho exploratório qualitativa, visando compreender o fenômeno a partir dos dados e referências fornecidas pelos participantes e documentos, privilegiando os sentidos produzidos na análise das informações produzidas sobre forma de textos (MARCONI e LAKATOS, 2003; MINAYO, 2008). Passa-se, então, a apresentar o detalhamento do percurso seguido.

1.1 A PESQUISA DOCUMENTAL

1.1.1 DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS

Um conjunto de documentos compõem o material a partir do qual procedeu-se análise cuidadosa dos resultados das pesquisas produzidas pelo LABINS entre os anos de 2013 e 2015, as quais tiveram como objeto os projetos Jovem Cidadão (PJC) e Concerto de Natal 2012 e sua relação com mudanças no quadro de vulnerabilidade de adolescentes, segundo os jovens participantes. A pesquisa documental no presente estudo visou a verificação da existência de recursos passíveis de maximização para o enfrentamento de problemas vivenciados pelos adolescentes, a partir dos resultados das pesquisas anteriores junto aos participantes dos projetos PJC e CN.

Para o alcance deste objetivo, os principais documentos acessados foram:

1 - Relatório de Pesquisa apresentado sob formato de monografia, de Silva (2013), intitulado “Arte, Adolescência E Autoestima: Um Estudo Com Adolescentes Participantes Do Concerto De Natal De 2012 Na Cidade De Manaus”. O objetivo desta consistiu em conhecer os efeitos que a participação no Concerto de Natal de 2012 pode produzir sobre a autoestima de adolescentes vinculados ao Projeto Jovem Cidadão na cidade de Manaus.

2. - Relatório de Pesquisa apresentado sob formato de dissertação, de Vasques (2014), intitulado “Arte, Vulnerabilidade E Resiliência: Um Estudo Com Adolescentes Na Cidade De Manaus” cujo objetivo consistiu em compreender a relação entre arte e redução de vulnerabilidade na vida de adolescentes que participaram de um evento artístico na cidade de Manaus.

3 - Relatório de Pesquisa apresentado sob forma de monografia, de Castro (2014), “Sentidos Construídos sobre arte e vulnerabilidade por adolescentes participantes do concerto de natal de 2012 na cidade de Manaus”, cujo objetivo consistiu em conhecer os sentidos atribuídos a arte pelos adolescentes do PJC participantes do concerto de natal 2012 e a relação destes com o quadro de vulnerabilidade associados a sua vidas.

4 - Relatório de Pesquisa Pós-doutoral, de Costa (2015), intitulado: “Arte e intervenção com adolescentes em contexto de vulnerabilidade no Amazonas: Maximização do Efeito de Borda como estratégia de incremento de recursos” cujo objetivo consistiu em compreender o processo de emergência de recursos redutores de vulnerabilidade através de intervenções que envolvem arte, verificando em que aspecto tais recursos relacionam-se ao Efeito de Borda como maximizador de tais processos, a partir do resultado de pesquisas junto a adolescentes na cidade de Manaus.

Quadro 1. Descrição dos Documentos analisados

<i>Documento</i>	<i>Produzido por</i>	<i>Instrumentos diretos usados no estudo</i>	<i>Sujeitos investigados</i>	<i>Instrumentos indiretos usados</i>	<i>Sujeitos investigados</i>
1.	Silva (2013)	Entrevistas individuais	04 Adolescentes participantes do PJC e CN	----	----
2.	Vasques (2014)	Grupos Focais	20 adolescentes participantes do PJC e CN	Entrevistas individuais	04 Adolescentes participantes do PJC e CN
		Questionário Juventude Brasileira	35 adolescentes participantes do PJC e CN	----	----
3.	Castro (2014)	----	----	Grupos Focais	20 adolescentes participantes do PJC e CN
		----	----	Entrevistas individuais	04 Adolescentes participantes do PJC e CN
4,	Costa (2015)	----	----	Grupos Focais	20 adolescentes participantes do PJC e CN
		----	----	Entrevistas individuais	04 Adolescentes participantes do PJC e CN
		----	----	Questionário Juventude Brasileira	35 adolescentes participantes do PJC e CN

Fonte: Banco de Dados das pesquisas do Labins.

Os dados levantados foram gerados em pesquisa de campo realizada por Silva (2013) e Vasques (2014) junto a 35 alunos de duas escolas da rede pública da Zona Norte da cidade de Manaus, participantes do PJC e Concerto de Natal 2012. A escolha dos participantes dos estudos de Silva (2013) e Vasques (2014) residiu no fato de que estes haviam participado tanto do PJC quanto do Concerto de Natal 2012, eram, à época, alunos das duas escolas selecionadas para o estudo por situarem-se em zona considerada de vulnerabilidade na cidade de Manaus, aceitaram participar voluntariamente do estudo e tiveram o termo de responsabilidade de participação assinado pelos responsáveis.

Os instrumentos utilizados por Vasques (2014) foram: versão reduzida do questionário “Juventude Brasileira” (49 itens, Versão Fase II - DELL’AGLIO, KOLLER, CERQUEIRA-SANTOS, & COLAÇO, 2011), elaborado um Estudo Nacional sobre

Fatores de Risco e Proteção, tendo recebido tratamento através do programa SPSS para Windows, versão 22; 02 grupos focais com adolescentes que integraram o PJC e o CN, sendo realizado um em cada escola pesquisada. Silva (2013) utilizou em sua pesquisa apenas a entrevista individual em profundidade, totalizando 4 entrevistas. As transcrições integrais das entrevistas, grupos focais e arquivo com a tabulação dos questionários em formato do SPSS integram o acervo referente aos dados da pesquisa guarda-chuva do LABINS.

Os relatórios das pesquisas de Castro (2014) e Costa (2015), que também consistem em documentos analisados no presente estudo, consistiram em revisões sistemáticas e análise dos bancos de dados das pesquisas de Silva (2013) e Vasques (2014), e não a dados produzidos junto a diferentes participantes ou com outros instrumentos.

1.1.2 Tratamento da Informação/dados

A fim de cumprir os objetivos que se referem aos resultados das pesquisas anteriores, optou-se pela adoção de estratégias de Revisões Sistemáticas, tal como proposto por Lovatto et al (2007), a saber:

- Sistematização das informações
- Codificação dos dados
- Filtragem dos dados
- Análise dos dados

Os resultados obtidos através da análise documental foram sistematizados segundo o quadro abaixo, e serão apresentados em profundidade no capítulo II desta dissertação.

Quadro 2: Categorias e subcategorias levantadas a partir da Análise Documental

<i>Categoria Identificada</i>	<i>Subcategorias</i>	
1. Adolescência e Vulnerabilidade	<ul style="list-style-type: none"> - Comunidade - Drogas - Rotina - Perspectivas de futuro - Família 	
2. Arte e seus recursos	<ul style="list-style-type: none"> - PJC (Rotina, novas experiências, expansão dos recursos relacionais) 	<ul style="list-style-type: none"> - CN (Rotina, novas experiências, expansão dos recursos relacionais, reconhecimento, melhora na auto-estima e auto-conceito)
3. Recursos passíveis de maximização no PJC e CN	<ul style="list-style-type: none"> - vivências que melhoram autoestima e autoconceito - vivências que fortalecem vínculos familiares e comunitários - vivências que favorecem participação crítica e ativa dos jovens - estratégias de continuidade de ações de suporte aos projetos de vida 	

Fonte: Dados das entrevistas e grupo focal da pesquisa de Vasques (2014).

1.2 A Pesquisa De Campo

A segunda etapa do presente estudo consistiu na contribuição original deste ao projeto guarda-chuva o qual o integra, envolvendo um outro segmento de participantes do PJC e CN os quais ainda não haviam sido estudados: os profissionais responsáveis pela sua execução.

Uma vez que o objetivo maior desta pesquisa consistiu em investigar com os profissionais responsáveis pela execução de projetos artísticos desenvolvidos junto a adolescentes em duas escolas públicas de Manaus no ano de 2012, o potencial de maximização de recursos promotores de proteção e redução de vulnerabilidade destas atividades, a partir do conceito do Efeito de Borda, fez-se necessário a retomada do contato os órgãos responsáveis pela coordenação e execução dos projetos, a princípio identificadas como sendo unicamente SEC, e a SEDUC, por sediar os projetos.

O objetivo do contato inicial consistiu na autorização de acesso às informações (dados documentais e relatórios sobre o Concerto de Natal de 2012, escolas participantes, coordenadores, diretores, dentre outros dados relevantes). De igual modo procedeu-se junto à Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino do Amazonas (SEDUC), dada à relevância de sua participação e de seus profissionais na execução dos projetos em

foco.

Apesar da informação sobre a desativação do PJC desde o início de 2015, obteve-se autorização para obtenção de contatos dos instrutores e coordenadores participantes do PJC e CN de 2012 nas secretarias citadas, dando-se, assim, início à etapa de campo através do contato com os coordenadores responsáveis pela execução dos projetos para participação na pesquisa.

1.2.1 O campo e a relação com o trabalho

Os projetos artísticos em foco foram desenvolvidos pela parceria entre diversas secretarias, a saber: a Secretaria de Estado de Assistência Social (SEAS) responsável por sua coordenação, Secretaria de Educação e Qualidade do Ensino no Amazonas (SEDUC) - espaço onde ocorriam as atividades e Secretaria de Estado da Cultura (SEC) – cuja responsabilidade era desenvolver as atividades artísticas junto aos adolescentes. A SEC disponibilizava os profissionais para atuarem no PJC, contemplando as modalidades de dança, teatro e música. Essas atividades foram realizadas em 149 (cento e quarenta e nove) escolas da rede pública de ensino, as duas escolas escolhidas para pesquisa de Vasques (2014) situavam-se na zona norte da cidade, por ser uma área considerada de risco.

O Concerto de Natal ocorria no dia 25 de dezembro, desde 2002 até 2014 (último ano que contou com a presença dos adolescentes participantes do pjc). Esta atividade contava também com a participação dos profissionais da SEC e do LAOCS.

Vasques (2014) aponta que o Liceu de Artes (LAOCS) tem por finalidade aperfeiçoar o talento artístico de crianças, adolescentes e adultos através de cursos gratuitos: livres, regulares e especiais (de inclusão). Uma das metas destes projetos é de contribuir para a capacitação de mão-de-obra especializada nas áreas de dança, artes cênicas, música popular, erudita, canto coral, artes plásticas e orquestras semiprofissionais. As concepções que norteiam tanto o PJC quanto a inclusão dos adolescentes no Concerto de Natal estão em conformidade com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) lei n. 8069, de 13 de julho de 1990.

A pesquisadora após receber a autorização da SEC foi encaminhada ao LAOCS para realizar as entrevistas com os profissionais da arte, a mesma foi bem recebida por eles e notou grande desapontamento deles em relação ao término dos projetos, pois os mesmos

havia sido extintos há poucos meses. Do mesmo modo procedeu com a SEDUC, porém nesta instituição o processo de aprovação foi mais lento e não atingiu sua completude, pois a gestora da segunda escola pesquisada já havia entrado com processo de aposentadoria e o banco de dados desatualizado desta secretaria não permitiu que a mesma fosse localizada para participar da pesquisa. Posteriormente, a partir de informações obtidas no campo, a SEAS foi identificada como instituição que coordenava os projetos no âmbito da assistência e monitoramento das ações e tentou-se sem sucesso realizar a pesquisa também nesta instituição. A solicitação foi indeferida com a justificativa que os funcionários que executaram o PJC (já então extinto) não faziam mais parte do quadro de funcionários.

Por fim relata-se a implicação da pesquisadora com a temática, uma vez que a mesma já havia desenvolvido um projeto de pesquisa com funcionários como obtenção de nota da disciplina no mestrado: “Risco, proteção e Vulnerabilidade, ministrada pela Prof. Dra. Cláudia Sampaio e a partir desta pesquisa ampliou-se o olhar a respeito deste público e buscou-se uma aproximação com este público alvo. Além de sua atuação junto a gerência de programas, projetos e atendimento escolar em um órgão público, onde predominantemente, acompanha as questões relativas às propostas que visam redução de diversos problemas que acometem a infância e juventude, tornando ainda mais vívida a problemática da eficácia de projetos e programas cujos resultados deveriam apontar para transformações concretas na vidas dos indivíduos e na sociedade.

No tocante ao modo como foi concebida a participação dos profissionais no PJC e CN, ambos podem ser compreendidos como atividade e intervenção capazes de produzir impacto positivo na vida dos participantes.

1.2.2 Participantes

Um dos critérios mais utilizados para determinar os participantes do estudo em pesquisas qualitativas é o método de amostragem proposital ou intencional, que considera a natureza do problema e não a natureza estatístico-populacional (REY, 2002). O termo *participantes* coaduna-se mais com as bases teórico-epistêmicas que norteiam este trabalho, e a escolha destes não é definida como um ato de seleção fechado no começo da pesquisa. Ao contrário, resulta de um processo, conforme as necessidades que surgem no

decorrer do trabalho de campo, quando as múltiplas dimensões do fenômeno em estudo começam a emergir, permitindo ao pesquisador a identificação de sujeitos-chave.

Todavia, alguns pontos de partida orientaram a que se chamou de critério inicial de escolha dos participantes: foram procurados profissionais (coordenadores, gestores, instrutores, etc.) que atuaram no PJC e CN, e que, por isso, tenham vivido experiências vividas com os adolescentes em vulnerabilidade já pesquisados nos estudos anteriores citados e que, obviamente, concordassem voluntariamente em integrar o presente estudo.

Quadro3. Perfil dos Profissionais entrevistados

PROFISSIONAL	FUNÇÃO	INSTITUIÇÃO
Pedro	Instrutor, Coordenador geral e coordenador do PJC na modalidade dança.	SEC
Lucas	Instrutor, Coordenador geral de música e coordenador do PJC nas escola 1 e 2	SEC
Maria	Supervisora dos instrutores da SEC nas escolas	SEC
Francisco	Gestor da Escola 1	SEDUC

Fonte: Dados das entrevistas realizadas pela pesquisadora em 2015

1.2.3 Instrumentos

Para a construção do *corpus* de análise resultante da pesquisa de campo, construiu-se um roteiro de entrevista semi-estruturada em profundidade contendo eixos norteadores como o perfil dos entrevistados bem como aspectos da percepção deles em relação aos adolescentes pesquisados, aos recursos e dificuldades diante aos projetos. A entrevista semi-estruturada é uma das estratégias de acesso à experiência dos sujeitos na qual questões focais relacionadas aos objetivos do estudo são apresentadas, sem, com isso, restringir as possibilidades de entrevistador e entrevistado flexibilizarem o curso da mesma, seguindo a dinâmica que se estabelece na comunicação em torno da temática e das experiências de quem fala. As entrevistas contaram também com a colaboração de um auxiliar de pesquisa do LABINS. Ocorreram em um único encontro com cada entrevistado

em local definido pelos mesmos. Foram gravadas em áudio e transcritas para posterior análise.

1.2.4 Estratégia de sistematização e análise dos dados

A escolha do método de sistematização e análise dos dados deve estar de acordo com a compreensão que se tem sobre a natureza do objeto de estudo e as formas possíveis de compreendê-lo. Considerando que os construtos que envolvem o problema de pesquisa investigado e os objetivos do estudo são entendidos sob a ótica da complexidade, destacando a processualidade e a natureza dinâmica e contraditória dos fenômenos psicossociais, bem como também identificando o conceito de Efeito de Borda como alinhado à esta perspectiva de movimento e não-linearidade, buscou-se alternativas que não reduzissem os achados a relações causais mecânicas.

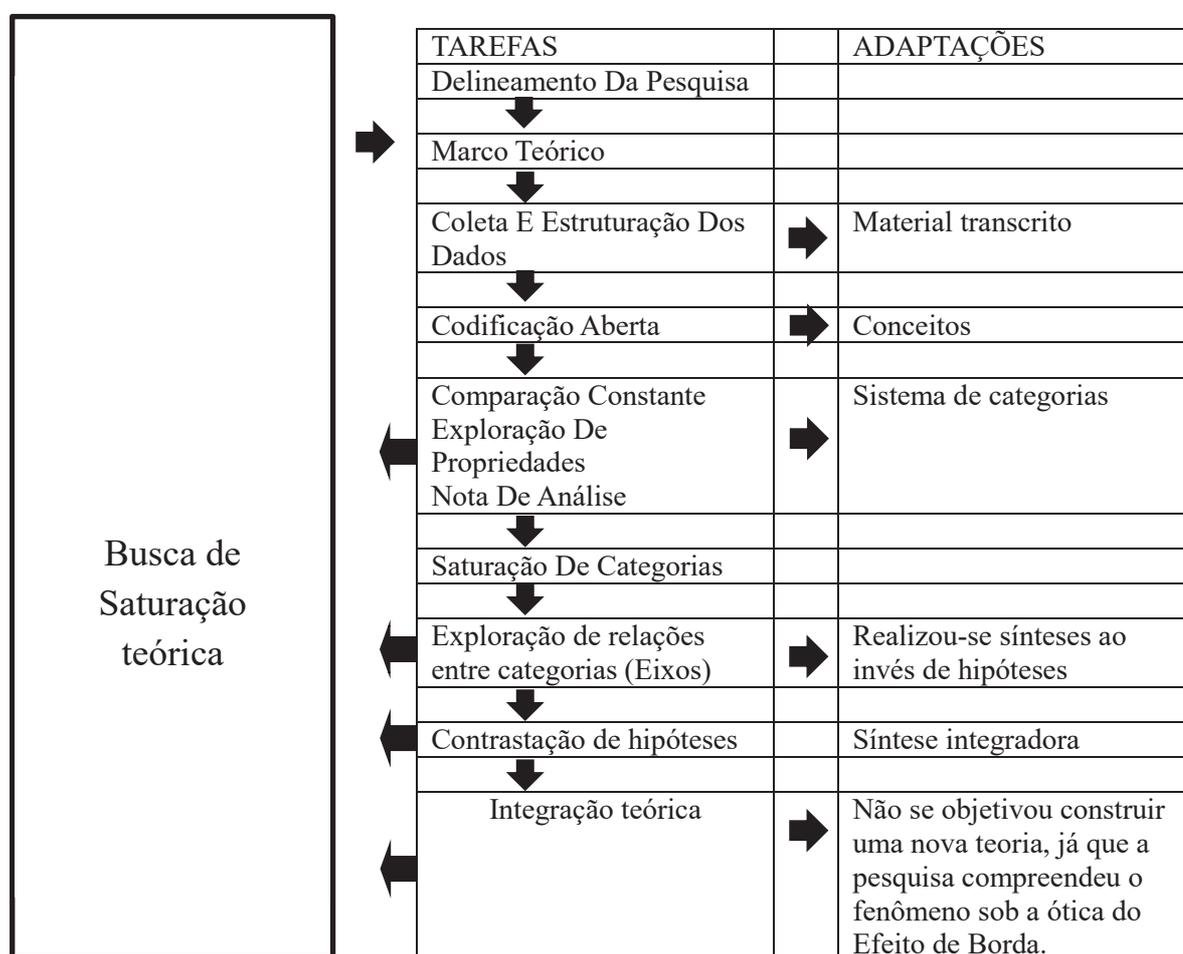
A *Grounded Theory* ou Teoria Fundamentada nos Dados, é um método difundido por Strauss e Corbin (1990), indicado para análise de dados onde a teoria não se impõe a priori, esperando-se, pois, que emerja dos dados. Segundo Yunes e Szymanski (2005), trata-se de um método “*particularmente sensível a contextos, que permite a compreensão do sentido de determinadas situações*” onde “*o pesquisador deve buscar as respostas em outros momentos da entrevista, para identificar as propriedades e dimensões dos códigos, o que o auxiliará na descoberta das categorias.*” (YUNES & SZYMANSKI, 2005, p.4-5). Também chamado de método de comparação constante entre as hipóteses que são construídas a partir das categorias em suas múltiplas conexões, permite um movimento de contrastação que levam à uma integração o síntese descritiva sobre o fenômeno central do estudo, “*capaz de explicar diferenças e semelhanças encontradas nas experiências*” (YUNES & SZYMANSKI, 2005, p. 6).

A Sistemática da Teoria fundamentada se destina a estruturar a informação, com vistas à descoberta de elementos comuns nas diferentes entrevistas, utilizando inicialmente uma codificação aberta. A etapa seguinte consiste na construção de categorias e subcategorias (condições, interações, estratégias), que conduz ao delineamento dos eixos de análise. O refinamento do processo possibilita que permita desenvolver uma teoria a

respeito de determinado fenômeno social (LÓPEZ;SCANDROGLIO,2007;TRINIDAD,CARRERO, SORIANO,2006).

Deste modo, realizou-se uma adaptação da sistemática de análise da GT para organizar e interpretar os dados das entrevistas realizadas, seguindo o modelo proposto por Moraes (2008):

Tabela1. Sistemática da ATF/MCC



Fonte: LÓPEZ;SCANDROGLIO,2007.P.594. Tradução nossa.

A Aplicação integral da ATF/Graounded Theory não seria viável nesse estudo, porque essa parte do suposto de explorar um fenômeno sem teoria prévia, o que não é o caso da presente pesquisa, que se fundamenta nos construtos do *efeito de borda*. Elaborou-

se então, uma proposta metodológica que consiste na adaptação da sistemática de análise da Análise da Teoria Fundamentada (Grounded Theory) (BARLETT;PAYNE,1997;LÓPEZ;SCANDROGLIO,2007;VALLES,1997)

Todavia, a despeito deste método ser apropriado aos princípios epistemológicos e ontológicos do estudo, entende-se que o fato do conceito de Efeito de Borda ser tomado como organizador do olhar sobre os conteúdos que emergirem dos dados, retira a possibilidade de adoção integral da GT como estratégia de análise. Moraes (2010) e Costa (2007), entretanto, ao se depararem com desafio metodológico semelhante em suas pesquisas, propuseram uma adaptação à sistematização do método de análise da GT, na qual mantiveram o processo de codificação aberta movimento de comparação/contrastação constante, lançando mão, contudo, de teorias de referência. No caso de ambas, o objetivo não consistia em gerar uma nova teoria, mas permitir apreender dimensões complexas, complementares e originais acerca dos objetos estudados, tal qual o objetivo do presente estudo.

A contrastação e comparação como resultado final da adaptação do método, permitiu o estabelecimento de categorias conceituais e relacionais as quais foram articuladas ao conceito de Efeito de Borda e conceitos afins, conduzindo à elaboração de sínteses a partir de cada um dos entrevistados e, em seguida, uma síntese integradora dos dados de cada entrevista, apresentando semelhanças, contrastes e aspectos dinâmicos do contexto estudado, o tanto quanto possível. Os resultados obtidos através desta sistematização serão apresentados no capítulo III do presente trabalho.

1.2.5 Atendimento aos princípios éticos

Este estudo faz parte de um estudo maior realizado pelo LABINS, com início ainda em 2012. O projeto guarda-chuva ao qual este se vincula - Arte, Subjetividade e Vulnerabilidade: Um estudo com adolescentes participantes de um evento artístico na Cidade de Manaus, obteve aprovação necessária junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 19035213.7.0000.5020, Anexo c), atendendo todas as exigências da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. A todos os sujeitos envolvidos na pesquisa, quer nas etapas anteriores, quer na etapa atual, foram adotados procedimentos éticos para que

não fossem expostos a situações em que sua integridade e bem-estar estivessem sob ameaça.

Procedimentos de confidencialidade dos dados norteiam todos os momentos de realização da coleta de dados, armazenamento, tratamento dos mesmos e divulgação dos resultados.

A livre adesão à participação foi assegurada a todos os participantes, podendo se retirar a qualquer momento da pesquisa sem que isso gere algum prejuízo a quem assim proceder.

Os riscos envolvidos na pesquisa são mínimos, considerando que se trata de coleta de dados de experiências a serem relatadas oralmente ou através de preenchimento de questionário. Considera-se, ainda que reduzidamente, a eventual mobilização emocional por conta de algum tema abordado. Em caso de desconforto do participante devido a questões desta natureza, está previsto o atendimento emergencial local e direto por parte da pesquisadora responsável, a qual possui formação profissional compatível para tais situações.

CAPÍTULO II – ADOLESCENTES NA BORDA DE PROJETOS ARTÍSTICOS: O POTENCIAL PARA ENFRENTAMENTO DA VULNERABILIDADE A PARTIR DO RESULTADOS DE PESQUISAS NA CIDADE DE MANAUS

O presente capítulo tem como proposta situar a relação entre adolescência e vulnerabilidade, arte como intervenção e sua vinculação com os processos de desenvolvimento e enfrentamento de adversidades na adolescência e, por fim, os efeitos de borda passíveis de emergir em projetos artísticos destinados a adolescentes em vulnerabilidade. Todos estes aspectos são discutidos nesta seção a partir do entrecruzamento da revisão de literatura e dos dados obtidos através de pesquisas realizadas pelo LABINS, as quais geraram dados referentes aos recursos promotores do desenvolvimento nas diversas modalidades artísticas (SILVA, MAGALHÃES E COSTA, 2013; SILVA, 2015; COSTA, 2015) e à participação de 35 adolescentes em 2 projetos artísticos desenvolvidos no ano de 2012 na cidade de Manaus, a saber, PJC e CN (SILVA, 2013; VASQUES, 2014; CASTRO, 2014; COSTA, 2015).

2.1 Adolescência, Vulnerabilidade e Arte: uma articulação possível

Os desafios colocados na contemporaneidade aos estudiosos da adolescência e os agravos que acometem este período da vida, exigem uma reflexão necessária acerca deste período. Dentre os caminhos possíveis de compreendê-la, opta-se, neste trabalho, por apresentar as *“significativas contribuições oriundas do campo da Psicologia Social Crítica, Psicologia Cultural, Antropologia, Sociologia e Pedagogia Crítica, como contraponto à grande influência que as teorias consideradas mais tradicionais no escopo da Psicologia do Desenvolvimento e da Personalidade gerou sobre este período da vida”*, tal como proposto por Costa e Oliveira (2016).

De modo sintético, pode-se dizer que um dos reflexos da adoção dos referenciais ditos tradicionais, dentre os quais receberam destaque no Brasil teóricos como Erik Erickson (1976) e Maurício Knobel (1992), é que a adolescência passa a ser vista sob um enfoque universal enquanto uma fase de transição, marcada por muitos questionamentos e

incertezas, ainda que seja considerada a relevância de fatores intrínsecos (biológicos, emocionais e genéticos) e extrínsecos (família, escola, amigos e comunidade) como determinantes na sua formação. Todavia, a naturalização dos conflitos tidos como inerentes à essa fase apresentada através de características universais, impede que o fenômeno seja tomado em sua perspectiva histórico-cultural.

A exemplo de como a universalização e naturalização vem operado, cita-se o modo como os estudos da adolescência a partir de Erickson (1976) impactaram e ainda impactam o modo desta ser compreendida: por apresentar a adolescência nas condições por ele estudada enquanto período de crise, depreende-se que o principal desafio deste estágio seria estabelecimento de um senso de identidade e de escolha antes de entrar na fase adulta. Para o teórico, este seria o acontecimento e desafio central da adolescência, o qual ele denominou de “Crise Normativa”. Ainda segundo o autor, a palavra crise pode referir-se a um período de grande vulnerabilidade e potencialidade e surge da necessidade de escolha. Outra marca desta fase seria a dificuldade em estabelecer uma identidade própria, pois ao mesmo tempo em que deve aceitar suas mudanças físicas e sentimentos libidinais como sendo propriedade dele, o adolescente procura desesperadamente participar de algum grupo social. O sentimento de participação no grupo determina um sentimento de clã, onde o adolescente procura conforto para as modificações que ocorrem nele.

Também na tradição desenvolvimentista e da personalidade sob viés psicanalítico, a teoria de Maurício Knobel (1992) introduziu o conceito de "síndrome normal da adolescência", que seria a passagem por desequilíbrios e instabilidades extremas, resultando numa vulnerabilidade inerente aos impactos projetivos da família e sociedade, a qual se constitui numa crise essencial. Observa-se que sob um ou outro aporte, a adolescência é fortemente associada à crises inerentes ao processo de maturação, centrados nos conflitos de natureza intrapsíquica, pressupondo que a superação das chamadas crises implicariam no ultrapassar desta fase e do foco sobre processos de resolução predominantemente subjetiva (COSTA, 2015).

Por outro lado, visando superar o caráter individualista e, por conseguinte, reducionista que as concepções desenvolvimentistas ditas tradicionais sedimentaram, situa-se uma vertente nos teóricos e autores de orientação crítica incluem a dimensão social não apenas como influência no desenvolvimento, mas como constitutiva dos processos que a definem. Na interface com outros campos do conhecimento, em especial das ciências

sociais, depreende-se que as formas de constituir-se adolescente não são as mesmas para todos os indivíduos em todas as culturas. Apesar da transformação corporal que marca a maturação biológica atrelada a este período, Costa (2015) afirma que tais demarcadores fisiológicos, além de suas funções e impactos biológicos, são significados socialmente e, que pela mediação cultural, passam a ter expressão complexa e de contexto social e histórico na subjetividade.

No trânsito junto a outros campos do saber que as abordagens críticas têm avançado em contribuições teóricas, revisitando abordagens, reiterando algumas e criticando outras. Os estigmas que recaem sobre os adolescentes ou à adolescência como etapa de crises e turbulência, naturalizando a negatividade associada a este período tem sido um dos pontos mais criticados, por não considerar a própria definição e o processo da adolescência como resultado das interações entre os determinantes biológicos e os processos histórico-sociais, portanto, vinculados aos modos do desenvolvimento construídos pela própria condição humana no contexto da sociedade.

Abordagens culturalistas (ROGOFF, 2005) e de inspiração histórico-cultural (AGUIAR, 2011, OZELLA, 2003) visam à superação das concepções atreladas a modelos naturalistas e universalistas, reforçando a dimensão constitutiva dos aspectos históricos e sociais no que se compreende e vivencia por adolescência.

a adolescência corresponde a um período que abriga, além das mudanças biológicas, construções sócio-culturais que conferem ao sujeito as possibilidades de constituir-se adolescente (OZELLA *et al*, 2003).

Para os autores citados, sua constituição histórico-social também o insere na dimensão de sujeito ativo, sendo este, ao mesmo tempo, produto dos condicionantes de sua história e cultura, e, também, produtor do ambiente histórico e social do qual faz parte. Assim, Sob o referencial que norteia este trabalho, entende-se que as possibilidades de expressão do que é ser adolescente, são construídas no conjunto social. Contradições, relações de poder, acessos e limites sob as quais se estrutura a vida social para o chamado segmento da adolescência, passam a ser elementos fundamentais para compreender os processos vivenciados por estes sujeitos.

Em se tratando então de pensar a vulnerabilidade que acomete os adolescentes na contemporaneidade, Costa e Oliveira (2016) ressaltam que, ainda no âmbito de uma mesma sociedade, vários modos de se constituir adolescente podem co-existir, em grande diversidade e diferentes graus de vulnerabilidade. Dessa forma, entende-se que *“uma perspectiva mais ampla que procure compreender todos os aspectos interferentes no ser humano, é pertinente para um olhar diversificado sobre o adolescente e os contextos nos quais está submerso”* (FRANCO, 2009).

Costa (2015) argumenta que *“os modos de vida construídos como principais formas de expressão na adolescência contemporânea expõem os jovens a um alto índice de vulnerabilidade e múltiplas situações de risco”*. Estudiosos da temática da adolescência destacam o conflito com a lei, violência, gravidez e paternidade precoce, dependência química e as doenças sexualmente transmissíveis como situações negativas associadas a este período (ASSIS, 199; BURT, 2002; CUNHA, 2000; GARBARINO, 1999). De acordo com Garbarino (1999), é a combinação de fatores que propicia o aumento do risco a este grupo. Para Costa (2009), esta realidade é prevalente nas sociedades urbanas capitalistas, organizadas sob o viés ocidental hegemônico. Segundo a autora, a co-ocorrência complexa e dinâmica de alguns fatores predispõe à maior vulnerabilidade, mas não de igual modo a todos os que se encontram nesta fase: no Brasil, por exemplo, verifica-se que ser jovem do sexo masculino e pertencer a classes sociais baixas são fatores que predispõem adolescentes aos riscos acima citados, como: a violência, evasão escolar, uso indevido de drogas e envolvimento em atos infracionais.

Sob o entendimento de que as possibilidades de ser e de se constituir como sujeito encontram na relação com a cultura, compreende-se que a condição adolescente, em vulnerabilidade, resulta dos processos de interação do indivíduo com os recursos existentes e sentidos que são socialmente construídos acerca destes, da sociedade e de si. Assim, coerente com os referenciais críticos adotados sobre adolescência, buscou-se articular também conceitos críticos acerca do conceito de vulnerabilidade, que pudessem também apreender as dimensões complexas que aparecem atreladas a este, sob pena também de recair em perspectivas reducionistas e individualizantes sobre o risco nesta fase da vida.

Esta, diferentemente do conceito de risco, resulta de um conjunto de aspectos individuais e também coletivos e contextuais, que acarretam maior suscetibilidade aos

processos de agravos ou adoecimento e, de modo inseparável, maior ou menor disponibilidade de recursos de todas as ordens para proteger-se.

Ainda de acordo com Ayres et al (2003), para analisar a vulnerabilidade faz-se necessário a avaliação articulada de três eixos O conceito de vulnerabilidade é amplamente discutido na Saúde Pública e de grande interesse à Psicologia e ao campo da Assistência. Adota-se aqui a perspectiva defendida por Ayres et al (2003), que a compreendem enquanto movimento de considerar a chance de exposição das pessoas a eventos negativos que devem estar interligados, são eles: componente individual, referente ao grau e qualidade da informação que os indivíduos têm de determinado problema; componente social, diz respeito ao acesso às informações, dos meios de comunicação, escolarização e de estar livre não só livre de coerções como também poder-se proteger dos agravos; e componente pragmático, refere-se a canalização de recursos sociais para fortalecer os indivíduos. Este modo de conceber a vulnerabilidade corresponde ao que estudiosos da temática da resiliência como Yunes (2003) também apresentam, após superado o entendimento de que esta consistia numa capacidade inerente ao indivíduo de enfrentar com êxito e demonstrando certa ‘invulnerabilidade’, os eventos negativos no curso de vida, sendo substituído por uma compreensão complexa, processual e dinâmica da mesma. Contudo, o aprofundamento sobre a questão da resiliência não é objetivo do presente trabalho.

Como parte significativa do presente estudo, debruçou-se sobre a vulnerabilidade que configura modos de vida de adolescentes na cidade de Manaus e os recursos que estes dispõem ao enfrentamento destas condições, a partir da participação em projetos artísticos, os quais serão posteriormente detalhados. A pesquisa de Vasques (2014) junto a 35 adolescentes de duas escolas públicas na cidade de Manaus levantou dados através de um questionário intitulado “Juventude Brasileira” (LIBÓRIO & KOLLER, 2009) e entrevistas individuais e grupos focais, que apontaram para aspectos importantes sobre as condições aos quais se encontravam.

Quadro4: Adolescência e Vulnerabilidade

PROBLEMAS IDENTIFICADOS	
1. Comunidade	Vista como lugar perigoso e inseguro, além de facilitadora para o consumo de drogas. Relataram a insegurança em morar naquele bairro, com relatos de assaltos, briga de vizinhos e desconfiança.
2. Drogas	A maioria relatou ter tido relação direta com drogas, sendo as mais frequentes: álcool, maconha, cigarro e inalantes. Amigos e familiares de alguns desses jovens já utilizaram drogas lícitas e ilícitas; um dos participantes afirmou ainda ser usuário.
3. Escola	Relataram sentir-se bem quando estão na escola e gostam de frequentá-la, ainda que contraditoriamente apontem a Escola enquanto um espaço com relações frágeis e nem sempre confiáveis. Protagonismo pouco valorizado e vivências pouco estimulantes.
4. Rotina	Os projetos artísticos dos quais participaram foram descritos de forma positiva, mas descreveram a rotina diária como sendo cansativa por incluir trabalho, escola, atividades domésticas e as atividades dos projetos. Alguns adolescentes cogitaram a possibilidade de desistir de participar de ambos dadas as dificuldades.
5. Perspectivas de futuro na arte	Expressaram desejo de continuar nas atividades dos projetos, mas fatores como ultrapassar limite máximo de idade, modalidade e descontinuidade dos projetos impediram a permanência dos jovens nos mesmos. Os sentimentos advindos da participação na apresentação despertava um complexo de sentimentos como: saudade, satisfação, carinho ansiedade e até mesmo angústia.
6. Família	As relações familiares foram descritas como frágeis, grande parte destes jovens não mora com o genitor e alguns têm relação conflituosa com a figura materna e foi relatado também longos períodos de ausência de adultos em casa no cotidiano desses jovens.

Fonte: Análise do Banco de Dados das pesquisas do Labins (Questionário de Juventude Brasileira, grupo focal e entrevistas).

Segundo os resultados obtidos por Vasques (2014), os adolescentes pesquisados encontravam-se com idade entre 12 e 15 anos de idade, não apresentando distorções idade-série (entre o 6º. ano do Ensino Fundamental e o 1º. ano do Ensino Médio). Destes, 68,6% eram do sexo feminino e 31,3% do sexo masculino, quase todos moravam com a mãe e eram solteiros. Os principais problemas encontrados foram: a comunidade que foi descrita como perigosa, relataram briga entre vizinhos, assaltos, e lugar onde eles possuem contato direto com as drogas, seja através de seus familiares ou pares.

Quase todos os adolescentes pesquisados já haviam usado drogas. A escola apesar de ser um espaço onde ocorriam parte das atividades dos projetos, por exemplo, foi pouco citada pelos adolescentes e não foi descrita como favorecedora de protagonismo. Inserida em uma comunidade cujas relações são descritas como frágeis e não confiáveis, a escola é também apontada como um espaço com relações se dão de maneira também não confiável,

não sendo possível aos adolescentes estabelecerem vínculos profundos e sólidos com colegas e professores (VASQUES, 2014).

Tal como apresentado por Ayres et al (2003), o conceito de vulnerabilidade revela-se de grande utilidade na análise dos dados do quadro apresentado, pois retira o foco do indivíduo, trazendo a abrangência da dimensão social, aspecto com o qual concorda Costa (2007). Os problemas relatados pelos adolescentes, apesar de terem seu reflexo no campo individual, ou seja, na expressão concreta de sua subjetividade, não são passíveis de compreensão, enfrentamento e resolução se tomados na esfera das condutas individuais. A experiência com as drogas, por exemplo, não pode ser compreendida dissociada do entorno apresentado pelos jovens e das relações que estes estabelecem com a comunidade e a escola. A fragilidade das relações familiares, ao mesmo tempo em que esta é também uma base de apoio relativamente constante na vida dos jovens (a maioria reside com os familiares), também demanda uma compreensão sob quais são as condições em que se encontram estes grupos. Mesmo no que se refere aos projetos dos quais foram participantes e da rotina a qual estavam imersos, observa-se condições de participação as quais aparentemente extrapolavam as possibilidades dos adolescentes se contraporem, como limites na execução dos projetos, excesso de atribuições, dentre outras. Seriam, pois, estes jovens “vulneráveis” ou expostos a circunscritores que definem as possibilidades de ser, no âmbito de sua cultura?

Estas dimensões e graus mudam constantemente, por isso o ideal é referir-se a pessoa não como “vulnerável” e sim em “estado” ou “condição” de vulnerabilidade a algo, em algum grau e forma, e num certo ponto do tempo e do espaço. Os estudos sobre a vulnerabilidade e adolescência têm contribuído para compreender as relações complexas que integram o cotidiano do adolescente, seu meio, seus recursos existentes, acessos ou restrições que tornam possível a superação ou permanência em quadros desfavoráveis ao seu desenvolvimento.

O panorama obtido a partir do cotidiano dos jovens estudados por Vasques (2014) reflete a complexidade - entendida enquanto de inter-relações indissociáveis entre sistemas ou subsistemas e aspectos diversos (OLIVEIRA, 2003) - que compunha a vida dos adolescentes participantes, incluindo os agravos e os recursos também disponíveis. Deste modo, em consonância com concepção de adolescência e vulnerabilidade adotadas como

norteadoras neste estudo, compreende-se não só as adversidades que envolvem os modos de vida, mas que tudo o que configura como recurso, atividades e conexões, se disponíveis enquanto formas e espaços de expressão/ação para os adolescentes, são carregados de sentidos e possibilidades de perceber-se e conduzir-se, resultando em modos mais ou menos efetivos de realizar um enfrentamento às condições desfavoráveis.

Pensando a vulnerabilidade na perspectiva da complexidade e corroborando com a perspectiva histórico-cultural de que os elementos para constituir-se enquanto sujeito encontram-se disponíveis nos modos construídos e disponibilizados aos indivíduos e grupos em seu contexto social, a arte enquanto modo de expressão e atividade pode e deve ser vista como um dos recursos que constituem os modos de vida.

O uso de estratégias utilizando arte vem sendo bastante explorado em intervenções nos mais variados contextos, abarcando desde finalidades terapêuticas, ocupacionais, até as que envolvem transformação pessoal, social e profissionalização. Tem se verificado que as atividades artísticas relacionam-se com várias questões importantes aos aspectos intrapsíquicos, tais como a “estimulação de processos identitários, expressão de subjetividades, desenvolvimento de autonomia, novos modos de auto percepção, aumento da autoestima, comunicação afetiva e estimulação da criatividade” (SILVA, 2012, p.46). A arte favoreceria, também, a promoção de fatores facilitadores de socialização, como comunicação, desenvolvimento de interações saudáveis com colegas, com a família e com a comunidade, compartilhamento de experiências capazes de proporcionar uma melhor compreensão do outro e de si mesmo, sentimento de pertencimento social e resistência à segregação.

A atividade artística é vista tanto como individual e variável, marcada pela sensibilidade, personalidade e interesse de cada ser, como produto imbricado com os sentidos sociais, variando de acordo com a cultura de cada época. O entendimento de que a arte é consiste tanto no reflexo da realidade social como em formas de conhecimento de interação com a realidade, tendo também o poder de modificá-la, articula-se às concepções histórico-culturais existentes na Psicologia. No campo mais político, Gianvechio (2008) aponta que a arte, a despeito de seus múltiplos usos, revela um importante papel de denúncia da opressão, violência e atentados. Em consonância com esta autora, a arte está

relacionada a funções sociais e quando está inserida em comunidades deve promover reflexão crítica, pensamento transformador e vontade de mudança.

Seja como dispositivo capaz de produzir bem-estar, ampliar consciência dos indivíduos, propiciar reflexões e ressignificações pessoais e inserção na comunidade, a arte tem sido vista como atividade facilitadora de construção de suportes de resiliência, o que também vem sendo direcionado ao segmento para adolescentes em vulnerabilidade social. Em revisão de literatura envolvendo projetos artísticos e adolescentes em vulnerabilidade no Brasil, Silva, Magalhães e Costa (2013), concluíram que as atividades artísticas pesquisadas relacionam-se a várias questões importantes aos aspectos intrapsíquicos, além da promoção de fatores facilitadores de socialização, como comunicação, desenvolvimento de interações saudáveis com colegas, com a família e com a comunidade, compartilhamento de experiências capazes de proporcionar uma melhor compreensão do outro e de si mesmo, sentimento de pertencimento social e impacto em sua identidade e produção de sentido.

Wazlawick e Maherie (2009) trazem uma importante colaboração sobre a temática quando relatam uma pesquisa-intervenção com educadores e alunos, através da musicoterapia, na qual adolescentes vivenciavam a música, com o intuito de criar novos sentidos de si como grupo, com possibilidade de (re) criarem ou (re) inventarem o fazer pedagógico bem como construir outras formas de aprendizado, para os professores. Alberto Costa (2012), no projeto “Arte, intervenção e resistência”, explorou a temática da intervenção social e política da arte, através das artes visuais, literatura, música e teatro. E dentre vários projetos interventivos, o projeto inter-pares, foi escolhido para ser executado no espaço escolar.

Experiência importante como referência junto a adolescentes autores de atos infracionais é apresentada pelo artista plástico Antônio Veronese (2000), sobre oficinas de pinturas no Rio de Janeiro. Segundo o autor, os adolescentes denunciavam a vulnerabilidade em que estavam inseridos e, apesar de reproduzirem a violência em sua produção, abandonavam progressivamente estes conteúdos, por meio de uma elaboração que a experiência com a arte e uma nova experiência de si e de estar no mundo proporcionavam. De modo semelhante, Costa et al (2011) contribuem com o relato e reflexão da experiência do Projeto “En-Canta a vida”, desenvolvido em um Centro

Socioeducativo da cidade de Manaus, onde adolescentes do sexo masculino cumprindo medida de internação entre 16 a 18 anos incompletos, integraram um grupo de canto-coral junto a universitários e músicos profissionais e amadores, com o objetivo de construir novas formas de expressão, autonomia, projeto de vida e participação.

Vários dos projetos analisados por Silva, Magalhães e Costa (2013) careciam de dados que permitissem uma avaliação acerca de seus impactos e eficácia. Outros, por sua vez, apontaram para ganhos substanciais na promoção de fatores protetivos ao desenvolvimento de adolescentes, especialmente nas dimensões individual e afetivo-relacional, seguido, por fim de alguns impactos também na dimensão sócioestrutural da vida dos adolescentes.

2.2 Projeto Jovem Cidadão e Concerto de Natal 2012: pesquisas pioneiras na cidade de Manaus.

O Projeto Jovem Cidadão (PJC) e o Concerto de Natal de 2012 (CN) desenvolvidos na cidade de Manaus foram estudados por Silva (2013), Vasques (2014), Castro (2014) e Costa (2015), também no intuito de compreender com mais profundidade as conexões entre participação em projetos artísticos e transformações possíveis relativas à vulnerabilidade na vida de adolescentes. De acordo com Vasques (2014), o PJC consistiu em uma estratégia do Governo Federal iniciada em 2009 que visava ações e diretrizes voltadas ao acesso a recursos e bens culturais por parte de adolescentes de classes sociais menos favorecidas. Para isso, contava com a execução dos governos estaduais a partir de seus aparelhos e estrutura. No estado do Amazonas, seu início se deu no ano de 2009. Esteve presente em 14 municípios, além de Manaus. Envolveu a participação de 4 secretarias de estado, a saber: SEC, SEAS, SEDUC e SEJEL. Dirigia-se a adolescentes e jovens entre 12 e 18 anos que deveriam estar regularmente matriculados em escolas da rede pública e ser indicados como adolescentes em vulnerabilidade socioeconômica. Frequentavam atividades artísticas, profissionalizantes e/ou desportivas no contraturno das aulas regulares, sendo assistidos por instrutores. Recebiam um auxílio financeiro, condicionado à frequência das atividades do PJC e atividades escolares.

O foco de atenção dos pesquisadores acima citados foi somente as atividades artísticas do PJC, e, considerando a amplitude da execução do projeto, em somente duas escolas de uma das zonas consideradas mais populosas, marcadas pela vulnerabilidade socioeconômica, na cidade de Manaus. O projeto, todavia, foi desativado em 2015 e até o momento não se encontra disponíveis documentos oficiais que apontem os resultados alcançados pelo mesmo ao longo de sua execução. Entretanto, são citados, entre os benefícios trazidos, para o público envolvido, a melhoria no desempenho escolar, redução no percentual de evasão dos alunos e o pagamento das bolsas.

O outro projeto que também consistiu no foco de atenção dos pesquisadores do LABINS foi o CN. Este, diferente do PJC, fez parte de um conjunto de eventos artísticos sazonais, que culminavam na apresentação em 25 de dezembro, dentre o período de 2009 a 2014. Na edição de 2012, o CN envolveu adolescentes participantes do PJC, artistas profissionais, cenógrafos, figurinistas, educadores, produtores, entre outros, totalizando cerca de 4.500 participantes (VASQUES, 2014).

Segundo Vasques (2014), na proximidade do final de ano, os participantes do PJC de algumas escolas selecionadas eram chamados para integrar o CN, dando início à uma rotina diferenciada da programação regular do projeto. Costa (2015) destaca que a magnitude do CN e o fato de que cerca de 2.000 participantes do CN eram alunos do PJC, não só apenas vincula ambos os eventos, mas também expressa a relevância da participação destes, levando pensar na importância que tal participação pode ter tido na vida de cada jovem que o integrou.

Vistos como dois projetos que modificam os recursos disponíveis aos seus participantes no que se refere a ser e viver a adolescência, o PJC e o CN foram, portanto, compreendidos como intervenções que utilizavam a arte como recurso, dirigidas a adolescentes em contexto de vulnerabilidade (COSTA e OLIVEIRA, 2016). Interessa, pois, no âmbito da pesquisa, compreender se estas intervenções foram capazes de produzir mudanças positivas na vida destes adolescentes.

Silva, Magalhães e Costa (2013) e Silva (2015) referem-se à carência de dados referentes à avaliação dos projetos envolvendo arte e adolescentes em vulnerabilidade nas publicações científicas nacionais. Vasques (2014), no entanto, ao utilizar instrumentos para

Compreender a relação entre arte e redução de vulnerabilidade na vida de adolescentes que participaram de um evento artístico na cidade de Manaus, construiu um quadro que permite visualizar os recursos que ambos os projetos trouxeram aos seus participantes, segundo os adolescentes pesquisados:

Quadro 5. Recursos dos Projetos Artísticos, segundo os adolescentes (VASQUES, 2014)

PROJETO JOVEM CIDADÃO	CONCERTO DE NATAL
Categorias	
Rotina – organizada, extenuante	Rotina – organizada, acompanhada, extenuante
Novas experiências/vivências	Novas experiências / O dia da Apresentação
Expansão dos recursos relacionais /comunicacionais	Expansão dos recursos relacionais /comunicacionais
-	Reconhecimento
-	Autoestima
-	Autoconceito e Identidade
Dimensões Impactadas	
Dimensão Individual	Dimensão Individual
Superação da timidez, Desenvolvimento de habilidades artísticas, melhora escolar, responsabilidade.	Superação da timidez, Desenvolvimento de habilidades artísticas, responsabilidade, criatividade, autoestima e autoconceito positivos, bem estar, Projeto de vida.
Dimensão Afetivo-relacional	Dimensão Afetivo-relacional
Estabelecimento ou fortalecimento de vínculos com professores, amigos e técnicos.	Reconhecimento dos familiares; fortalecimento de vínculos com professores, amigos e técnicos. Novo posicionamento com o mundo – maior respeito ao próximo; modificação na consciência de valor social.
Dimensão Sócio-estrutural	Dimensão SócioEstrutural
Não foi indicado	Não foi indicado

Fonte: Banco de Dados da pesquisa de Vasques (2014)

A observação do quadro acima permite identificar que, ainda que os adolescentes tenham se referido ao potencial de ambos os projetos artísticos, deram maior destaque à participação no CN, o que leva a pensar que o efeito de incidir em mudanças

não é uma função direta do tempo de duração que uma atividade toma ao longo da vida dos indivíduos, mas certamente remete à maior complexidade dos fatores envolvidos.

De um modo geral, os resultados mostram que as principais mudanças que o PJC e o CN trouxeram à vida dos adolescentes foram: organização da rotina; recursos de comunicação; oportunidade de novas e positivas experiências. Vinculados ao CN, destacam-se: reconhecimento, elevação da autoestima e consequente mudança do autoconceito. O fortalecimento do vínculo com a família, do autoconceito e identidade, da autoestima e autoeficácia através das apresentações, do contato com outras comunidades, da experiência de palco, podem ser verificados como resultantes da experiência de participação nos projetos em dimensões individuais e afetivo-relacionais, também segundo o Quadro 2 e 4 (VASQUES, 2014).

Silva (2013) e Vasques (2014), analisando as falas dos adolescentes participantes, destacaram que as mudanças significativas ocorridas no âmbito das relações familiares, vista como um dos pontos de tensão e fragilidade na vida dos jovens constatou que estas são vistas como afetadas positivamente pela participação dos adolescentes nos projetos:

Eu não era muito 'elevado' (comunicativo) com eles (referindo-se aos irmãos). Eu não gostava de sair de dentro do quarto, aí depois que aconteceu isso tudo (participação no Concerto de Natal), eu comecei a me soltar, comecei a conversar com eles, brincar, me divertir, coisa que eu não fazia (...) -Dou orgulho pra minha mãe. (Banco de Dados, LABINS - Silva, 2013 - A1)

O mesmo jovem relatou ter melhorado sua relação com o pai, que mora em outro Estado e veio até Manaus para assisti-lo no CN:

Fiquei assustado, fiquei abismado com aquilo (o pai estava na plateia para vê-lo no palco) que eu não acreditei que ele tava ali. Porque minha avó falou que ela ia, só que falou que ele (o pai) não ia. (...) Foi um dos melhores dias entre pai e filho e avó. (Banco de Dados, LABINS - Silva, 2013 - A1)

O adolescente, referindo-se ao reconhecimento dos outros por sua participação no Concerto de Natal, afirma que a família e outros passaram a olhá-lo de outra maneira após o espetáculo, fato a que ele atribui grande importância:

Foi um dia dos mais belos que eu tive em toda a minha vida. A família toda me assistindo, não me vendo de uma forma ruim, ou inversa, mas sim me vendo em cima daquele palco com orgulho. E não só eles, mas muitas pessoas que estavam lá. E pra mim aquilo foi um dos melhores momentos que tive. (Banco de Dados LABINS, Silva, 2013 - A1)

Como sugerem Assis & Avanci (2004), a interação familiar é um dos aspectos mais relevantes para a construção de afeto por si mesmo. Pode-se verificar transformações nas relações familiares, tal como percebidas pelo adolescente, servindo de suporte para outras transformações, como autoconceito e identidade. Por autoconceito, Azevedo (2004) entende ser um conjunto de percepções de si mesmo, como um elemento nuclear da personalidade, sendo regulador e preditor do comportamento futuro, motivando-o e fomentando investimentos diversos, unificando e guiando diante de acontecimentos desafiantes e importantes. Identidade, como apresentada por Ciampa e Lima (2012), é *“resultante de um processo histórico que envolve todo o processo de humanização do indivíduo, pois se fala de um indivíduo concreto, implicando a mesma em um aspecto mais ativo e relacional”*. Numa perspectiva processual, de reposicionamento, sendo reposicionada e reconstrução constante, os adolescentes revelam um “antes” e um “depois” acerca do autoconceito e identidade, ligados à participação nas atividades artísticas, incidindo não apenas na relação consigo próprio, mas com os outros e com o mundo:

Antes do Concerto eu era um pouco tímida, eu ainda sou, mas eu me soltei mais (...). (Banco de Dados, LABINS - Silva, 2013A2)

Eu era muito quieto, eu não conseguia me desenvolver com as pessoas (...) (...) eu fui me desenvolvendo tão rápido, que arte na minha vida mudou totalmente do que eu era pra agora. (A1, Banco de Dados LABINS - Silva, 2013).

Elaborar projeto de vida, dispor de recursos e vivências que possibilitem considerar um movimento de si e uma emancipação em torno dos condicionantes que limitam seu modo de ser no mundo pode ser visto como um dos caminhos de superação do fatalismo, descrito por Martin-Baró como um dos obstáculos à condição de participação das pessoas em sua condição de sujeito ativo, social e histórico (MARTIN-BARÓ,2009). Costa (2012) refere-se aos projetos de vida enquanto positivos no enfrentamento às adversidades, uma vez que estes associam-se *“às questões de temporalidade e de cuidado”*

(COSTA, 2012, p. 151) Para a autora, “*o desafio dos jovens é integrar a perspectiva temporal da própria existência, inaugurando a possibilidade de reinventar permanentemente o seu futuro.*” (Idem, p. 152).

Os relatos apontam também que foram estabelecidos contatos com outras comunidades, e que estes resultaram em vínculos mais profundos, tendo sido mantidos mesmo após o término das atividades, denotando recurso potencial de ampliação da rede relacional de participantes.

Eu até tenho algum contato com alguns amigos que eu fiz lá da outra escola.
(A3, Banco de Dados LABINS, Silva, 2013).

Perceber a arte como recurso comunicacional e sua participação como sujeito ativo no mundo, foi também um dos aspectos identificados por Vasques (2014) nos resultados obtidos em sua pesquisa.

Os resultados de Silva (2013), Vasques (2014), Castro (2014) e Costa (2015), apontam que os adolescentes relacionaram o PJC e CN como facilitadores de socialização e comunicação, desenvolvimento de interações saudáveis com colegas, com a família e com a comunidade, compartilhamento de experiências capazes de proporcionar uma melhor compreensão do outro e de si mesmo, sentimento de pertencimento social e resistência à segregação. Contudo, os dados levantados permitiram tanto a identificação dos recursos que os projetos favoreceram aos entrevistados, quanto dos problemas que perpassam suas vidas. Cabe perguntar, pois, se diante dos recursos presente e potenciais e dos problemas vivenciados pelos adolescentes, os projetos poderiam ter sido executados de modo a maximizar os efeitos positivos de suas atividades?

2.3 Bordas (in) visíveis: potencial passível de maximização no PJC e CN

O PJC e o CN podem ser descritos como atividades com características inerentes aos sistemas complexos (VASCONCELLOS, 2003): envolveram diversos atores (alunos, família e profissionais das áreas da arte, educação e social), segmentos, instituições (SEC, SEDUC e SEAS), espaços (habitats: escola, comunidade e palco) com características próprias, recursos, dinâmicas, entre outros. Segundo Kagan e Burton (2013), ações com

estas características estão sujeitas a um efeito análogo ao que ocorre com comunidades ambientais ou ecológicas, nas quais o encontro entre diferentes sistemas e seus recursos criam uma ‘borda’ rica em recursos diferenciados, únicos, capazes de introduzir novos elementos e características ao sistema integrado (COSTA, 2015). Este fenômeno, chamado de Efeito de Borda (EB), também presente em comunidades sócio-culturais, pode ser tomado para análise do PJC e CN.

Partindo dos resultados das pesquisas que apontam que as atividades artísticas podem ser importantes ferramentas para a ressignificação de problemas apontados por eles mesmos (Quadro 1) e, também, do pressuposto de que o encontro de sistemas diferentes possibilita emergência de recursos diversos, Costa (2015) postulou se tais recursos teriam sido identificados não só pelos adolescentes, mas, sobretudo, pelos responsáveis pela execução das atividades? E, se identificados, teriam sido maximizados, trazendo mais benefícios aos jovens?

Os recursos apontados pelos adolescentes pesquisados parecem também ter potencial para transcende o assistencialismo, se maximizados. Visto sob a perspectiva dos jovens, tanto o PJC tanto o CN revelaram acionar pontos de confluência nas relações entre adolescentes, família e comunidade, os quais poderiam ser explorados nas diversas etapas de execução dos projetos, respondendo assim a um dos problemas apontados pelos jovens, a saber: fragilidade no sentimento de pertença à comunidade e precariedade de projeto de vida (Quadro 1).

A participação da família mostrou-se reduzida à condição de expectadora do processo, segundo a fala dos adolescentes. Contudo, poderia esta ter participado de forma integrada contribuindo para ampliar ainda mais a rede de pessoas envolvidas na execução dos projetos, Foster-Fishman et al (2001) referem-se ao valor da capacidade de colaboração, as quais podem contribuir: construção da capacidade de membro para colaborar; criação de capacidade relacional; construção de capacidade organizacional e desenho e implementação de intervenções com capacidade programática envolvendo todos os interessados.

Costa e Oliveira (2016) destacam que a comunidade de pertencimento dos jovens, descrita como ambiente inseguro e perigoso, também foi apontada como tendo modificado seu olhar sobre os adolescentes após a participação nos projetos. Poderia esta, então, ser fortalecida por ter como membros adolescentes cujo potencial de ação também

estivesse fortalecido? Destacado com maior impacto pelos jovens, o CN, por conferir maior visibilidade performática aos alunos, foi visto como mediador de novas e mais positivas interações na comunidade. Assim, se os projetos pudessem organizar mais apresentações destes adolescentes em suas comunidades, estas e as famílias dos jovens provavelmente se fariam mais presentes e mais vinculadas, impactando a relação com a comunidade pudesse ser modificada, sendo menos perigosa e mais participante, reconhecendo e valorizando os adolescentes como protagonistas.

Outro ponto de destaque é que os projetos artísticos foram descritos como uma experiência positiva na vida dos adolescentes, podendo favorecer experiências emancipatórias. Todavia, as falas dos jovens revelam que eles não participavam da seleção das escolas que iriam fazer parte do Concerto de Natal, desconheciam os critérios de seleção e nem mesmo puderam escolher os papéis ou modalidades artísticas às quais participariam, a exemplo de um adolescente que fez parte do grupo de dança, quando de fato identificava-se com o Teatro, desejando se apresentar nesta modalidade. As ações, portanto, não foram relatadas como espaços promotores de autonomia e protagonismo. No tocante à estes aspectos, Costa e Oliveira (2016) ressaltam que, em se tratando de projetos destinados a grupos tidos como vulneráveis, sobretudo crianças, adolescentes e idosos, os espaços de participação tendem a ser restritos e as ações costumam ser verticalizadas. Questiona-se se ao longo da execução do PJC, no processo de construção do espetáculo CN ou mesmo nas seleções de escolas e alunos que iriam compor o espetáculo de fim de ano, alunos, familiares ou comunidade possuíam alguma possibilidade de participação.

Por fim, a extinção do PJC a nível do governo local e a não realização posterior ao ano de 2014, denotam que tais ações foram desprovidas de sustentabilidade que assegurasse a continuidade das mesmas, ou ainda, da participação dos alunos inserindo-os em outras atividades ou projetos, após o encerramento destas. Wenger (1998), um dos autores que subsidiam a compreensão da eficácia dos recursos que emergem nas bordas de projetos colaborativos é o alcance efetivo de uma comunidade de prática, onde o *design* da proposta evolui com o tempo, não permitindo retrocesso ou perda dos ganhos já obtidos com as ações conjuntas. Assim, o que poderia ter sido construído após o termino dos projetos ou de suas etapas posteriores?

Após a análise dos dados das pesquisas envolvendo o PJC e CN, formulou-se uma síntese compreensiva acerca do potencial para modificação do quadro de vulnerabilidade existente nestes projetos, segundo os jovens participantes.

Síntese do Efeito de Borda, segundo dados obtidos nas pesquisas com os Adolescentes:

Segundo os resultados apresentados nas pesquisas com adolescentes participantes do PJC e CN, há características nestas atividades que promoveram aspectos significativos os quais a literatura aponta como importantes à redução da vulnerabilidade em adolescentes, a saber:

- vivências que elevam a autoestima e melhoram o autoconceito, oferecendo suporte para identidades mais positivas marcadas pelo sentimento de autoeficácia;
- vivências que criam condições de envolvimento familiar e comunitário de modo a reformular e fortalecer vínculos onde a valorização do adolescente e medidas de autocuidado sejam tomadas;
- vivências que favorecem espaços de participação crítica e ativa, fortalecendo o protagonismo dos jovens.
- estratégias de continuidade das ações.

Assim, elementos em torno dos quais se organizaram as atividades artísticas das quais participaram (modalidade de expressão e criatividade, aprimoramento da técnica artística envolvida, rotina organizada, ativação da sensibilidade, comunicação com o público, vivência de práticas estimulantes), bem como a confluência de recursos e atores sociais envolvidos (professores, instrutores, técnicos, pares, familiares, comunidade, artistas), constituem um ecotone psicossocial capaz de impulsionar o potencial de transformação, se observado e maximizado.

CAPÍTULO III - EFEITO DE BORDA EM AÇÃO: ECOTONES A PARTIR DA VISÃO DOS PROFISSIONAIS

O conceito de *Efeito de Borda* (EB) é apresentado como um conceito organizador de uma forma de pensamento (olhar/concepção) e de ação em Psicologia Comunitária (KAGAN & BURTON, 2013; KAGAN, BURTON, DUCKETT, LAWTHOM, SIDDIQUEE; 2011). Como já dito, a origem e a aplicação deste conceito é mais comum em estudos ambientais que consideram a confluência (articulação) e interação de sistemas que são fronteiros (estão em contato), gerando propriedades novas ao sistema maior, sendo, portanto a produção acadêmica deste termo mais profusa nos estudos ambientais e comunidades ecológicas. Todavia, com referência a contextos sociais que a psicologia social e comunitária vem alcançando na apropriação dessas considerações, há ainda dificuldade em definir termos, em especial na tradução e adaptação destes à língua portuguesa. Assim, usam-se termos aproximados e dialoga-se com a literatura de base através de conceitos afins.

Em uma didática sistematização a respeito do Efeito de Borda, Kagan et al. (2011) utilizam-se do recurso da apresentação e discussão deste no campo da Psicologia Comunitária através de conceitos afins, opção também seguida no presente trabalho, como será visto ao longo do capítulo, conjuntamente com os resultados obtidos na pesquisa de campo.

Ao descreverem o fenômeno em foco, Kagan & Burton (2013) utilizam a metáfora da borda ecológica – ou *efeito de borda* – referindo-se ao enriquecimento que ocorre em algumas alianças e confrontos durante as ações interventivas que incluem diferentes atores/participantes. Do ponto de vista ecológico, a zona de transição entre duas ou mais comunidades ou biomas (cada uma caracterizada por uma seleção de populações e recursos existentes em uma área ou habitat particular, com elementos interagido em uma forma organizada através de fluxos metabólicos e transformações) é conhecida como “ecotone”

ou ecótono¹. No ecotone, os recursos de cada comunidade contribuinte são acumulados e a área se torna mais diversa do que existe em cada comunidade sozinha. Essa área de recursos ricos é conhecida como ‘borda ecológica’.

A metáfora é pertinente às comunidades sociais humanas, pois quando a borda é criada nos “ecotones” sociais, o efeito que resulta dela é um aumento de energia, excitação e comprometimento com as atividades inerentes aos seus membros ou a um projeto específico (Kagan e Burton, 2013). Portanto, uma apropriação ou uso possível do conceito é junto de projetos e ações comuns que envolvem diferentes atores sociais/grupos/instituições, posto que também consistem contextos relacionais em que ecotones emergem. Deste modo, tomando a definição defendida pelos autores acima, é pertinente pensar no PJC e seus desdobramentos, como o CN, sob a ótica do conceito de borda, justamente pela participação de segmentos e atores diversos provenientes de espaços ou habitats particulares com características próprias, recursos e dinâmicas.

Na pluralidade das comunidades humanas, é de suma importância saber como transitar/circular nos diferentes contextos onde as intervenções são realizadas. Em especial quando a proposta de tais intervenções é o incremento de melhorias à sua população, faz-se mister identificar e favorecer a emergência e potencial de tais bordas e dos recursos de todos os participantes da ação. Esta tem sido uma das formas possíveis de pensar trabalhos no âmbito da Psicologia Comunitária em contextos de diversidade cultural e vulnerabilidade junto a grupos e comunidades, a exemplo das experiências desenvolvidas em Manchester, Reino Unido (KAGAN, BURTON, DUCKETT, LAWTHOM, SIDDIQUEE; 2011). Estes trabalhos invariavelmente envolvem negociação nas 'fronteiras' culturais e comunitárias, onde são construídas coligações, alianças e parcerias, sendo pertinente ver se como estes processos criam e mantem “bordas” ecológicas (Burton e Kagan, 2000; Kagan, 2007). A borda contribui para aumentar recursos de todo sistema, como resultado de um eficiente, produtivo e sustentável desenho de desenvolvimento ecológico serve para aumentar (Burton e Kagan, 1996).

Para cada fronteira há a possibilidade de uma ‘borda’ que maximiza recursos e enriquece ideias e práticas. No caso do PJC e CN, dentre as fronteiras possíveis

¹De acordo com dicionário ambiental, é uma região resultante do contato entre dois ou mais biomas fronteiriços. São áreas de transição ambiental, onde entram em contato diferentes comunidades ecológicas, isto é, a totalidade da flora e fauna que faz parte de um mesmo ecossistema e suas interações.

identificadas, tem-se: secretarias governamentais (SEDUC, SEC e SEAS); as comunidades de pertencimento da escola, incluindo a família, alunos instrutores de oficinas, grupos de artistas, entre outros. Cada uma destas potencialmente é dotada, de seus respectivos recursos, para contribuir significativamente com a borda. O que caracteriza toda essa configuração de limites (se a borda é significativamente criada ou não) é o problema de abranger as entidades sociais com modos grandemente diferentes de operação, estrutura de poder, culturas, ambientes físicos, práticas, valores e ideologias. Os dados mostram que assim como os dados obtidos da análise dos adolescentes apontam para a existência de um potencial de maximização da borda que não foi efetivamente realizado, os dados levantados junto aos profissionais também indicam a configuração dos limites, presentes nos projetos em foco.

Dado ao estágio ainda recente da configuração do estado da arte na delimitação do conceito de *Edge Effect*, Kagan, et al, 2011, como alguns dos principais difusores deste constructo, tem-se utilizado de conceitos afins de modo a consolidar a ideia da borda. Um dos conceitos que se destacam neste processo é o de **trabalho colaborativo**.

O trabalho, quando desenvolvido por e com diferentes grupos e organizações, (como é o caso dos projetos PJC e CN), caso resulte de colaboração entre as partes envolvidas, há uma facilitação destas conexões aumentando assim o compromisso e recursos entre os participantes possibilitando uma mudança sustentável e sistemática (Himmelman, 2001: 277). Destaca-se aí a ideia de **sustentabilidade** que segundo Costa (2015) e Costa e Oliveira (2016), é uma característica altamente desejável nos projetos de intervenção, tendo em vista seu caráter emancipatório.

Assim, no tocante aos aspectos de colaboração e sustentabilidade, cumpre perguntar: em relação ao PJC e CN, em que medida os mesmos se configuraram como trabalho colaborativo? Que tipo de intercâmbios foram escolhidos na resolução dos desafios que encontraram durante os projetos artísticos? Estes conseguiram alcançar o nível de sustentabilidade proposta pelos autores? Se não, em que medida apontaram para a sustentabilidade de suas ações? Tais questões tornam-se ainda mais relevantes se considerarmos a real extinção do PJC no ano de 2015 e poucos indícios de continuidade das ações por este iniciadas.

A tabela a seguir sintetiza as características de diferente tipos de troca em trabalho colaborativo e habilidades associadas por Himmelman (apud KAGAN et al., 2001, p. 211).

Tabela 2. Características de diferentes tipos de troca em trabalho colaborativo e habilidades associadas (depois de Hilmelman, 2001) ²:

Forma de troca	Característica	Habilidades
Networking: troca de informação por benefício mútuo	Não requer muito tempo, confiança ou compartilhamento de insumos. Útil em estágios iniciais ao construir relacionamentos de trabalho	Fazer contato; compartilhar informação; manter detalhes; manter contatos (face a face, telefone, e-mail) durante os anos.
Coordenação: troca de informação por mútuo benefício e alterar atividades para um propósito comum	Requer mais tempo e confiança mas não requer compartilhamento dos insumos. Aumentar o uso eficaz de recursos da comunidade	Facilitação ao reunir pessoas, partilhar informações sobre práticas, identificando lacunas e duplicações e mudando atividades para evitar duplicações.
Cooperação: trocando informações, mudando atividades, e partilhando recursos para benefício mútuo e alcançar um propósito comum.	Requer quantia significativa de tempo, altos níveis de confiança e um significativo compartilhamento dos insumos. Aumenta o uso eficiente de recursos comunitários.	Facilitação em reunir pessoas, compartilhando informação sobre práticas, identificando lacunas e duplicação e mudando atividades para evitar duplicação.
Colaboração: trocando informação, modificando atividades, e partilhando recursos para benefício mútuo e alcançar um propósito comum.	Requer altos níveis de confiança, uma considerável quantia de tempo, e um extenso compartilhamento de insumos. Partilha de risco, recursos e recompensas, mas pode produzir maiores benefícios de ato mútuo	Abertura e boa vontade para compartilhar conhecimento, habilidades e recursos. Tenacidade e resolução de problemas quando a colaboração vem sob ameaça. Análise organizacional e requerimento de habilidades.

Nas ações de trabalho, além das diferenças apresentadas que variam de Network até a forma de Colaboração, são identificadas também **intensidades de relação** nas mesmas. Corbett e Noyes (2008: 6) argumentam que a sustentabilidade e a formato de colaboração desejável nos trabalhos em equipe, devem considerar níveis de intensidade significativos nas relações envolvidas.

² Tradução Livre

A tabela abaixo, sintetizada a partir destes autores, apresenta diferentes níveis de intensidade possíveis nos relacionamentos em trabalho colaborativo:

Tabela 3: Relacionamento Contínuo ³:

Intensidade do nível de relacionamento	Características	Colaboração inter-instituição de ensino superior
Comunicação	Discussões claras, consistentes e não-julgadoras; dando ou trocando informação no intuito de manter relacionamentos significativos. Programas individuais ou causas são totalmente separadas.	Colaboração paralela Colaboração extensa
Cooperação	Assistir um ao outro com atividades respectivas, dando suporte geral, informação, e/ ou aval para o programa de cada um, serviços, ou objetivos.	Colaboração para avaliação Colaboração extensa
Coordenação	Atividades conjuntas e comunicações são mais intensivas que e de longo alcance. Agências ou engajamentos individuais no planejamento conjunto e sincronização de horários, atividades, objetivos e eventos.	Colaboração extensa Colaboração integrada
Colaboração	Agências, individuais, pessoas, ou grupos voluntariamente renunciam algumas das suas autonomias no interesse de ganhos mútuos ou resultados. Colaboração verdadeira envolve oportunidades na agência, grupo, ou comportamento individual para apoiar metas coletivas ou ideais.	
Convergência	Relacionamentos desenvolvem de colaboração a serviços de reestruturação atual, programas, associações, orçamentos, missões, objetivos e funcionários.	
Consolidação	Agência, grupo, ou comportamento individual, operações, políticas, orçamentos, funcionários e poder são unidos e harmonizada. Autonomia individual ou ganhos têm sido completamente renunciada, resultados comuns e identidade adotada.	

³ Tradução livre

Refletindo acerca dos diferentes níveis tipos de intensidade nas relações, cabe perguntar qual nível de intensidade foi alcançado nos projetos artísticos em foco? E ainda, quais estratégias poderiam ter adotado para incrementar o nível de relacionamento de modo a configurar a um trabalho colaborativo com base na consolidação?

Outro importante conceito articulado à compreensão da *borda* é o de **comunidades de interesse** ou **comunidades de prática**. Ao apresentar este conceito, Wenger (1998) traz uma importante contribuição que amplia o entendimento sobre o efeito de borda. O autor define comunidades de interesse ou comunidades de prática aquelas na qual, envolvidas minimamente por algum objetivo partilhado, o aprendizado emerge através de relacionamentos que ocorrem em situações específicas. Assim, a presença de comunidades de prática consiste num poderoso indicador das ações colaborativas e do desenvolvimento de relacionamentos com intensidade de trocas favorável à maximização da borda. Novamente, em se tratando dos projetos artísticos em estudo, houve indícios de formação de alguma comunidade de prática?

Por fim, dentre os conceitos fundamentais para compreender as nuances existentes nas formas de manifestação dos trabalhos em comunidades humanas, Kagan et al (2011), Kagan & Burton (2013), citam as **alianças/coalisões** e **parcerias**. Tais conceitos são fundamentais para compreender nuances existentes nas formas de manifestação dos trabalhos em comunidades sociais humanas. Estas referem-se às conexões entre grupos e organizações que são estratégicas e com objetivos direcionados. Eles trabalham com direção e promovem uma agenda comum ao redor de problemas particulares ou campanhas.

Contudo, não apenas as alianças devem ser levadas em conta, mas em conjunto com estas, *“considera-se o movimento dialético correspondente a estas, inerente às dinâmicas grupais, a saber: as confrontações que explicitam os conflitos e contradições existentes nos grupos plurais”*, como citam Costa e Oliveira (2016). As confrontações, segundo Kagan e Burton (2013), são vistas como contrárias às alianças, configurando exatamente os pontos em que a resistência ou conflitos tornam inviáveis as conexões e o trabalho. Nestes casos, os recursos e os esforços da equipe não são maximizados.

Feita uma síntese das bases teóricas que orientam a análise dos dados, passa-se a exposição e discussão dos mesmos, a partir da posição individual dos quatro profissionais entrevistados. A perspectiva histórico-crítica compreende cada sujeito como autor social participante, inserido em um contexto específico, e, ao mesmo tempo, autor de uma história que é processual e coletiva. Portanto, foi a partir da singularidade das vivências de cada um que será considerado, no percurso de participação no PJC e CN, que optou-se sistematizar os dados visando à identificação das categorias conectadas aos objetivos presentes na pesquisa.

De um modo geral, os participantes destacaram aspectos de sua história de vida que os vinculavam à sua inserção profissional, as mudanças pessoais ocorridas atribuídas à sua integração aos projetos em foco, a percepção que tinham sobre a vulnerabilidade dos adolescentes, a visão sobre arte e intervenção, alianças e confrontos, recursos existentes nas ações, problemas identificados e sugestões. Nomes fictícios são utilizados para referir-se aos participantes a partir deste momento.

3.1. Pedro - De Artista a Educador

Pedro é diretor artístico, coreógrafo, produtor cultural, trabalha na instituição a partir da qual se inseriu nos projetos em foco há mais de 12 anos, e no PJC desde o primeiro dia em que o projeto teve início. Fez parte também da implantação de todo o processo do projeto. Sua experiência está relacionada com a vivência dele de mais de 30 anos no campo artístico, identificando-se, pois, como Artista, mais diretamente ligado à modalidade da dança.

Em sua vivência pessoal, as atividades artísticas foram descritas por este como uma experiência positiva, capaz de mudar sua vida e igualmente capaz de mudar a forma de ver e a lidar com os adolescentes e seus problemas. Apesar da longa experiência enquanto artista, identificou nas atividades do PJC algo inovador, que o fez sentir a necessidade de buscar maior qualificação na área da educação.

Este profissional atuou junto a um amplo número de alunos de ambos os projetos e para ele ser apenas o criador, o artista dentro do âmbito escolar já não era suficiente. Ele

precisou apropriar-se desse universo peculiar. Após assumir o compromisso de coordenação dentro do PJC ele tinha muitas dúvidas de como iria se relacionar com os alunos, se relacionar com um universo que tem suas características próprias e seus meios de trabalhar.

Eu tive que reformatar minha cabeça. Por conta desse projeto eu iniciei uma nova faculdade, de pedagogia, para poder entender o aluno dentro da escola, que é uma outra visão. (Pedro)

A relação de proximidade com o aluno mediada pela arte e suas técnicas, foi apontada pelo profissional como imprescindível e transformadora. Apesar de ter muitos anos de experiência com arte, esse projeto o fez repensar na forma de lidar com os jovens, o impacto foi tão grande que ele foi buscar maior qualificação no campo da educação, porque para ele só a formação em arte já não era suficiente para dialogar com eles. Diante das indagações que surgiam a partir do contato ou *borda* que emergiu neste encontro entre dois universos de culturas, práticas e técnicas a princípio distintas para ele – práticas artísticas e formação de alunos em contexto escolar –, ele criou estratégias de atuação dentro das escolas e verificou que teve resposta positiva da conduta dele junto aos adolescentes:

(...) quando os alunos perceberam que a minha intenção era de fazer que eles realmente produzissem com qualidade, é eu tive uma receptividade muito grande, isso facilitou muito o meu trabalho. Quanto mais eu exigia artisticamente mais os alunos se relacionavam bem comigo, então se criou uma empatia muito grande, tendo em vista que eu passei a coordenar milhares de alunos nos ensaios do CN. (Pedro)

Através de sua fala, Pedro demonstra que foi impactado pela natureza destes projetos, que por ser realizado num contexto diverso do que habitualmente produzia sua atividade artística, introduzindo, sobretudo um ecotone no contexto escolar com vivência intensa junto aos alunos. Esse encontro com os adolescentes gerou trocas mútuas: trouxe aprendizado para este profissional (lidar com os jovens, aprender sobre suas vulnerabilidades, desenvolver técnicas para realizar as atividades artísticas em diferente contexto) e para os alunos (aprendizado da arte da dança). A partir das contribuições de Wenger (1998), Pedro descreve o estabelecimento de uma comunidade de prática, pois entre os membros do grupo houve um compromisso mútuo que produz um repertório

compartilhado, ainda que este tenha se restringido à relação dele enquanto instrutor, e os alunos.

3.1.1. Intensidade das Relações

A capacidade reflexiva e a abertura à mudança deste profissional possibilitou que ele compreendesse a situação de vulnerabilidade dos adolescentes. Segundo ele, os vínculos dos jovens adolescentes com os pares, com família, com professores, na escola e na comunidade eram fragilizados e precisavam ser fortalecidos. Diante disso, Pedro sentiu necessidade de investimento na construção de um vínculo dele enquanto profissional com esses adolescentes e para ele teve um reflexo positivo no desenvolvimento das atividades, intensificando o que Corbett e Noyes (2001) chamam de intensidade das relações:

O que eu acho que me ajudou foi olhar nos olhos dos alunos, sentir a necessidade deles (...) eu me tornei parceiro. (Pedro)

Para Kagan et al (2011), a parceria citada pelo profissional é uma forma eficiente de trabalho colaborativo. Ao nível da intensidade das relações, observa-se que não apenas Pedro identifica-se como parceiro de seus alunos, mas também abre mão de uma identidade fechada em torno de como se reconhecia anteriormente – como artista -, para uma identidade em construção, derivada das relações consolidadas ao longo do projeto, vendo-se como educador. O artista se transformou em educador pelos desafios que os alunos e o contexto escola traziam, diferente do universo essencialmente artístico. Em contrapartida, trouxe para o espaço escolar e pras relações mediadas pelos sentidos desta instituição, uma experiência diferente acerca da disciplina, rigor, comprometimento qualidade estética e outros aspectos da arte, favorecendo autoconhecimento e nova relação com o mundo, aspectos que a arte proporciona, do palco à vida.

Pedro afirmou que era comum durante a realização dos projetos fazer rodas de conversas com os adolescentes e a partir daí eles criavam, construiu uma relação de fazer parte de algo que estão todos juntos. Em relação a isto, Pedro cita: “*então eu sentava com os alunos e falava: “o que vocês querem?”*”. Tal fala do profissional sugere a existência de intensa relação professor-aluno, que para Kagan et al (2011) pode ser classificada como comunicação, cujas suas características são: discussões claras e não julgadoras, dando ou

trocando informações no intuito de manter relacionamentos significativos. O artista-educador demonstra haver investido intencionalmente nessa comunicação como resultado da percepção de um novo campo ou modalidade de comunicação que emergiu da borda cultural (adulto/adolescente, instrutor de arte/aluno do Jovem Cidadão). A teoria de fundo sugere que esse modo de comunicação favorece alianças e otimiza o uso de recursos existentes na borda.

Outros aspectos sobre a vulnerabilidade dos jovens observadas por Pedro graças, segundo ele, à relação de proximidade que desenvolveu, eram a agressividade e a relação desses alunos com a carência. Para o profissional, a carência não era só financeira, mas de um modo geral, carência de atenção e de acompanhamento da família e dos professores, reflexo da fragilidade dos vínculos já mencionada:

(...) percebi foi uma carência muito grande, carência de atenção, carência de valorização. O que eu realmente mais percebi foi que quando você valorizava o aluno, quando você olhava no olho do aluno e pedia dele algo que é pra fazer sabendo que ele poderia fazer, ele mudava. (Pedro)

A relação entre ele e os alunos classificada como positiva e de proximidade, em dinâmicas dialógicas, foi o que favoreceu, segundo Pedro, o sucesso de intervenções que solucionaram episódios de agressão entre os participantes sem resultar em desgaste ou rompimento de vínculos entre ele e os adolescentes.

3.1.2. Arte introduzindo recursos na borda

Pedro integrou em sua experiência, tanto os recursos provenientes de sua formação como artista quanto os recursos que identificou na interface do projeto realizado no espaço escolar, e que ativaram uma dimensão educadora em sua atuação. Contudo, referindo-se especificamente aos recursos que identifica nas Artes, este a aponta como instrumento de percepção, sensibilização, socialização, importantes, portanto, para o desenvolvimento como seres humanos e cidadãos.

Considerando a borda que emerge entre *Arte-comunidade-escola*, mais especificamente na integração em algum nível das ações do PJC, da escola, do Liceu de Artes à frente do CN, alunos, artistas e da comunidade que os assistiu enquanto integrantes de um grande evento, foram apontados recursos pelo coordenador; Este cita: a socialização dos jovens que melhorou a partir das experiências ligadas a rotina artística que proporcionaram mudanças significativas através dos projetos:

os alunos não se relacionavam bem entre si, eles não se relacionavam bem com a escola e nem se relacionavam bem com a família e etc, havia um desequilíbrio muito grande, quando os alunos passam a socializar entre si(...) através dos processos artísticos, dos ensaios, das apresentações, das idas em outros locais, eles começam a mudar a sua visão, é como se a sua cabeça estivesse sendo lentamente transformada através do que ele tava vivendo, através do que ele tava vendo, através do que ele tava sentindo.
(Pedro)

Outros aspectos foram apontados por ele, como: autovalorização e autoestima. Para ele, os alunos se sentiram melhores depois desse processo e relatou ainda que muitos alunos após os projetos tornaram-se alunos no Liceu de Artes e Ofício Cláudio Santoro (LAOCS):

peito, plexo, o olhar, o sorriso, a brincadeira, a mobilização corporal, então a mudança é muito positiva nesse sentido, de auto valorização, de autoestima, os alunos se sentindo muito, é, se sentindo muito melhor depois desse processo, é como se você estivesse preparado para uma coisa maior. (Pedro)

A experiência de ensaios e participação no palco proporcionada pela atividade CN, com sua estrutura organizada, permitiu que novos recursos emergissem na dinâmica cotidiana dos projetos:

(...) é interessante frisar também que toda a equipe estava bem integrada então os alunos se sentiam cuidados, o aluno quando ia numa excursão pra fazer um ensaio no Largo São Sebastião ele tinha um lanche, ele tinha água, ele tinha supervisores que estavam todo o tempo do lado dele, dando toda a atenção que talvez ele nunca tivesse tido, transporte com horário definido com tudo organizado. Na volta dos ensaios o supervisor e o professor iam junto e eles deixavam na frente de casa e algumas vezes a gente saía pra falar com o pai ou com a mãe, então era o contato direto. E esse contato criava uma certa proteção

né, uma rede de proteção, é por isso que eu acho terrível a perda desse projeto.
(Pedro)

Esses projetos serviram como rede de proteção aos alunos (cuidadores, organização na vida deles), ainda que o profissional não tenha se referido ao espaço participativo possibilitado aos adolescentes neste campo. Os resultados apontados por Vasques (2014) e Castro (2014) no que se refere a estes jovens, percebeu-se que a organização, ainda que positivamente valorada pelos adolescentes, não conferia aos mesmos uma modalidade “cidadã” de inserção na atividade, já que predominantemente estes cumpriam as determinações que lhes eram apresentadas. Observa-se pois que, mesmo a Arte sendo um campo que suscita a criatividade, dependendo se como suas atividades possam ser estruturadas, em especial quando se refere a grupos sob tutela de adultos, como crianças e adolescentes, uma importante dimensão deixa de ser explorada como potência emancipatória (COSTA, 2015).

3.1.3. Alianças institucionais identificadas por Pedro

O trabalho colaborativo já foi destacado anteriormente segundo Pedro, na dimensão da borda *instrutor-aluno*, ao apresentar uma aliança bem sucedida envolvendo objetivos claros e compartilhados (apresentação do CN final do ano), comprometimento dos parceiros (relação professor-aluno), além de uma estrutura clara de responsabilidades (papel desenvolvido por cada membro do grupo). A clara aliança entre profissional e alunos gera evidência do Efeito de Borda em ação, pela constatação de que na confluência entre arte como expressão e a escola enquanto espaço de formação, mediados por relacionamentos de intensidade que se consolidam no cotidiano das práticas, traz ganhos e mudanças aos alunos e aos profissionais.

A psicologia comunitária crítica tem um número de papéis diferentes para agir na construção e manutenção das alianças, incluindo (Nelson e Prilleltensky (2005:181): ajudando na identificação de objetivos e missões compartilhadas (como a apresentação do CN); construindo relacionamentos e confiança entre membros (mediada pela relação arte-professor-aluno); estabelecendo acordos claros e normas de reciprocidade; ajudando

parceiros a compartilhar poder e recursos (*professor-aluno*, Secretaria de Cultura/SEC-Secretaria de Assistência Social/SEAS).

No que diz respeito à forma em que a SEAS e a SEC e seus profissionais estabeleciam relação, Pedro afirma que estes formavam uma rede intensa, pois toda as atividades e informações necessárias para o andamento dos projetos eram compartilhadas, segundo o profissional:

ainda tinha a relação direta com a SEAS que era a direção do projeto que também tinha supervisores, coordenadores e assistentes em cada escola. Era uma rede intensa. Então ao final do dia nós seguíamos informações de todas as atividades, de todas as escolas, se um professor faltou e não teve aula e os alunos teve uma briga, nós sabíamos. Nós tínhamos dados diários de atendimentos e de acontecimentos. (Pedro)

Sob o olhar do profissional, este acredita que os projetos artísticos desenvolvidos no ano de 2012 pode ter alcançado uma efetiva coordenação, com atividades conjuntas, grupos e pessoas no planejamento conjunto, além da sincronização de horários, atividades, objetivos e eventos, caracterizando *alianças* otimizadoras da borda:

(...) os coordenadores de área, e os supervisores, os supervisores eram necessários por zonas, os supervisores se relacionavam direto com os professores coordenadores das escolas, com os instrutores de todas as áreas das escolas e com o assistente da SEC que tinha aquele cargo, então era excelente (Pedro)

3.1.4. Confrontações

As confrontações, também apontadas como parte do processo que ocorre nas “bordas” em projetos desta natureza (Kagan e Burton, 2013), também foram vistas pelo profissional quando constatou que a ele viu que escola não estava preparada para receber o projeto:

a escola, essa minha supervisão pessoal, a escola não estava preparada pra desenvolver o projeto, eles não queriam o projeto.(referindo-se aos gestores das escolas). (Pedro)

De acordo com este entrevistado, que acompanhava o andamento dos projetos em mais de uma escola, quando contavam com um gestor comprometido, os projetos tinham um bom funcionamento e o mesmo acontecia com o inverso. Ele afirmou que os gestores não queriam o projeto dentro da escola porque achavam que o projeto atrapalhava as atividades do dia-a-dia e tudo isso causava um conflito enorme no andamento do PJC nas Escolas.

As relações de poder podem e devem ser problematizadas nos ecotocones psicossociais. Mesmo em se tratando da metáfora ecológica, é possível que a natureza conflituosa dos elementos presentes em cada sistema ecológico levem a impossibilidade de emergência de recursos e alianças. Nos sistemas sócio-humanos, esta condição é marcada sobretudo pelas relações de poder envolvidas entre os diferentes segmentos em contato. O espaço da escola, bem como a agenda de atividades dos alunos e rotina institucional, podem configurar campo de negociação e disputa, acirrando diferenças e conflitos, como dito pelo participante.

Outro confronto apontado foi em relação à exposição dos alunos a um contexto de grande vulnerabilidade de vivências sexuais apontadas como inadequadas por Pedro. Segundo o mesmo, estas variavam desde o assédio sexual até orgias que envolviam também o círculo de jovens participantes dos projetos. Pedro, enquanto coordenador, temia também que os instrutores pudessem se envolver com as alunas. Ainda que tenha apresentado este dado como confronto entre a realidade da vivência sexual dos alunos no contexto da escola e da comunidade, Pedro apontou uma estratégia adotada por ele que consistiu em diversas capacitações para os instrutores no sentido de saberem como se portar diante dos alunos:

(...) eu responsável por um grande numero de instrutores eu morria de medo de meus instrutores se envolvessem com os alunos, com as alunas e a gente tivesse um problema que acabasse com o projeto, então eu era muito contundente com essa questão, de ter muito cuidado com essa questão de como chegar nos alunos. Nos nossos treinamentos nós fazíamos simulação, como é que eu vou abraçar um aluno, uma aluna, como é o contato, como é o falar com esse aluno, eu fazia isso na prática (Pedro)

Essa estratégia descrita pelo profissional, emerge de uma confrontação, mas é resolvida por meio de dispositivo que remete ao conceito de cooperação apontado por

Himmelman (2001), *apud* Kagan et al (2011). A cooperação é identificada uma vez que houve troca de informações (entre coordenador – instrutores), mudança de atividades e partilha de recursos para benefício mútuo para alcançar um propósito. Isto remete ao fato de que a existência de confrontos por si só não caracteriza impedimento absoluto pra efetivação da borda, mas consiste, numa leitura dialética, numa possibilidade de, diante das contradições, buscar uma nova síntese que remeta a um movimento que impulse rumos diferenciados.

Observações e sugestões de Pedro:

Não foi observado na fala deste profissional nenhum potencial passível de maximização no tocante à participação da família. Foi verificado o potencial para expansão de visão do mundo e das experiências através dos projetos artísticos, possível de realizar mesmo em condições adversas e de escassez ou diminuição de investimentos (redução da verba). Sugere que o sucesso e qualidade estejam mais diretamente relacionados à relação de proximidade, investimento e cuidado com o aluno, e os meios que a arte oferece de transcender, do que com as condições ideais.

O Efeito de Borda em ação, na Síntese de Pedro:

Os projetos artísticos revelam potencial para promover transformações positivas quando promovem espaço de escuta e participação dos jovens e tem oportunizado a maximização dos recursos provenientes de seus integrantes, quer seja professores, artistas, executores das ações políticas (secretarias). Alguns recursos foram explorados/maximizados (relação professor aluno elevando autoestima, espaços de participação, alianças interinstitucionais) e outros poderiam ter recebido maior investimento (participação da família, continuidade do projeto e ações), ampliando o alcance dos mesmos e, conseqüentemente, maior impacto de transformação na vida dos adolescentes.

3.2. Lucas – a vulnerabilidade impacta mas a arte é uma saída

Lucas, outro profissional entrevistado, é músico, diretor artístico, maestro, coordenador do curso de música e trabalha na instituição há mais de quinze anos. Assim como Pedro, suas atividades no PJC iniciaram ainda no projeto piloto e na fase de implantação. Para Lucas, o projeto trouxe muitas experiências boas, como a experiência de coordenação e o contato direto com a periferia, espaço referido pelo entrevistado como completamente desconhecido de sua realidade até então:

o PJC é um projeto pra mim muito especial né, eu teria muito pra falar do JC (...) você vai em todas as escolas estaduais você passa a ter acesso a locais onde nunca nós como músicos, como artistas tínhamos chegado, e isso pra mim foi muito importante. (Lucas)

O contato com um cotidiano adverso à realidade que era familiar à Lucas, trouxe também muitas experiências classificadas como ruins, a exemplo de quase ser baleado num assalto à escola, e presenciar a agressividade dos alunos, segundo ele, de outras escolas, que não as que coordenava diretamente:

vi brigas, situações no Teatro Amazonas com os próprios alunos que eu não conseguia imaginar (...) coisas, assim, duras tipo de querer brigar com outra escola, cuspir no outro. (Lucas)

A fala de Lucas centra-se, predominantemente na realidade que emergiu diante de si quando a borda *arte e comunidade* foi construída, mediada pelo ambiente *escola*, trazendo novos modos de pensar e viver tanto a dimensão artística, como educacional e comunitária, segundo Costa (2015).

O músico viu os projetos artísticos como veículo de transformação da realidade dos adolescentes participantes, sobretudo porque representavam cuidado e investimento para com os alunos, através da oferta de professores e instrumentos qualificados, ou seja, qualidade de um produto oferecido que raramente se mostrava disponível àquele segmento.

(...) to querendo dizer desse aluno específico é que hoje ele é um músico que já foi até professor do Jovem Cidadão e não é mais

porque o projeto hoje acabou, né, mas ele foi meu professor, começou como aluno e tal. (Lucas)

Como resultado, segundo Lucas, alunos tidos como problemáticos tiveram uma melhora significativa, a exemplo de um integrante que transformou-se em arte-educador, devido à sua experiência de participação como aluno do PJC. Nas palavras de Lucas, o contato com a Arte foi facilitado pelos projetos artísticos e esta surgiu então como uma saída à vulnerabilidade:

(...) a própria gestora me disse “olha, hoje é um dos melhores alunos que temos na escola” e fui conversar com próprio aluno e ele me disse: “a música me transformou. (...) é uma possibilidade de um caminho de você sustentar sua casa pela música, como esse menino que te falei. (Lucas)

(...) então eu vejo que o JC foi uma ferramenta, foi um veículo de transformação social, aqueles eventos que faziam os alunos ter algum objetivo comum né, contribui na autoestima, nas notas, disciplina, e a música faz tudo isso ne, e eu vejo assim que o CN e a própria atividade do JC é uma oportunidade que eles tem de mostrar e de ver como é que funciona o meio artístico profissional. (Lucas)

Muito embora, em momentos de sua fala, Lucas atrela a transformação que a Arte proporciona alicerçada no ideal burguês, colocada como “saída” de modos de subjetivação reprováveis ou indesejáveis, para patamares considerados refinados, sendo estes últimos, todavia, expressão das ideologias dos segmentos dominantes da sociedade. Alguns teóricos apontam que a arte pode ser vista como o reflexo da realidade social e também como forma de conhecimento capaz de interagir nela e com poder de modificá-la.

Nos moldes da análise histórico-crítica proposta por Lane (2004), a Arte concebida como uma das formas mais sublimes de criação do potencial humano é comumente conectada ao conceito burguês que tomou corpo desde a modernidade, sendo um dos dispositivos que pode contribuir para manutenção do status quo social e opressão das minorias. Portanto, do ponto de vista deste entrevistado, não existe arte na periferia:

(...) tentando na medida do possível levar música praquelas crianças que na maioria das vezes o que eles conheciam de música eram só aquelas músicas de

cunho pejorativo, com letras indecentes(...) e quando nós passamos a mostrar pra eles que existe música e não só aquilo (...) depois vê a mudança naquelas crianças. (Lucas)

Contudo, ainda que expressando as contradições ideológicas que permeiam o desenvolvimento de projetos artísticos em especial dirigidos às chamadas minorias, Lucas apresenta dados oriundos de sua experiência que corroboram os achados de Vasques (2014), nos quais a utilização da arte como modalidade interventiva articula-se à ideia de promoção da saúde, educação, desenvolvimento e novos modos de organização subjetiva. Assim como também apontam os resultados da revisão sistemática desenvolvida por Silva, Magalhães e Costa (2013) e Silva (2015), em contextos sociais marcados por condições adversas, desigualdade e falta de acesso a diferentes experiências, a arte pode, portanto ser utilizada como forma de redução de vulnerabilidade de adolescentes.

3.2.1 Nível de intensidade das relações e Alianças

Além de verbalizar o efeito mobilizador que a borda criada entre *projetos artísticos* e *comunidades vulneráveis* através do PJC, Lucas também destacou que a atividade proporcionou encontro entre diferentes sujeitos, os quais estabeleceram relacionamentos que foram fundamentais ao alcance dos resultados. Refere-se, pois, ao nível de intensidade das relações de forma positiva (CORBETT & NOYES, 2008:6), mas de modo a sugerir que o trabalho em grupo tenha alcançado a coordenação, e não a colaboração, nível mais desejável, segundo Himmelman (*apud* KAGAN ET AL., 2011).

(...) que o nosso supervisor chegava com o gestor e resolvia, mas quando não dava pra resolver a gente chamava a SEAS, a SEAS que bate o martelo, porque nos respondíamos a eles, né? À SEAS. Então assim que funcionava. (Lucas)

Na coordenação as atividades são conjuntas e comunicações são mais intensivas; grupos ou indivíduos trabalham no planejamento conjunto e sincronização de horários,

atividades, objetivos e eventos, embora não se atinja o nível de colaboração, segundo Kagan et al (2011). Segundo o profissional, a SEAS resolvia todos os tipos de situações:

na SEC nós temos uma coordenação que cuidava do administrativo, das situações em geral, porque o projeto é muito grande e tinham também as coordenações de modalidade e nos trabalhávamos em conjunto (...) situação de professor com aluno, situação de falta de material, situação de eventos, situação de tudo. (Lucas)

A fala de Lucas corrobora a experiência de Pedro, que também sugere uma forte aliança entre essas duas secretarias, favorecendo a otimização dos recursos existentes nas bordas institucionais.

Todavia, um aspecto relevante a ser considerado na discussão sobre a intensidade das relações em trabalhos que envolvem diferentes sistemas, atores e instituições. Ao discutir o resultado de um projeto desenvolvido entre três universidades na cidade de Manchester, Reino Unido, Kagan et al. (2011) apontam que os resultados poderiam ter sido distintos se houvesse maior incremento no nível das relações estabelecidas. Ainda que cada uma das instituições tivesse clareza e cumprisse seus objetivos tal como delineado na proposta, recursos deixaram de emergir, refletindo nos desdobramentos finais. Deste modo, Costa e Oliveira (2016) apontam que o estrito cumprimento de papéis por parte de cada instituição, ator ou sistema social representado num 'ecotone', é um fato que requer maior aprofundamento de análise. Recursos podem estar sendo desprezados, potenciais negligenciados pelo mero cumprimento das funções delegadas, sem, por exemplo, resultar em crescimento e transformação de cada segmento envolvido, como nas verdadeiras comunidades de prática também citadas por Kagan et al (idem).

Um dos possíveis indicadores de que, apesar de ser apontada como positiva e em intensidade favorável, as relações entre segmentos envolvidos poderia ser intensificada ou promover transformações refere-se a problemas relacionados à participação dos sujeitos e falta de autonomia dos mesmos, face a decisões vitais ao andamento dos projetos. Lucas menciona um episódio em que um dos subprojetos do PJC – a Fanfarra -, seria extinta sumariamente por decisões em instâncias superiores. Ao tomar conhecimento do fato, um dos adolescentes participantes procurou Lucas enquanto coordenador e advertiu que, caso o projeto fosse encerrado, voltaria a envolver-se com as drogas. Lucas relata o fato

expressando o quanto tal situação foi geradora de angústia, por perceber a dimensão que a Fanfarra ocupava na vida dos jovens. Todavia, embora o profissional tivesse boa vontade para que o projeto permanecesse na Escola, disse que nada pôde fazer enquanto coordenador do curso de música para que ela ficasse, tendo que comunicar sua impotência ao aluno:

(...) nós íamos retirar a fanfarra e colocar pra uma outra escola próxima e os alunos (...) me colocaram na parede e disseram, “mestre, é o seguinte, porque que você vai tirar a nossa fanfarra? Isso aqui é tudo pra gente, nós amamos musica (...) “não, não é a nossa questão, é uma questão geral, tem outras secretarias envolvidas e chegou um, falou bem assim pra mim “se o senhor tirar a fanfarra daqui eu prometo pro senhor que eu vou voltar pro roubo e pras drogas” (...) me deu um impacto assim eu falei e agora? é como se fosse o responsável por aquele mal né? E na realidade não, eu tava seguindo uma orientação. (Lucas)

Depreende-se a partir do exemplo citado, que não houve a intensidade nas relações que caracterizam a parceria como preconizada por Kagan et al (2011), como base de um eficiente trabalho colaborativo. A decisão de extinção da Fanfarra denota uma relação hierarquizada (a ordem de encerrar a fanfarra vinda de superiores: da SEAS para a SEC), aparentemente sem nenhuma problematização junto ao público de interesse – os alunos -, e tampouco sem espaço de escuta todos os participantes – todas as secretarias envolvidas, comunidade ampla, escola, família, etc. Até onde foi apresentado por Lucas, a decisão também não parecia ter apoio de nenhum dispositivo de avaliação que justificasse a mesma e, se ainda assim houvesse, mais uma vez os segmentos envolvidos parecem não ter tido participação em uma suposta avaliação das ações.

A solução ao problema apresentada por Lucas denota um fato importante à análise da complexidade que as bordas podem possuir: este, mesmo tendo dito ao aluno que nada poderia fazer a respeito da decisão superior, expressando os limites de sua autonomia, movido pela ação do aluno – procurar-lhe e cobrar um posicionamento a respeito -, o fez, por sua vez, comentar o fato com uma das integrantes da SEAS, a qual, segundo ele, tomou providência para que a Fanfarra não fosse extinta. Costa e Oliveira (2016) destacam a importância de que os caminhos comunicacionais para um efetivo sentido da borda, sigam trâmites construídos coletivamente, de modo a favorecer a fluidez transparência e

participação ativa dos membros das comunidades envolvidas. Outra possibilidade deste conflito ter sido resolvido e ter evoluído para um trabalho colaborativo, teria sido através de ações que desafiassem o profissional e toda a estrutura, bem como membros do grupo, a não perpetuarem práticas opressivas que deslegitimem a participação de alguns integrantes, conforme advertem Nelson e Prilleltensky (2005:181).

Todavia, vê-se como passível de análise a partir do conceito de Efeito de Borda, os vínculos ou aliança estabelecidos entre Lucas e os alunos e entre Lucas e a integrante da SEAS, possibilitando desdobramentos positivos no âmbito da execução de atividades do PJC.

3.2.2 Confrontações

Dentre as dificuldades identificadas na execução dos projetos, Lucas destacou a falta de apoio das famílias, relacionando esta também à falta de perspectiva de vida dos adolescentes com o fim dos projetos. Não raro, a família é apontada como locus dos problemas ou é culpabilizada pelo fracasso no processo de escolarização ou outros agravos. Sua participação obviamente é fundamental ao desenvolvimento, sendo considerada, sob a perspectiva histórico-cultural, uma instituição inalterada, natural, a-histórica (REIS, 1984, p.102). Todavia, as condições efetivas desta se constituir como base protetiva e emancipadora no desenvolvimento de crianças e adolescentes necessita ser continuamente objeto de reflexão e intervenção, sob pena de atribuir a esta todas as mazelas que se desdobram no decorrer da vida, sem que os modos concretos que culminariam em melhor desempenho de suas funções sejam oportunizadas.

A partir da fala de Lucas, pode-se vislumbrar a família como um dos sistemas que compõe a borda ecológica dos projetos. Contudo, o profissional não menciona aliança ou outra dimensão facilitadora ao desenvolvimento dos projetos como resultante desta borda. Ao contrário, apresenta a família em situação de confronto, constituindo obstáculos ao andamento das atividades, como visto na fala a seguir:

às vezes o filho queria, e o pai dizia “não, fica em casa mesmo é muito longe”
(...) os pais não participavam, não permitiam que seus filhos participassem.
(Lucas)

Ao tomar como base de análise os conceitos afins do EB sobre a fala de Lucas, pode-se supor que a família não integrou efetivamente a comunidade de interesse ou comunidade de prática que se organizou em torno do projeto no qual seus filhos estavam inseridos. Todavia, as falas dos adolescentes, quando relatadas por Silva (2013) e Vasques (2014), apontaram para o impacto positivo que a participação dos jovens nos projetos teve nas relações familiares. Se a borda não pareceu incluir o sistema familiar, uma das possibilidades seria o nível de relacionamento entre os demais segmentos/setores envolvidos e o grupo familiar. Cabe refletir em que medida as famílias possuem um espaço ativo ou são estimuladas a uma participação efetiva para além das reuniões escolares de cunho informativo ou disciplinar, que tradicionalmente marcam o encontro entre instituições escolares e pais/responsáveis?

Efeito de borda em ação a partir da síntese de Lucas

Para Lucas, os projetos em foco revelaram potencialidade para promover mudanças positivas: dele enquanto profissional, que teve a oportunidade de conhecer a realidade dos alunos e da periferia onde estavam inseridos através da coordenação dos projetos que antes como artista e músico somente não era possível; e dos alunos, como o caso do aluno que tinha envolvimento com ato infracional e drogadição e após o contato com a música ele transformou-se em professor no próprio PJC. Alguns recursos foram explorados/maximizados (alianças interinstitucionais e pessoais) e outros poderiam ter sido maximizados (incremento da intensidade e qualidade das relações interinstitucionais, apoio da família na execução dos projetos e perspectiva na arte após o término dos projetos). Para Lucas, os projetos trouxeram melhora na autoestima dos alunos, nas notas, na disciplina, na responsabilidade, no reconhecimento e valorização da pessoa como artista.

3.3. Maria - uma visão limitada à experiência de fronteira

Maria é o terceiro profissional entrevistado é assistente social e supervisora dos instrutores dos projetos artísticos. Suas atividades no PJC iniciaram no ano de 2008 e ela era responsável também pela seleção das escolas para participarem do CN no final do ano, uma vez que não havia possibilidade de uma participação plena com representantes de todas as escolas onde o PJC era desenvolvido. Maria era também a articuladora junto à SEAS para realizar a reunião com as famílias dos alunos participantes do CN.

Referindo-se à relevância dos projetos, Maria disse que estes trouxeram uma realização pessoal para si, sobretudo o CN, uma vez que consistia em um projeto grandioso e oferecia oportunidade de incluir aqueles adolescentes que estavam excluídos.

(...) porque a gente pode estar oferecendo a esses alunos uma grande oportunidade de incluí-los na sociedade (...) é gratificante para nós porque temos um retorno que é ver no brilho deles, a alegria que eles sentem em participar de um evento tão grandioso (referindo-se aos adolescentes participantes do CN.
(Maria)

Apesar de ver os projetos como uma possibilidade de inclusão social, quando perguntada acerca de dados mais concretos sobre a vulnerabilidade que marcava a vida destes adolescentes, Maria pareceu distante da realidade dos adolescentes pesquisados, pois não conseguiu identificar de modo objetivo os problemas que estes alunos traziam, nem mesmo os problemas encontrados na execução dos projetos. Um dos motivos talvez atrelados ao fato desta não ter conseguido adentrar nas condições de vulnerabilidade dos adolescentes, seja pelo fato dela ter maior contato com os coordenadores e muito pouco com os alunos em sua função de supervisora, ainda que não se considere justificativa o suficiente para tal.

A despeito de denotar um certo distanciamento da realidade concreta dos jovens, a fala de Maria, contudo, é otimista, tal como visto acima, o que remete a um certo padrão que caracterizou (e ainda caracteriza) muitas das ações dirigidas a grupos e indivíduos em contexto de vulnerabilidade social: o assistencialismo. Vistos muitas vezes como ações “salvacionistas”, alguns projetos em sua concepção ou prática, acabam tornando-se reprodutores de uma ideologia em que os sujeitos-alvo de seus propósitos são considerados desvalidos, desprovidos de potência e destinatários de boas ações. A esse respeito, Costa e

Oliveira (2016) corroborando com os achados de Silva (2015), chamam atenção ao risco de que projetos artísticos sejam “entregues” a adolescentes vulneráveis como presentes ou um produto superior, inicialmente não ao alcance destes, mas disponibilizados por alguma ação assistencial ou compensatória. Arte e cultura deste modo não são pensados na perspectiva do direito à cidadania e menos ainda como produto das relações sociais e do potencial, possível de ser realizada em qualquer contexto, sob os mais diversos aportes. O assistencialismo que pode envolver o desenvolvimento de projetos artísticos para grupos como adolescentes vulneráveis incorre no risco de ocultar componentes de reprodução ideológica que, por sua vez, tem o poder de acentuar ainda mais alguns aspectos da vulnerabilidade social.

3.3.1 Recursos

Mesmo não tendo avançado também no detalhamento dos projetos, suas potencialidades, problemas e recursos, Maria aponta um o qual considerou presente como potencial do PJC e CN, a saber: a oportunidade de sair de suas comunidades e encontrar novos colegas, criando vínculos em momentos de lazer nos ensaios.

(...) só deles estarem saindo do próprio bairro onde eles estão (...) só de sair daquele meio onde está pra outro, só aí já é muito prazeroso. (Maria)

A posição de Maria a partir de sua fala através de respostas a princípio incipientes face aos objetivos da presente pesquisa, contribuiu, todavia, para compreender que numa borda que inclui sistemas e atores diversos, o envolvimento pode ocorrer de modo significativamente distante, como se o olhar do participante estivesse restrito à área de fronteira, sem observar ou vivenciar efetivamente os recursos existentes, dificuldades, etc. Percebeu-se que Maria trazia uma fala institucionalizada, onde exaltava a projeto idealizado, sem conflitos, sem problemas, onde tudo ocorria maravilhosamente bem.

Afirmou que havia boa articulação entre todas as secretarias envolvidas - SEAS, SEDUC e SEC -, na execução dos projetos. Contudo, nenhuma informação mais profunda foi apresentada para que se pudesse chegar ao entendimento de que a cooperação promoveu algum nível de sustentabilidade desejável em um trabalho colaborativo.

Acerca das famílias, menciona que havia uma reunião que existia entre a família e as secretarias era apenas informativa. Assim também acontecia com a própria Secretaria de Educação. Novamente reflete-se acerca do lugar destinado às famílias nestes projetos. Talvez se fossem convidadas a participar de forma ativa nos projetos, não houvesse oposição de participação. Já a comunidade não foi mencionada pela profissional.

Maria não demonstrou significativo envolvimento nos projetos, se estes podem ser entendidos como comunidade de prática, segundo Kagan et al (2011). Seu distanciamento do cotidiano dos profissionais, alunos, família e comunidade denotam que sua participação consistiu em uma falta de utilização de recursos, uma vez que esta poderia ser vista enquanto uma integrante-chave na articulação das ações, na solução dos problemas que podia ser um obstáculo no andamento do projeto ou mesmo contribuir para novos rumos destes, o que não ocorreu, possivelmente por estar muito distante da realidade: “na fronteira”. Não se observou, portanto, aprendizagem mútua e nem se identificou que a mesma tenha adentrado no campo das relações, por não saber identificar nenhuma aliança e tampouco confrontações, recursos ou dificuldades.

Efeito de borda a partir da Síntese Maria

Pra defesa dos benefícios da arte dos projetos pode ocorrer mesmo sem evidência de profundo conhecimento do discurso corrente, não pela real tem identificação dos recursos pra vida dos adolescentes, mesmo o contato sendo com diretamente com os profissionais ela não trouxe também aprofundamento dos profissionais, suas dificuldades, recursos e nem alianças que eles poderiam ter feito no andamento dos projetos estudados.

Maria acredita que através da arte e dos projetos os adolescentes podem crescer e se desenvolver, mas não conseguiu identificar os recursos que eles trouxeram para a vida dos alunos. Talvez pelo maior contato com os coordenadores e muito pouco com os alunos em sua função de supervisora.

3.4. Francisco – um movimento oscilatório na borda

Francisco teve seu início na área da educação há trinta e seis anos como docente, e ao longo do tempo em que mantém vínculo com a SEC, acumulou ampla experiência em gestão escolar, fato que se constata em sua fala pelos convites feitos a ele por diversas vezes a estar à frente de escolas consideradas muito problemáticas. Sua fala é centrada em sua trajetória profissional no campo da educação, demonstrando um conhecimento da realidade adversa de muitos alunos residentes e frequentadores de escolas das chamadas ‘áreas vermelhas’, ou zonas consideradas de alta periculosidade, risco e vulnerabilidade social da cidade de Manaus. Demonstrou possuir familiaridade com condição de vulnerabilidade dos adolescentes em virtude de sua prática profissional. Sobre sua participação no PJC, Francisco atuou enquanto gestor de uma escola na qual o projeto foi implementado. Disse que a experiência trouxe um grande impacto em sua vida, resultando em um grande aprendizado:

(...) nunca esqueci da lição que eu levei naquele momento, porque eu cheguei com a coordenadora e disse pra ela: “professora, aquele aluno do Jovem Cidadão tá causando problema, veja o que a senhora faz.” Aí ela me disse: “professor, ele não é do Jovem Cidadão. Ele é da escola.”(...) pra mim o Jovem Cidadão foi um aprendizado muito grande, de vida. (Francisco)

Francisco sinaliza que a borda que emergiu do encontro entre estes sistemas, a despeito de sua experiência de longa data no campo educacional, produziu impacto em sua subjetividade. Interessante pensar que, segundo a metodologia que envolveu a execução do PJC, os alunos que integravam os cursos de Artes no contraturno escolar, eram os próprios alunos da escola, ou seja, pertencentes àquela comunidade antes mesmo de serem identificados como jovens do projeto. Todavia, o aprendizado que Francisco traz contundentemente à entrevista, revela que a instauração de bordas pode confundir as relações, fragmentar os sujeitos, compartimentalizando práticas e olhares, tal como ele afirmou ter feito ao referir-se ao aluno como “*aquele aluno do Jovem Cidadão*”. Entretanto, a postura crítica e diferenciada da coordenadora do PJC naquela escola, proporcionou a Francisco uma mudança de perspectiva, a qual este considera fundamental em sua forma de conceber todo o projeto, em suas muitas articulações.

Francisco evidencia outra mudança ocorrida consigo também no que se refere à forma de lidar com os adolescentes. Por se tratar de uma escola localizada em ‘área vermelha’, o profissional relata que os via como sujeitos “galerosos”⁴. O estigma sobre os jovens alunos e demais moradores desta localidade prevalecia sobre qualquer outra possibilidade destes transcenderem à condição de desfavorecidos ou mesmo remetidos às chamadas “classes perigosas” (COIMBRA, 2001; COSTA e OLIVEIRA, 2016). Segundo Francisco, a possibilidade de ultrapassar os limites de suas ideias preconcebidas acerca destes jovens foi outro ganho advindo da experiência que o PJC proporcionou, tal como relata:

(...) é uma lição daquelas que a gente não esquece, realmente eu percebi, que apesar de eu ter abraçado a causa, eu mesmo tinha um olhar diferente desses meninos (...) esse projeto ele veio trazer essa possibilidade (...) evitou que eles seguissem alguma coisa aí. É quase certo que alguns desses teriam parado de estudar, essas comunidades em que eles estudavam tinha muito problema de traficantes, galera. (Francisco)

A fala anterior também aponta para ganhos que o projeto trouxe aos jovens, além dos ganhos pessoais que o profissional apresentou. Ele associou a participação dos adolescentes pesquisados nos projetos artísticos a um maior engajamento na atividade escolar, e à prevenção de práticas infracionais. Relaciona a inserção deles no PJC como participação em escolas de tempo integral, através do envolvimento na área cultural e possível percurso na carreira artística.

(...) foi no Jovem cidadão que trouxe pra eles essa oportunidade, mostrou essa possibilidade, diferente das possibilidades que eles teriam se não tivesse aparecido esse projeto na vida deles né? Com toda certeza! (Francisco)

Sobre a vulnerabilidade que caracterizava a vida dos adolescentes, Francisco destaca principalmente os problemas da comunidade na qual os alunos estavam inseridos. Esta é retratada como perigosa e marcada pela presença de traficantes e galerosos, área cheia de riscos para os meninos, principalmente as drogas. O olhar de Francisco é convergente com o olhar dos próprios adolescentes sobre o entorno em que moravam, segundo dados apresentados por Vasques (2014). De acordo com a pesquisadora, o sentimento de insegurança vivenciado pelos jovens era um dos motivos que os mantinha

⁴ Termo utilizado em Manaus/Amazonas para designar jovens que andam em grupo ou ‘galeras’, o mesmo que gangues.

em modo de reclusão em casa ou referiam-se a vida comunitária sem entusiasmo (VASQUES, 2014, p.34). Observa-se, na perspectiva do conceito de EB, que a borda construída entre PJC, escola e comunidade, não aparece, a princípio como enriquecedora e dotada de recursos, mas como fonte de problemas, fragilizando os sujeitos mais diretamente ligados à ela.

Em relação a outros recursos que projetos artísticos como o PJC e CN poderiam promover, Francisco não detalhou aspectos específicos ligados a técnicas ou performance, mas corroborou o que já havia apontado, ou seja: mudança positiva dos alunos no decorrer dos projetos, mudança de valores e expectativas.

Um outro recurso que parece ser significativo mas não havia sido apontado por nenhum outro entrevistado à exceção de Francisco foi o recurso financeiro proveniente da bolsa-auxílio mantida pelo PJC. Francisco explica que o recebimento da bolsa estava condicionado a critérios como frequência às aulas regulares e às atividades do projeto.

3.4.1. Intensidade de relações

No terreno da fluidez nas relações que envolviam os integrantes dos projetos, Francisco concentra sua fala predominantemente no nível das relações profissionais e institucionais e menos na pessoa do adolescente, na comunidade ou na família, embora o faça em menor escala. Tal fato pode ser entendido a partir de seu lugar como gestor na escola. Contudo, sua fala traz contribuições importantes para compreender a intensidade do nível de relacionamentos vivenciados na borda ecológica. Segundo o entrevistado, a intensidade das relações restringia-se ao nível da **coordenação das ações**, que compreende um plano de ações conjuntas, sincronização de horários, atividades, objetivos e eventos, contudo não alcança estágios considerados mais densos das relações favoráveis ao trabalho conjunto, como o nível de colaboração (verdadeiras oportunidades de agenciamento pelo grupo), convergência (reestruturação dos programas, orçamentos, missões, objetivos, em função das transformações advindas do projeto comum) ou consolidação (nível máximo em que a independência ou as decisões de foro autônomo individual são renunciadas em

favor do processo coletivo), conforme visto em Kagan et al. (2011, p.212). O nível das relações em termos de coordenação, contudo, demonstra ter sido alcançado:

(...) era de repente o coordenador da SEJEL que visitava a escola rotineiramente, depois vinha o coordenador da SEC, depois vinha o outro coordenador da outra secretaria e em alguns momentos tinham orientações diferenciadas e isso eu batia muito de frente. (Francisco)

Em relação à comunicação, percebeu-se também que esta possuía características que possivelmente afetavam o potencial da borda ecológica. Esta, a despeito de ser um modo de expressar conteúdos contraditórios e dos diferentes movimentos no grupo, devem apoiar-se em discussões claras, consistentes e não julgadoras, ao contrário do que é identificado:

(...) uma vez chegou um cidadão, chegou, cheio de boçalidade, aquelas coisas todas, e veio me questionar porquê que o beiral do telhado da escola tava com as telhas tortas e tal. (Francisco)

(...) outra também que eu percebia muito e isso de certa forma acabava até prejudicando, poderia ser melhor o resultado e tal se não houvesse essas divergências, como é que a gente fala? Fogueira da vaidade, egos inflados. (Francisco)

As falas remetem a modos de perceber as interações/comunicações no grupo negativamente, e, sobretudo, sem envolver recebimento nem troca de informações pertinentes ao andamento dos projetos. Denota discussões que mais se assemelham a disputas de poder, remetendo ao nível das confrontações, a ser discutido posteriormente.

3.4.2. Alianças

Ao longo da fala de Francisco, uma importante aliança foi identificada, instaurando um movimento contraditório em relação ao que este havia expressado em momentos anteriores: este destaca o importante papel da comunidade na relação com o PJC. Por um lado, Francisco aponta que os alunos participantes dos projetos artísticos tiveram inserção positiva na Escola e impactaram a própria comunidade. Por outro lado, mostra como a comunidade envolveu-se com a escola de modo ativo, fortalecendo as ações do próprio

projeto. Observa-se que Francisco neste momento transpõe o sentido único atribuído à comunidade como essencialmente perigosa, ‘de área vermelha’, atribuindo outros sentidos à esta:

(...) as pessoas da própria comunidade exerceram a função de monitores nesse projeto e a partir daí quando eles entram na escola, aí ele começa a entender o que é a escola e ele começa a mudar a visão que ele tem sobre a escola, e levar essa visão nova para a comunidade que ele está”.
(Francisco)

Segundo Francisco, esses projetos oportunizaram aos moradores que saíssem da condição de expectadores e se vissem na condição de integrantes, contribuindo assim para o protagonismo desses atores nesses dois espaços. Segundo Kagan e Duggan, (2008), este modo de participação das comunidades participantes ao mesmo tempo reconhece as singularidades de cada comunidade, reconhece as ‘pontes’ existentes e encoraja os pontos de contato entre as distintas comunidades e organizações. O reconhecimento do potencial da comunidade em atuar também no projeto enquanto monitores, expressa esse reconhecimento e aponta para uma possível sustentabilidade/continuidade das ações.

Outra aliança apontada por Francisco refere-se à Família. Este relatou que conseguiu estabelecer uma aliança com os pais dos alunos que participavam dos projetos, e que esta se deu através de um processo de ‘convencimento’ dos gestores junto aos pais nas Escolas, a fim de que as resistências fossem vencidas e os filhos passaram a participar do PJC. Novamente pensa-se nos espaços que as famílias ocupam e qual o tipo de participação que delas é esperado. Não se identifica uma expectativa ou uma proposta em que a família seja inserida como legítima participante do sistema que integra os diversos segmentos envolvidos em projetos desta natureza. Espera-se que esta autorize a participação dos jovens e não constitua um obstáculo à execução da proposta. Contudo, ao sintetizar as principais dimensões de uma parceria eficaz e as barreiras que obstaculizam os trabalhos, Costa (2015) recorre à discussão apresentada por Kagan et al. (2011) em que o design dos projetos não contempla objetivos e estratégias através das quais sejam asseguradas que os parceiros tenham espaço de participação. Todavia, para Francisco, a aliança foi estabelecida – via convencimento – e, após a realização do CN, os pais dos adolescentes tiveram a oportunidade de conhecer a dimensão dos projetos, realizando, assim, os benefícios que os mesmos trouxeram:

(...) quando eles iam assistir o auto de Natal, aquela coisa grandiosa e espetacular, eles ficavam impressionados, aí começavam a ver a própria atividade do jovem cidadão de forma diferente, porque exatamente seus filhos eles começavam a apresentar outros valores, outras expectativas, (...) abriu expectativas com esses meninos e... a própria família também. Quando a família entendia da importância daquilo para seus filhos, o que aquilo tinha mudado na vida de cada um deles, os anos seguintes a briga era muito séria, querendo incluir seus outros filhos ou alguém mais na atividade. (Francisco)

Os resultados apresentados por Silva (2013), Vasques (2014) e (Castro (2014) confirmam também, a partir da fala dos adolescentes, que as famílias também foram impactadas pelo fato dos jovens integrarem estes projetos, em especial o CN, cuja magnitude em termos de visibilidade foi maior que a identificada no cotidiano do PJC, ainda que este aspecto seja merecedor de análise mais profunda. Contudo, parece ter sido no campo das novas configurações posteriores à ação dos projetos que a família foi assinalada (mudança de olhar sobre os filhos, compreensão da valorização do projeto, valorização dos adolescentes, fortalecimento de vínculos), mas não pôde ser observado o estabelecimento de uma nova configuração no âmbito da execução do PJC e CN, como “novas configurações” na borda ecológica. (KAGAN & BURTON, 2013,P.223)

Outra aliança destacada por Francisco foi no nível interinstitucional, onde as quatro secretarias envolvidas exerceram importante papel na execução e andamento dos projetos .

eram três ou quatro secretarias envolvidas nisso e funcionou muito bem, apesar de todos os atropelos (...) a SEC foi uma parceira de alto nível, vamos dizer assim né, ajudou bastante. (Francisco)

3.4.3 Confrontações

Em se tratando dos espaços de poder, as relações expressas na fala de Francisco indicam que entre sujeitos e as instituições, a execução dos projetos não evoluiu para uma inequívoca colaboração, dado que uma característica deste estágio de trabalho participativo é a renúncia voluntária de pessoas ou grupos de sua posição de poder em termos absolutos, através do compartilhamento de poder e recursos, garantindo espaço de participação dos parceiros em prol de ganhos coletivos.

(...) eu costumo dizer que é a autoridade equivocada, é igual você encontrar um tracajá trepado, numa árvore, alguém botou o tracajá lá ele não subiu sozinho. Batia de frente por que eu via que era alguém que chegava pra querer (pausa) é (pausa) criticar. (Francisco)

A imagem que Francisco evoca com a ilustração do ‘tracajá’ que se encontrava em uma árvore, local em que este jamais teria alcançado sozinho devido às limitações de seus recursos, evidencia o sentimento de que as posições ocupadas por sujeitos na execução do projeto não foram assim distribuídas por mérito, mas por indicação ou privilégios. Com este exemplo fica evidente a disputa de poder existente entre as instituições parceiras na execução dos projetos, apesar de haver um certo nível de ação coordenada entre estas, revelando o quanto o campo das bordas é revestido de complexidade. Em vários momentos, Francisco expressa o desconforto pelas críticas que foram a ele dirigidas, por terem sido oriundas do funcionário de outra secretaria, a princípio não possuidor de conhecimento para opinar sobre as questões, e, também, da sobreposição de instruções, provenientes de participantes diversos, quando diz *“também que eu percebia muito é... muita estrela pra pouca constelação, muito cacique e pouco índio, entendeu?”*. Segundo Francisco, estas situações não eram construtivas e nem visavam à melhoria do andamento dos projetos.

Ainda que Kagan e Duggan (2008) analisem um projeto de maximização de borda envolvendo quatro instituições, em que uma das alternativas para otimizar os recursos teria sido o incremento da intensidade do relacionamento entre estas visando uma colaboração sustentável, questiona-se é possível alcançar esse nível de relacionamento numa sociedade onde o individualismo perpassa também as instituições.

A borda em ação a partir da Síntese de Francisco

Francisco compreendia a comunidade onde os alunos estavam inseridos enquanto ‘área vermelha’, com presença de galeras e drogas, oferecendo riscos aos alunos, mas também localizou na mesma potencial para melhoria do funcionamento dos projetos. Os projetos artísticos oportunizaram mudanças positivas nos alunos (valores e expectativas), aos profissionais (subjatividade e mudança nas concepções), na comunidade (maior participação) e na família. Todavia, na perspectiva pessoal, Francisco manteve um olhar que relacionava arte e adolescentes vulneráveis sob aportes de uma ideologia dominante, na qual formas mais elevadas de arte poderiam também ‘elevar’ a condição de sujeito destes jovens. A família, quando convencida, favorece a participação do jovem e, ao constatar a mudança positiva de seus filhos, passa por mudanças positivas. O suporte financeiro aos alunos foi apontado como positivo, já que eles precisavam da assiduidade nas aulas e no projeto para recebê-la. Na visão do profissional privilégios e disputa de poder dificultava o andamento dos projetos porque faltava competência e habilidade dos técnicos, gerando conflitos.

3.5. Síntese dos Profissionais

Segundo a adaptação proposta da sistemática da GT utilizada no presente trabalho, foi gerada uma síntese (e não hipótese explicativa), a partir da comparação constante e contrastação das quatro sínteses dos profissionais pesquisados. Como o objetivo não é a geração de uma teoria integradora, utilizou-se o conceito de EB como ferramenta para propor um modo compreensivo acerca das conexões entre os elementos apresentados.

Dentre os recursos de maximização dos projetos em foco, uma das bordas destacadas refere-se à arte-comunidade-escola, sendo destacados: a participação e transformação dos alunos e diversos integrantes que compuseram as atividades, como identidade de aluno-artista (adolescente) ou artista-educador (profissional). Melhora na autoestima, desempenho escolar e valorização destes pela comunidade e familiares, como

artista. A comunidade também foi citada como recurso, uma vez que membros da comunidade trabalharam como instrutores no PJC. Entre as alianças institucionais, a SEAS cumpriu função organizadora eficiente que facilitou o trabalho em equipe e tinha boa capacidade de resolução de conflitos.

Já em relação as dificuldades apontadas, ou seja, os obstáculos à otimização dos recursos da borda, citam-se como exemplo: a falta de continuação dos projetos (tinham os ensaios durante o ano e tinha o concerto de natal e no ano seguinte só restava a incerteza da continuação); em relação à família, as relações foram apontadas como frágeis e também precisavam passar por um processo de convencimento pra permitir a inserção dos filhos nos projetos, o que resultou numa falta de aliança e de recurso; A SEDUC apareceu como um obstáculo ao desenvolvimento dos projetos e sua participação era de extrema importância, uma vez que as atividades ocorriam dentro do âmbito escolar.

Identificação contraditória dos projetos como Comunidade de Prática e espaços de expressão predominantemente conflituosos revelam que, mesmo que houvesse ações coordenadas, o nível desejável para maximização da borda ainda não se mostrou efetivo, podendo ser incrementado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os modos contemporâneos associados à adolescência remetem às diversas situações de agravos que os tornam vulneráveis. Dentre as ações destinadas a este segmento, como forma de promover direitos, cultura, melhores condições de desenvolvimento, cidadania, dentre outros, encontram-se projetos que envolvem recursos artísticos. A aplicação da arte e seus recursos já vem sendo estudada em diversos contextos, inclusive no tocante aos processos psicossociais e de inserção social de adolescentes. No estado do Amazonas, o PJC e o CN vem sendo foco de interesse de pesquisadores do LABINS no sentido de compreender também as relações possíveis entre as atividades artísticas e a possível promoção de fatores transformadores do quadro de vulnerabilidade na vida de adolescentes que deles participaram (SILVA, 2013; VASQUES, 2014; CASTRO, 2014; COSTA, 2015).

Dado o fato de que vários projetos de natureza artística incluem parcerias diversas com atores e instituições diferentes, com suas respectivas características e recursos, e, particularmente nos projetos mencionados esta realidade se fez constatar pelas pesquisas já citadas, Costa (2015) cogitou a possibilidade de aproximação do conceito do *Efeito de Borda* (EB), utilizado em estudos da Psicologia Social Comunitária mas ainda pouco difundido no Brasil, visando compreender as relações estabelecidas pelos diversos atores sociais, instituições e recursos existentes na execução do PJC e CN, de modo a que o potencial que emergisse da *borda* entre os sistemas e participantes, pudesse ter sido maximizado, e, assim, ampliado as possibilidades de transformação das condições de vulnerabilidade as quais se encontravam os adolescentes que integraram estas propostas.

O referencial teórico utilizado ancorado nas abordagens histórico-críticas da Psicologia e a teoria do Efeito de Borda, alinhado ao desenho metodológico e método de análise da *GroundedTheory* adaptado para os fins deste estudo, conduziram ao alcance dos objetivos deste. Este estudo teve como objetivo central, sobre o qual se retomará o foco, mais adiante. Para o alcance deste, propôs-se 4 objetivos específicos, os quais buscou-se atender a partir da análise dos dados e revisão de literatura, apresentados ao longo desta dissertação. Passa-se, pois, à discussão em torno dos objetivos parciais ou específicos.

A análise documental realizada junto aos relatórios e protocolos das pesquisas de Silva (2013), Vasques (2014), Castro (2014) e Costa (2015) com os adolescentes mostrou-se útil como estratégia metodológica para atender ao primeiro objetivo específico: **identificar**, a partir do recorte dos resultados, as **demandas para potencialização de recursos** das ações dos projetos segundo o quadro de problemas vivenciados pelos mesmos. Sob a ótica do conceito de EB, os recursos apontados pelos adolescentes pesquisados tanto o PJC quanto o CN acionaram pontos de confluência nas relações entre adolescentes, família e comunidade, além de promoverem uma imagem mais positiva de si próprios. Estes recursos poderiam ser explorados nas diversas etapas de execução dos projetos e mesmo ter continuidade após seu término, dependendo do quão sustentável e articulados estes fossem com os sistemas escola, comunidade, família, etc. A via da otimização destes recursos poderia, assim, responder ou modificar condições de vulnerabilidade referente a alguns dos problemas apontados pelos jovens, a saber: fragilidade no sentimento de pertença à comunidade e nas relações familiares, além da precariedade em seus projetos de vida.

Os dois próximos objetivos específicos eram destinados aos profissionais que atuaram diretamente com os adolescentes pesquisados, visando levantar junto aos coordenadores os **desafios** na execução dos projetos em foco e as **possibilidades** de maximização dos recursos para responder aos problemas encontrados. Considera-se que o método utilizado para o trabalho de campo e para a sistematização dos dados - adaptação da sistemática da *Grounded Theory*, mostrou adequação aos objetivos.

Articulando os dados das entrevistas com os profissionais aos conceitos pertinentes ao EB, concluiu-se referente aos **desafios** apresentados, que: a) na execução dos projetos destacam-se a intensidade das relações que mostrou ser relativamente frágil e insuficiente para a manutenção de projetos colaborativos de maior densidade; a comunicação entre os diversos atores do sistema (e dos próprios subsistemas) também não alcançou o nível desejável para um trabalho colaborativo. Os conflitos existentes, ainda que constituam um movimento dialético contraditório inerente aos grupos sociais humanos, expressavam discussões entre instituições que não apontavam necessariamente para questões de melhoria dos projetos ou quanto aos seus objetivos, assemelhando-se mais a disputas de poder, o que, certamente afetava o reconhecimento e otimização dos recursos potenciais que emergiam na borda ecológica; b) outro desafio foi sinalizado

referente à participação das famílias, descritas como obstáculo e primordialmente não apoiadoras das ações dos projetos, sem que se considerasse os espaços que o desenho dos próprios projetos conferia a este sistema no planejamento, execução e avaliação das ações; outra dificuldade relacionou-se à falta de perspectiva de envolvimento dos adolescentes em atividades semelhantes ao PJC e CN, com o fim dos projetos; c) a SEDUC apareceu contraditoriamente como um dos sistemas mais distanciados dos objetivos dos projetos, a despeito das ações do PJC serem desenvolvidas no espaço das escolas sob sua jurisdição. Tal fato remete à ideia de um planejamento não articulado e ausência de construção de objetivos comuns, além de um possível distanciamento no que se compreende enquanto dispositivos educacionais (de responsabilidade escolar), dispositivos artísticos (ações do PJC e CN) e assistenciais ou de direitos (de responsabilidade da secretaria de assistência). A articulação entre estes campos pareceu particularmente difícil quando buscou-se entender a dinâmica que envolvia a SEDUC, escolas e gestores na interface com os projetos, apesar de ser conhecido a existência de vários projetos no âmbito educacional que em tese articulam-se à questão dos direitos, da assistência, cultura, lazer, etc; d) tal como descritos em sua execução e dinâmica, os projetos correspondem à forma de ação coordenada (trabalho de coordenação), mas não como trabalho colaborativo ou sustentável, de acordo com a classificação apresentada por Kagan et al (2011), incidindo negativamente no reconhecimento e uso efetivo dos recursos existentes.

Em relação aos **recursos** mais identificados, a partir da borda que emergiu entre *Arte-comunidade-escola* (alunos, artistas e comunidade que os assistiu enquanto integrantes de um grande evento) foram apontados os seguintes aspectos pelos profissionais: a) *os recursos artísticos*, mais destacados pelos instrutores de arte, articularam a experiência de ensaios, participação no palco proporcionada pela atividade CN e rotina referente às atividades artísticas, envolvendo aprendizado específico das técnicas, como novos elementos que, integrados à vida dos adolescentes, ofereciam outras possibilidades de estar no mundo; b) *recursos organizadores*, a estrutura organizada sobretudo, favoreceu uma dinâmica cotidiana nos projetos, servindo como rede de proteção aos alunos (cuidadores, organização na vida deles); c) *recursos socializadores*: a socialização dos jovens que melhorou a partir das experiências ligadas a rotina artística que proporcionaram mudanças significativas através dos projetos, os adolescentes, como contato com outros jovens de outras comunidades, em sua própria comunidade e com os

familiares, tipos diferentes de expressão artística, além de melhora no auto conceito e auto estima; d) *recursos de inclusão social*: os projetos também foram vistos como um projeto grandioso e oferecia oportunidade de incluir aqueles adolescentes que estavam excluídos, além de ter sido apontado que os participantes do projeto resultavam em melhor desempenho e vinculação com a instituição escolar.

De um modo geral, a arte foi descrita como instrumento de percepção, sensibilização, socialização, importantes, portanto, para o desenvolvimento como seres humanos e cidadãos, consistindo em uma experiência positiva na vida tanto dos adolescentes quanto dos profissionais. Exemplos a partir dos relatos dos adolescentes (SILVA 2013; VASQUES, 2014) e dos profissionais, sobre impactos subjetivos nos adolescentes, devido ao reconhecimento de si enquanto alguém que faz arte e visto de forma positiva. Dentre os profissionais, destaca-se a experiência de transformação na subjetividade e identidade profissional do artista que se percebeu enquanto educador, através do projeto, ou das aprendizagens significativas resultantes das experiências do projeto, sinalizando uma potência destes espaços virem a se constituir enquanto comunidades de prática, como apontado por Corbett e Noyes (2008: 6), *apud* Kagan et al. (2011).

Contudo, apesar das experiências positivas relatadas, assim como observado por Costa (2015), os projetos e mesmo as bordas neles identificadas pouco foram descritas como promotoras de autonomia e protagonismo. Ao longo das análises do banco de dados e das entrevistas percebeu-se uma adolescência pouco crítica e pouco participativa, com espaços restritos de participação, o que remete a uma das principais preocupações das abordagens histórico-culturais como a Psicologia Sócio-histórica e a Psicologia da Libertação de Martín-Baró, as quais visam compreender e intervir nas condições que limitam pessoas, sejam adolescentes ou outros, à condição de não-atividade e participação de caráter emancipatório.

Os projetos artísticos foram capazes de impactar dimensões significativas apontadas na literatura como potenciais para minimizar a vulnerabilidade de adolescentes, como envolvimento em atividades favoráveis a um projeto de vida construtivo, desenvolvimento de aspectos ligados à dimensão individual e afetivo relacional, fortalecimento de vínculos familiares (GARBARINO, 1999). Ainda relativo à família, constatou-se que o PJC e CN poderiam ter oportunizado maior envolvimento desta, bem

como da comunidade, nas diversas etapas de execução dos projetos, respondendo assim a alguns outros aspectos da vulnerabilidade presentes no quadro um, que indicam fragilidade no sentimento de pertença à comunidade e precariedade de projeto de vida. Uma contradição em relação à família, é que na visão dos adolescentes esta constituía um importante alicerce, apesar dos conflitos e fragilidades em suas relações. Enquanto para os profissionais eram vistas como empecilhos ao andamento dos projetos. As famílias não queriam que os filhos participassem dos projetos, segundo um dos entrevistados, as famílias precisavam ser ‘convencidas’, mas após conheceram a dimensão dos projetos, também foram positivamente impactada pelos benefícios que os mesmos trouxeram aos filhos, estabelecendo nova postura diante dos projetos.

No tocante à comunidade, os adolescentes destacaram que a partir das apresentações nas comunidades puderam ser vistos positivamente neste ambiente descrito por eles como inseguro e perigoso. Um dos profissionais descreveu a comunidade como lugar de “galerosos”, mas também com um grande potencial de aliança, pois para este profissional, a partir destes projetos, as pessoas da própria comunidade tiveram a oportunidade de exercer a função de monitores e a partir daí mudaram a visão que eles tinham sobre a escola e levaram essa nova visão para a comunidade que ele estavam inseridos. Os recursos também poderiam ter relevante impacto se maximizados nesses dois aspetos, caso o PJC em suas articulações pudesse organizar mais apresentações desses adolescentes em suas comunidades, não só as famílias provavelmente estariam mais presentes e mais vinculadas, como talvez a relação com a comunidade pudesse ser modificada, sendo menos perigosa e mais participante, reconhecendo e valorizando os adolescentes como protagonistas. A participação da família mostrou-se mínima, segundo a fala dos adolescentes. Contudo, esta poderia participar de forma integrada contribuindo para ampliar ou fortalecer ainda mais a rede de proteção aos jovens.

Outro ponto de destaque é a assimilação e reprodução dos valores burgueses associados à arte na fala dos profissionais que atuaram nos projetos. A arte foi, não raro, apresentada como uma saída positiva ou indicador de civilidade dos adolescentes, de superação de modos de expressão cultural ou estilos de vida menos valorizados, através da adoção de valores superiores. Nenhuma problematização acerca de uma integração ou

apropriação crítica dos conteúdos veiculados pelas modalidades artísticas que foram desenvolvidas ao longo dos projetos, foi mencionada.

Retomando o objetivo central do presente estudo, considera-se tê-lo alcançado, a saber: investigar com os profissionais responsáveis pela execução do PJC e CN, o potencial de maximização dos recursos promotores de transformação do quadro de vulnerabilidade dos adolescentes, a partir do conceito do Efeito de Borda. Articulando ao último objetivo específico apresentado, considera-se pertinente o uso do conceito de EB para compreender os processos que envolveram a execução de tais projetos.

A despeito das várias referências às ações coordenadas, pouco se percebeu das relações existentes configurando o que se pode chamar de comunidade de prática: a individualidade, a disputa de poder entre as instituições e sujeitos na execução dos projetos não evoluiu para uma inequívoca colaboração, nível desejável do efeito de borda e aparece ainda distante de alcançar. A institucionalização de projetos parece trazer vantagens, mas também parece fazer perder horizontes participativos. Acerca do fato da secretaria mais destacada como articuladora ter sido a SEAS. Costa e Oliveira (2016) apontam para a necessidade de se aprofundar as reflexões a respeito. Por um lado, os autores argumentam que isto pode indicar sobretudo que o Projeto Jovem Cidadão, por manter algumas características como pagamento de bolsas, identificação do perfil dos assistidos, controle, etc., parece ter mantido um resquício da visão assistencial. Por outro, indica a importância de um sistema articulador das ações, coordenando as mesmas. Todavia, parece que as ações não eram partilhadas em termos de poder, tomada de decisão, autonomia dos participantes, etc., sendo visto de certo modo como centralizadas em torno desta secretaria que era acionada para “apagar incêndios”, apaziguar ânimos, decidir sobre continuidade e descontinuidade das ações, com poder decisório visivelmente superior a outros segmentos.

A própria extinção do projeto e as poucas referências feitas a possíveis continuidades de suas ações remetem à conclusão de que não existiu sustentabilidade dos mesmos, o que vai em direção contrária as expectativas dos adolescentes e algumas demandas apontadas pelos profissionais, de que o projeto deveria incidir sobre projetos de vida. Pergunta-se haveria diferentes resultados, caso fossem promovidos fortalecimento e modos de engajamento entre todos os participantes.

É fato que esta pesquisa não tem a pretensão de esgotar o tema. Espera-se que muitas outras surjam levando em conta a riqueza de recursos que estes projetos

proporcionaram aos adolescentes e aos profissionais que neles atuaram. Sugere-se novas investigações e problematizações, a fim de que outros projetos possam chegar a um nível desejável de sustentabilidade e ultrapasse questões assistencialistas dos projetos propostos aos adolescentes em vulnerabilidade.

As fragilidades do presente estudo foram: dificuldade de adaptação e/ou tradução dos termos relacionados ao conceito de Efeito de Borda para a língua portuguesa no escopo da Psicologia. Costa (2015) considera que, ainda que os conceitos de borda ecológica, ecotone, entre outros, sejam bem assimilados e discutidos na literatura em torno de sistemas ambientais ecológicos e pela Biologia, no âmbito das ciências sociais e humanas ainda é necessário encontrar termos que melhor expressem a dimensão dos conceitos, como vem sendo utilizado em literatura científica na língua inglesa; outra fragilidade diz respeito a não ter sido possível entrevistar nenhum dos profissionais da SEAS que tenha participado do planejamento, execução ou avaliação do projeto. Este dado é importante sobretudo pela centralidade que esta secretaria alcançou na fala dos entrevistados. Todavia, a recusa de participação e mesmo o fato de que a mesma não havia sido identificada em nenhuma das pesquisas anteriores (SILVA, 2013; VASQUES, 2014; CASTRO, 2014 E COSTA, 2015) como sistema articulador das ações, indica falta de comunicação e integração entre os sistemas, informação útil para compreensão da natureza da dinâmica que se estabeleceu nas bordas dos projetos estudados.

Ao se referirem a projetos comunitários com características que se assemelham aos estudados na presente pesquisa, Kagan et al (2011) formulam algumas perguntas que parecem caber no término deste estudo, além de outras que emergiram originalmente a partir dos achados aqui discutidos, a saber: Como as alianças podem contribuir para o processo de mudança, e, como as organizações através de seus atores tem trabalhado juntas para a mudança? Considerando projetos que envolvem adolescentes e seus espaços de pertencimento e relações, como incluir os diferentes atores, permitindo um compartilhamento do gerenciamento destas ações? Em se tratando de Artes, que mudanças são postuladas quando se pensa em direcionar ações desta natureza a adolescentes, considerando seus respectivos quadros de vulnerabilidade? De que modo a arte oportuniza recursos diferentes de outros projetos? A arte constitui um modo singular de proporcionar recursos de ligação nos ecotones ou seria uma modalidade como outra qualquer? Como avaliar utilização dos recursos existentes nas bordas? Por fim, entendendo que o trabalho

colaborativo necessário ao incremento dos recursos da borda psicossocial demanda dinâmicas diferentes, de que maneira estes podem ser realizados sem incidir em sobrecarga para seus participantes, dada a cultura da compartimentação, fragmentação e individualização do trabalho e das ações?

Apesar dos limites apresentados neste estudo, considera-se que estes não invalidam a contribuição que o mesmo pode trazer para futuras investigações sobre o tema. Projetos envolvendo arte foram apontados por sua possibilidade de constituir um ecotone psicossocial capaz de impulsionar o potencial de transformação, o que pode vir a contribuir grandemente na transformação de contextos psicossociais, se observado e maximizado.

REFERENCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. Consciência e Atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica. In: BOCK, Ana M. Bahia. Psicologia sócio-histórica – uma perspectiva crítica em psicologia. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ANDRADE, R. L. P., & PEDRÃO, L. J. Algumas considerações sobre a utilização de modalidades terapêuticas não tradicionais pelo enfermeiro na assistência de enfermagem psiquiátrica. Revista Latino-americana de Enfermagem, set/out, 13(5),2005.p. 737-742.

ANTUNES, Mariana Serafim Xavier. A compreensão do sintagma identidade-metamorfose-emancipação por intermédio das narrativas de história de vida: uma discussão sobre método. In: Lima, Aluísio Ferreira de (org). Psicologia Social Crítica: paraxes do Contemporâneo. Porto Alegre: Sulina, 2012.

ASSIS, Simone Gonçalves de et al. E AVANCI,2003. Representação social do ser adolescente: um passo decisivo na promoção. Ciência e Saúde Coletiva, vol 8,n 3. São Paulo, 2003.

ASSIS, Simone Gonçalves de ; AVANCI, Joviana Quintes. Labirinto de Espelhos: formação da autoestima na infância e na adolescência. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

ASSIS, S. G. Encarando os desafios da vida: uma conversa com adolescentes. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, ENSP, /CLAVES, CNPq, 2005.

ASSIS, S. G.; PESCE, R. P.; AVANCI, J. Q. Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes. Porto Alegre: Artmed. 2006.

AYRES, José Ricardo C. M.; FRANÇA JR., Ivan; CALAZANS, Gabriela J.; SALETTI FILHO, Haraldo César . O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: CZERESNIA, D.;FREITAS, C.M. (orgs.) Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências. P. 117-140. Editora Fiocruz: Rio de Janeiro. 2003.

BOCK, A. M. A. A Psicologia Sócio- Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia. In: BOCK, A. M. A.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (orgs.). Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia. 2. Ed. São Paulo: Cortez. 2002

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei no. 8.069, de 13 de julho de 1990 – Brasília, DF. 1990.

CASTRO, M. A. A. 2014. Sentidos construídos sobre arte e vulnerabilidade por adolescentes participantes do Concerto de Natal de 2012 na Cidade de Manaus. Monografia de Curso (não publicada). Manaus: Universidade Federal do Amazonas. 2013.

CIAMPA, A. da C. & LIMA, A. F. “Metamorfose humana em busca de emancipação: A identidade na Perspectiva da Psicologia Social Crítica” in Lima A. F. (Org.) Psicologia Social Crítica – Paradoxos do Contemporâneo. Porto Alegre: Sulina, 2012.

COSTA, C. R. B. S. Fernandes; ASSIS, S. Gonçalves. Fatores protetivos a adolescentes em conflito com a lei no contexto sócioeducativo. Psicologia Social. 1(3). 74-81., 2006.

COSTA, C. R. B. F. Contexto Socioeducativo e a Promoção de Proteção a Adolescentes em Cumprimento de Medida Judicial de Internação no Amazona. Tese (Doutorado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro. 2007

COSTA, Cláudia R.B.S.F et al. Análise Diagnóstica De Programas Sociais Da Cidade De Manaus Voltados Ao Atendimento De Adolescentes Em Situação De Risco. Relatório de pesquisa. CNPq/Universal – Manaus. 2009.

COSTA, C.R.B.S. Fernandes; SANTOS, Maíra Mendes; COSTA, C.R.B.S.F; SANTOS, Maíra Mendes; FRANCO, Kelly Silva.; Brito, Afonso de Oliveira. Música e transformação no contexto da medida socioeducativa de internação. Psicologia: Ciência e Profissão. Vol.31, nº.4 Brasília. 201. p. 840-855

COSTA, C.R.B.S. Fernandes, SILVA, I.F.; MAGALHÃES, J.S. Arte e Promoção de resiliência: uma revisão sistemática de intervenções junto a adolescentes em situação de vulnerabilidade. Universidade Federal do Amazonas. Relatório de Pesquisa. Manaus, 2013.

COSTA, C. R. B. S. F. Arte E Intervenção Com Adolescentes Em Contexto De Vulnerabilidade No Amazonas: Maximização Do Efeito De Borda Como estratégia De Incremento De Recursos. Manchester Metropolitan University. Reino Unido. Relatório de Estágio Pós-Doutoral. Não Publicado. Financiamento CAPES/Governo Federal. 2015.

COSTA, C.R.B.S.F. Promoção de cuidados da saúde: uma pesquisa sobre a atenção aos adolescentes em situação de cumprimento de medidas socioeducativas em Manaus. In: VIEIRA FILHO, Nilson Gomes (Org.) Psicologia da saúde. Do “controle” à promoção de cuidados da saúde. Manaus: EDUA, 2012. p. 135-164

COSTA, C.R.B.S.F, OLIVEIRA, R.P.S. Arte E Intervenção Com Adolescentes Em Contexto De Vulnerabilidade Social No Amazonas: Contribuições Do Conceito De 'Efeito De Borda'. Universidade Federal do Amazonas. Relatório de Pesquisa não publicado. Manaus, 2016.

DELL'AGLIO, D. D., KOLLER, S. H., CERQUEIRA-SANTOS, E., & COLAÇO, V. F. R.. Revisando o Questionário da Juventude Brasileira: uma nova proposta. In DeLL'AGLIO, D. D. & KOLLER, S. H. (Eds.), **Adolescência e juventude: vulnerabilidade e contextos de proteção**, p. 259-277. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

FRANCO, K.S. Risco, proteção e contexto familiar de adolescentes autores de ato infracional. Monografia – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2009.

FURTADO ET AL. Teatro sem Vergonha: Jovens, Oficinas Estéticas e Mudanças nas Imagens de Si Mesmo. Psicologia Ciência e Profissão, 2011. p.66-79.

GARBARINO, J. (1999). Lost Boys. Why our sons turn violent and how we can save them. New York: The Free Press.

KAGAN, C; BURTON, M; Paradigm hange in Action: the role of social movements. Manchester: IOD Research Group, Ocasional Papers 3/95, 1995.

KAGAN, C.; BURTON, M. Edge Effects, resource utilisation and community psychology. In <http://www.compsy.org.uk/BERGEN.PDF>, 2013.

KAGAN, C; BURTON, M; DUCKETT, P; LAWTHOM; SIDDIQUEE, A; Critical Community Psychology. West Sussex, UK: Wiley-Blackwell, 2011

KNOBEL, Maurício. A síndrome da adolescência normal. In: ABERASTURY, A. Adolescência Normal. 10ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

LÓPEZ, J.S.M. Teoría y práctica de la investigación em Psicología: desafios actuales Psico.v.34,n.2, jul-dez, Porto Alegre, 2003. p.219-237.

LÓPEZ,J.S; SCANDROGLIO,B. Los fundamentos teóricos y axiológicos de la intervención psicossocial. In: BLANCO,A; MARÍN,J.R. (Coord). Intervencion psicossocial. Madrid: Pearson Educación, 2007. P.560-606.

LOVATTO P.A. et al. Meta-análise em pesquisas científicas - Enfoque em Metodologias. Revista Brasileira de Zootecnia, v.36, suplemento especial, 2007. p.285-294.

MAHEIRIE, K. Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. Psicologia em Estudo, 8(2), 2003.p. 147-153.

MARTIN-BARÓ, Ignacio. Para uma Psicologia da Libertação. In: GUZZO, Raquel S.; LACERDA JR, Fernando (Orgs.) Psicologia Social Para A América Latina. O Resgate da Psicologia da Libertação. Campinas: Alínea Editora, 2009. p. 189-197

MINAYO, M. C. S., & SOUZA, E. R. É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública. Ciência & Saúde Coletiva, 4, 7-23, 1999.

MORAES, Rosângela Dutra. Prazer-sofrimento no trabalho com automação: estudo em empresas japonesas no Pólo Industrial de Manaus. Manaus: EDUA, 2010.

OLIVEIRA, Luiz Alberto, Biontes, Bióides e Borgues. In NOVAES, Adauto (Org.) O homem-máquina. A ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 139- 173.

OZELLA, S. Adolescências construídas. A visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez. 2003.

OZELLA, Sergio; AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de. Desmitificando a concepção de adolescência. Caderno de Pesquisa, v. 38, nº 133, 2008. Acesso em 20.04.15

ROGOFF, J. (2005). A natureza cultural do desenvolvimento humano. Porto Alegre: ArtMed, 2005.

SILVA, K. G. Arte, adolescência e autoestima: um estudo com adolescentes participantes do Concerto de Natal de 2012 na cidade de Manaus. Monografia de Curso (não publicada). Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2013.

VASQUES, F.O.G. (2014). Arte e vulnerabilidade: um estudo com adolescentes participantes de um evento artístico na cidade de Manaus. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Dissertação de Mestrado (não publicada). Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2014.

VASCONCELLOS, M.J.E. Pensamento Sistêmico: O novo paradigma da ciência. 2ªed. Campinas-São Paulo: Papyrus, 2002.

VERONESE, A. (2000). A socialização através da arte. In L. M. T. Brito (Coord.). Responsabilidades: ações socioeducativas e políticas públicas para a infância e juventude no estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Eduerj, 2000. p.207-218.

WAZLAWICK, P., CAMARGO, D., MAHEIRIE, K. Significados e sentidos da música: uma breve "composição" a partir da psicologia histórico-cultural. Psicologia em Estudo, 12(1), 2007.p. 105-113

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: Tavares, J. (Org.) Resiliência e Educação. São Paulo: Cortez Editora, 2000, p.13-42.

YUNES, M. A. Mattar, GARCIA, Narjara Mendes; ALBUQUERQUE, Beatriz de Melo. Monoparentalidade, Pobreza e Resilência: entre as crenças dos profissionais e as possibilidades da convivência familiar. Psicologia: reflexão e crítica. Rio Grande, 2007.

YUNES, M. A. Mattar. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. . Psicologia em estudo, Maringá, v. 8, num. Esp, 2003. p.75-84

YUNES, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. Psicologia em Estudo, 8(especial), 2003.p.75-84.

<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080413225139AA6My5V> – acesso em: 31.01.16

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezados Coordenadores/Gestores,

Convidamos você a participar da pesquisa iniciada sob a responsabilidade das pesquisadoras Fabiane Oliveira Gomes Vasques e Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa (Orientadora), agora sob responsabilidade das pesquisadoras Paula Caroline dos Anjos Sampaio e Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa (Orientadora), a qual pretende investigar o potencial de maximização de processos protetivos através projetos artísticos desenvolvidos junto a adolescentes de duas escolas públicas de Manaus, os quais participaram do Concerto de Natal e Projeto Jovem Cidadão no ano de 2012.

Sua participação se dará de forma voluntária, onde não será oferecido qualquer tipo de gratificação em dinheiro ou em outra espécie pelas informações fornecidas. Será realizada entrevista individual, com duração de aproximadamente 1 (uma) hora sobre o tema. As entrevistas serão gravadas (áudio) e serão incluídas na análise da pesquisa. As atividades mencionadas serão realizadas na própria Escola/Liceu/SEC no dia e hora a serem combinados com os coordenadores e a direção da Escola. O resultado deste encontro será usado para formulação de trabalho científico, havendo publicação dos dados levantados, porém sem que as identidades (nome e sobrenome) dos participantes sejam divulgadas. Para a participação, solicito sua autorização assinando abaixo, permitindo desta forma, que possamos coletar os dados e usá-los na pesquisa, para que possam ser publicados e apresentados em congressos.

Se o(a) Sr.(a) aceitar participar da pesquisa, contribuirá para uma reflexão sobre o papel dos projetos artísticos para a redução de vulnerabilidade dos adolescentes, com o propósito de verificar se tais projetos/concerto, segundo os resultados, oferecem novas formas de lidar com condições adversas em que estes adolescentes se encontram.

Para qualquer outra informação, o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no endereço Av. Gal. Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 3000, Setor Sul, Coroado I, pelos telefones (92) 3653-4448/ (92) 99310-7159 e (92)99983-7026.

Desde já agradecemos a sua colaboração.

Consentimento pós-informação

Eu, _____, RG _____, fui informado(a) sobre os objetivos e o porquê da participação nesta pesquisa e portanto, concordo em participar, sabendo que não terei nenhum benefício financeiro, bem como que a qualquer momento o menor poderá sair da pesquisa sem que isso lhe acarrete prejuízos. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim (responsável pelo menor) e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.



Assinatura do Responsável

____/____/____

Paula Caroline dos Anjos Sampaio
Pesquisadora Responsável

____/____/____

Manaus, ____/____/____

APÊNDICE B -ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PROFISSIONAIS

- 1) Gostaria que você se apresentasse (fale um pouco sobre tua área de formação, como foi trabalhar no projeto/escola/concerto, quanto tempo de trabalho nessa área). Como foi essa experiência na tua vida? Em relação ao desenvolvimento desses alunos você identificou ou teve conhecimento de mudança na vida deles? Quais? Tem exemplos?
- 2) Como expliquei antes, a pesquisa é um estudo com adolescentes das Escolas Dom João de Souza Lima e Eng. Artur Amorim, então quero saber se você conheceu os adolescentes dessas escolas, se teve contato com eles. Como eram esses adolescentes? Quais necessidades e potencialidades desses adolescentes? (desafios/aspectos positivos)
- 3) Na pesquisa que foi realizada com os alunos no ano de 2012 alguns dados sobre realidade deles foram levantados. Vou apresentar alguns pra vc e gostaria de saber se vc acredita que PJC/Concerto/Escola poderia contribuir para mudar realidade de jovens em situação semelhante. (Ler resumo dos dados).
- 4) Os adolescentes que foram entrevistados neste estudo que mencionei eram alunos das Escolas Estaduais Dom João de Souza Lima e Eng. Artur Amorim do projeto cidadão e participaram do Concerto de Natal, ou seja, conviveram com profissionais de diversas áreas e lugares. Existia articulação desses setores na vida desses adolescentes? Havia uma coordenação conjunta? Como eram decididas as questões do dia-a-dia, a rotina desses alunos? Se houve parceria, funcionou ou não? Por que?
- 5) O que você pensa da arte como recurso diante do quadro que apresentei dos adolescentes entrevistados e adolescentes em geral?
- 6) Se atividade semelhante acontecesse agora envolvendo escola/projeto como jovem cidadão e um evento artístico como o concerto de natal, que sugestões você teria para apresentar pensando nos adolescentes participantes?
- 7) Tem alguma coisa mais que você gostaria de falar que eu não tenha perguntado?



APÊNDICE C - RAPPORT(para ser lido aos profissionais)

Sou mestranda do Curso de Psicologia na Universidade Federal do Amazonas. Estou realizando um estudo para investigar o potencial de maximização de processos protetivos através projetos artísticos desenvolvidos junto a adolescentes em duas escolas públicas de Manaus no ano de 2012, a partir do conceito do efeito de borda.

Minha pesquisa é complemento de uma outra pesquisa intitulada: "Arte Vulnerabilidade: Um Estudo Com Adolescentes Participantes De Um Evento Artístico Na Cidade De Manaus (Silva, 2013); Meu objetivo é propor uma reflexão sobre o papel dos projetos artísticos para a redução de vulnerabilidade dos adolescentes, com o propósito de verificar se tais projetos/concerto, segundo os resultados, oferecem novas formas de lidar com condições adversas em que estes adolescentes se encontram. A sua participação é de extrema importância para entender o tema e contribuir para a promoção de outros eventos artísticos, estendendo a oferta de atividades artísticas para um número maior de participantes.

Para chegar a esse objetivo, preciso realizar entrevistas individuais com alguns de vocês. Por isso eu peço a sua cooperação. Os profissionais que aceitarem participar serão entrevistados por mais ou menos uma hora, onde responderão questões sobre sua vida, sobre o que pensam em relação à participação neste evento artístico, atividade artística e também questões sobre os adolescentes. Estas entrevistas serão gravadas e serão combinadas de acordo com a sua disponibilidade e em conjunto com a direção da escola e coordenadores.

Todas as informações que vocês apresentarem serão mantidas em sigilo e, serão utilizadas somente para este estudo. Não existe necessidade de vocês se identificarem e eu posso garantir completo anonimato. Quando eu for escrever meu trabalho, não vou colocar o nome de nenhum dos participantes. Ninguém vai saber quem deu as opiniões. A participação é voluntária e você está livre para desistir em qualquer momento da pesquisa. Não há nenhum risco em participar deste estudo. Quero me colocar à disposição para conversar sobre qualquer dúvida que possa surgir durante a realização deste estudo. Gostaria de contar com a sua atenção e sua participação nesta pesquisa.

Desde já agradeço pela atenção.

Atenciosamente,

Paula Caroline dos Anjos Sampaio
Mestranda em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

Ofício nº 279/SEC/GS.

Manaus, 29 de março de 2016.

A Senhora

PAULA CAROLINE SAMPAIO

Mestranda do Programa de Pós Graduação em Psicologia - UFAM

Manaus/AM

Prezada Senhora,

Ao cumprimentá-la e em resposta ao e-mail datado de 24 de fevereiro do corrente, solicitando autorização para pesquisa intitulada " EFEITO DE BORDA E MAXIMIZAÇÃO DE RECURSO EM PROJETOS ARTÍSTICOS JUNTO A ASOLESCENTE: A PERSPECTIVA DOS PROFISSIONAIS", informamos que Vossa Senhoria pode ter acesso as informações solicitadas por meio de entrevista junto as técnicas ligadas diretamente a coordenação do Projeto Jovem Cidadão e coordenadores das modalidades de dança, teatro e música do Liceu de Artes de Ofício Cláudio Santoro. Desta forma somos favorável a execução do projeto.

Atenciosamente,


ROBÉRIO DOS SANTOS PEREIRA BRAGA
Secretário de Estado de Cultura

OFÍCIO N.º 1137-GSEAC/SEDUC

Manaus, 10 de novembro de 2015.

À Senhora

Dra. CLÁUDIA REGINA BRANDÃO SAMPAIO FERNANDES DA COSTA

Professora Orientadora Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Av. General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 3000-Coroado I

69077-000 - Manaus.AM

Assunto: Resposta à Carta de Apresentação

Processo n.º 011.29209.2015/Seduc

Ref.: Projeto de Pesquisa da orientanda Paula Caroline dos Anjos Sampaio

Senhora Professora,

Reportamo-nos a Vossa Senhoria para encaminhar cópia da Folha de Informação emitida pela Gerência do Ensino Fundamental II – GENF II/DEPPE/SEDUC, como forma de subsidiar resposta ao pleito, em epígrafe.

Atenciosamente,


MARIA DE NAZARÉ SALES VICENTIM
Secretária Executiva Adjunta da Capital

nc



SEDUC/DEPPE
FLS. 16
Rubrica

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

FOLHA DE INFORMAÇÃO

Processo N. 011.29209/2015

Em resposta a carta de apresentação dos interessados Paula Caroline dos Anjos Sampaio (Orientanda) e a Profa. Dra. Cláudia Regina Sampaio Brandão Fernandes da Costa (Orientadora), e após análise do Projeto de Qualificação do Curso de Mestrado em Psicologia do Programa de Pós – Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, cujo projeto tem como intuito fazer um levantamento de dados através de relatórios sobre o Projeto Jovem Cidadão desenvolvido em duas escolas onde estes foram realizados no ano de 2012.

Considerando o teor do assunto em tela temos a informar:

- A pesquisa é de grande relevância para a Educação do Estado do Amazonas, e as informações obtidas irá contribuir em vários aspectos no que se refere ao aprimoramento dos trabalhos desenvolvidos por esta Secretaria;
- Sugerimos aos interessados que encaminhe cópias para apreciação da sede dos seguintes documentos: Cronograma de atividades de visitas às escolas, instrumentos utilizados na realização da pesquisa e autorização do Comitê de Ética da Universidade do Amazonas-UFAM;
- Apresente o relatório final das visitas ou a qualquer tempo caso ocorra algo de relevância a ser informado;

Dessa forma somos de parecer favorável a execução do projeto, porém sugerimos a apreciação, conhecimento e manifestação do setor responsável pelo Projeto Jovem Cidadão nesta Secretaria durante o período em que este fora desenvolvido, nesse caso, o Gabinete da Secretária da Capital.

Manaus, 28 de outubro de 2015

Eriberto Barroso Façanha Filho
Eriberto Barroso Façanha Filho
DEPPE/GENF II/SEDUC
Decreto de 08/04/2015



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Arte, Subjetividade e Vulnerabilidade: Um estudo com adolescentes participantes de um evento artístico na Cidade de Manaus.

Pesquisador: Fabiane Oliveira Gomes Vasques

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 19035213.7.0000.5020

Instituição Proponente: Faculdade de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 468.230

Data da Relatoria: 13/11/2013

Apresentação do Projeto:

A adolescência atual é marcada por um período de alto índice de vulnerabilidade e exposição às múltiplas situações de risco. A Psicologia enquanto ciência tem procurado avançar no campo das contribuições teóricas, revisando e criticando abordagens que reforçam estigmas sobre a adolescência, compreendendo esta como "síndrome", etapa de crises e turbulência, com tendência universalizante, relegando os processos histórico

-culturais que incidem sobre esta fase. Face à multiplicidade de arranjos de enfrentamento de adversidades, depreende-se a necessidade de intervenções que possibilitem ao jovem o desenvolvimento de diversos aspectos, como potencialidades, autonomia e cidadania. Portanto, é possível pensar que nesta relação, intervenções que envolvam a arte poderiam consistir em um dos recursos de subjetivação, de fortalecimento de resiliência diante de situações de vulnerabilidade. Este projeto visa compreender a relação da arte, subjetividade e redução de vulnerabilidade na vida de adolescentes que participaram de um evento artístico (Concerto de natal de 2012) na Cidade de Manaus. Ou seja, qual a implicação da arte na subjetividade de adolescentes em condições de vulnerabilidade que participaram do Concerto de Natal de 2012, ocorrido na Cidade de Manaus? Trata-se portanto de um estudo descritivo-exploratório, que envolve as abordagens qualitativa e quantitativa, nas quais pretende-se utilizar como métodos,

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-5130

Fax: (92)3305-5130

E-mail: cep@ufam.edu.br



Continuação do Parecer: 468.230

entrevistas semi estruturada em profundidade; dois grupos focais e questionário de juventude brasileira com 50 adolescentes de 2 Escolas Públicas da Cidade de Manaus.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender a relação entre arte, subjetividade e redução de vulnerabilidade na vida de adolescentes que participaram de um evento artístico na cidade de Manaus.

Objetivo Secundário:

- Verificar características sociodemográficas e a relação destas com o quadro de vulnerabilidade e resiliência apontados por estes adolescentes, como caraterísticos de suas vidas. - Identificar os sentidos e significados produzidos na vida dos adolescentes durante e após a sua participação no Concerto de Natal de 2012; - Identificar as dimensões que o Concerto de Natal de 2012 (a arte) foi apontado por estes adolescentes como redutora de vulnerabilidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Este estudo envolve seres humanos e, por isso, passará pelo Comitê de Ética em Pesquisa, atendendo todas as exigências da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Entendendo-se que os sujeitos pesquisados constituem uma parcela da população em condições de vulnerabilidade, buscará ter todos os cuidados éticos para que não estejam expostos a situações em que sua integridade e bem-estar não sejam levados em consideração. Para a realização da pesquisa já foi expedido o termo de anuência das instituições envolvidas para o acesso aos sujeitos e outros dados da pesquisa (Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas e Direção das escolas participantes). Após esta etapa, será apresentado projeto, seus objetivos e procedimentos de sigilo, métodos e relevância do estudo aos pais e responsáveis pelos sujeitos-potenciais menores de 18 anos, os quais, estando em concordância, assinarão o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando o aluno menor de idade sob sua responsabilidade, a participar da pesquisa. Procedimentos de confidencialidade dos dados serão adotados em todos os momentos de realização da coleta de dados, armazenamento, tratamento dos mesmos e divulgação dos resultados. A livre adesão à participação é assegurada a todos os participantes, podendo se retirar a qualquer momento da pesquisa sem que isso gere algum prejuízo a quem assim proceder. Os riscos envolvidos na pesquisa são mínimos, considerando que se trata de coleta de dados de experiências a serem relatadas oralmente ou através de preenchimento de questionário. Considera-se, ainda que

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-5130

Fax: (92)3305-5130

E-mail: cep@ufam.edu.br



Continuação do Parecer: 468.230

reduzidamente, a eventual mobilização emocional por conta de algum tema abordado. Em caso de desconforto do participante devido a questões desta natureza, está previsto o atendimento emergencial local e direto por parte da pesquisadora responsável, a qual possui formação profissional compatível para tais situações.

Benefícios:

A realização do presente projeto justifica-se cientificamente pela relevância de ampliar o conhecimento sobre a temática da arte como intervenção psicossocial, em especial voltada a adolescentes, gerando novas reflexões no campo da Psicologia. Do ponto de vista social, justifica-se pelo fato de que seus resultados possam estimular o desenvolvimento de políticas públicas e propostas de intervenção mais eficazes à adolescência e juventude, sobretudo considerando a arte como recurso.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

METODOLOGIA:

A pesquisa será realizada em duas Escolas da Cidade de Manaus inseridas no Projeto Jovem Cidadão, cujos alunos tenham participado do Concerto de Natal de 2012, bem como nos locais da Secretaria de Estado de Cultura visando coletar dados pertinentes à no total de 765.225 adolescentes existentes em Manaus, 1.665 passaram pelo sistema em 2010 (equivalente a 0,21% deste segmento). O dado ainda é preocupante, sobretudo porque até metade de 2011, o número foi de 797 (0,10%), sendo ainda uma questão que demanda soluções eficazes. Dentre as políticas públicas voltadas para o segmento jovem no Estado, encontram-se aquelas diretamente voltadas à redução da vulnerabilidade. Outras, de modo indireto, vinculam-se à questão por também incidirem em melhoria dos índices de desenvolvimento, qualidade de vida, etc. No que se referem às Políticas Culturais no Estado do Amazonas, estas podem ser citadas dentre aquelas que possuem um eixo central específico, a saber, a promoção da cultura/desenvolvimento cultural. Mesmo não explicitando a redução de vulnerabilidade como perspectiva central, possuem ações e diretrizes voltadas ao acesso/alcance de recursos e bens culturais disponíveis por parte da população sócio-econômica menos favorecida. Dois exemplos que clarificam essa política cultural no Amazonas são: o Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro (LAOCS) e o Comentários e Considerações sobre a Pesquisa: Projeto Jovem Cidadão (PJC). A história do LAOCS remonta a criação do Centro Cultural Cláudio Santoro, que consistia em uma das unidades da Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas (SEC), tendo sido inaugurado em novembro de 1997, conforme SEC (2013). A partir de março de 2007 sofreu transformação, quando da integração das atividades do Liceu de Artes e do Centro Cultural,

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-5130

Fax: (92)3305-5130

E-mail: cep@ufam.edu.br



Continuação do Parecer: 468.230

passando a receber a nova nomenclatura. O LAOCS tem como objetivo desenvolver, aperfeiçoar o talento de crianças, jovens e adultos através de atividades artísticas. Os cursos livres e de formação artística são fornecidos gratuitamente nas áreas de dança, artes cênicas, música popular e erudita, artes plásticas e visuais visando contribuir para a formação e capacitação de mão-de-obra na área artística. Pela gratuidade e caráter que supõe processos inclusivos, pode-se compreender como parte de uma política cultural com potencial de incidir sobre a redução de vulnerabilidade daqueles por ela atendidos. O PJC consiste em um programa de âmbito nacional, desenvolvido nos estados brasileiros através dos governos locais. No Amazonas o projeto segue as diretrizes gerais. Tem como objetivo assistir jovens entre 12 a 20 anos de idade no contra-turno escolar com atividades de desporto, informática, idiomas, teatro e música. Estas ações têm sido executadas através da articulação da SEDUC (Secretaria de Educação), SEJEL (Secretaria de Juventude, Esporte e Lazer), Secretaria de Estado e Assistência Social (SEAS), SEC (Secretaria de Estado de Cultura) e CETAM (Centro de Educação Tecnológica do Amazonas). Além das atividades junto ao público destinado, o projeto prevê um auxílio em forma de bolsa para as famílias dos alunos que tenham 80% de frequência do ensino regular e que acompanhem as atividades complementares oferecidas pelo projeto, conforme explicita SEC (2013). O público alcançado pelo PJC é justamente o segmento que nos interessa, a saber, adolescentes entre 12 a 18 anos, que de algum modo estão inseridos em quadros de vulnerabilidade. Dentre as atividades complementares que os participantes das modalidades artísticas do PJC são chamados a integrar, estão os concertos natalinos, eventos de grande porte realizados na cidade de Manaus. O concerto anual tem integrado alunos do PJC às atividades do LAOCS e ao contato com artistas profissionais, amadores e técnicos de modalidades diversas, como cenografistas, figurinistas, educadores, produtores, etc. O Concerto de Natal, como é chamado o evento produzido pela Secretaria de Estado de Cultura ao qual nos referimos, ocorre desde 2002 no dia 25 de dezembro. O evento ocorre no Centro de Manaus precisamente no Centro Cultural Largo de São Sebastião, centro histórico da capital do Amazonas. Participam deste evento os corpos artísticos dos diversos projetos da Secretaria de Estado de Cultura, como: Orquestras Amazonas Filarmônica, Experimental e de Violões, Amazonas Band, grupos de dança, corais, e os alunos do PJC e LAOCS (DANTAS, 2012). No ano de 2012 participaram 4.500 artistas, entre dançarinos, cantores, corais, atores e atrizes, músicos e outros. Deste total, 2.000 eram jovens alunos do LAOCS e PJC com idade entre 12 e 20 anos (UCHÔA, 2012). Estes jovens são alunos da rede Pública de Ensino da Cidade de Manaus, onde muitos podem, além dos cursos profissionalizantes que o PJC abrange, ter aulas de outra modalidade artística no Liceu. Sendo a

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-5130

Fax: (92)3305-5130

E-mail: cep@ufam.edu.br



Continuação do Parecer: 468.230

situação de vulnerabilidade uma característica do perfil dos participantes do PJC, acredita-se que participação não somente nas atividades corriqueiras do projeto, mas a participação em um evento abrangente como o Concerto Natalino, tem o potencial de gerar impacto na dimensão subjetiva de jovens gerando modificações na organização socioafetiva, cognitiva dos participantes. Nosso interesse volta-se para os adolescentes em condições de vulnerabilidade que fizeram parte deste projeto cultural, dado o interesse de investigar o impacto subjetivo que a participação neste evento no sentido de reduzir seu quadro de vulnerabilidade e ampliar as possibilidades de novas formas de enfrentamento das condições adversas. Deste modo formulamos o seguinte problema: Qual a implicação da arte na subjetividade de adolescentes em condições de vulnerabilidade que participaram do Concerto de Natal de 2012, ocorrido na Cidade de Manaus? Como questões norteadoras, propomos: Quais os sentidos e significados que estes jovens atribuem a este projeto/evento? Teria a arte, mais precisamente a participação de adolescentes em eventos artísticos, potencial para incidir sobre a subjetividade e o quadro de vulnerabilidade dos mesmos? E em que dimensões a arte pode ser apontada por estes jovens como redutora de vulnerabilidade? Foi feita opção de duas escolas da Zona Norte da Cidade de Manaus (amostra proposital), considerando a densidade populacional da mesma (segunda mais populosa com mais de 500.000 habitantes), composição (dez (10) bairros) e características de vulnerabilidade (preocupantes índices de criminalidade, segundo dados da Secretaria de Segurança Pública de 2012). Os instrumentos a serem utilizadas para a coleta de dados desta pesquisa são: Questionário Fechado de Juventude Brasileira (CEP-RUA, UFRGS, 2010), contendo 49 questões a ser aplicado em 50 adolescentes das duas escolas que sejam do PJC e que tenham participado do Concerto de Natal de 2012 (sendo 25 alunos de cada escola), Dois grupos focais contendo de 8 à 10 adolescentes em cada, de ambos os sexos e entrevista semi-estruturada em profundidade com 2 adolescentes de cada grupo focal.

INSTRUMENTO: apresenta questões norteadoras. Instrumento fechado reporta-se ao Questionário Fechado de Juventude Brasileira (CEP-RUA. UFRGS, 2010). Inclui os roteiros.

CRONOGRAMA: Adequado.

ORÇAMENTO: R\$1.325,00 - recursos próprios - adequado.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO:

O critério de inclusão segue as seguintes diretrizes:

- ser aluno matriculado das escolas participantes do estudo;
- ter participado do evento "Concerto de Natal de 2012" como integrante do PJC;

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-5130

Fax: (92)3305-5130

E-mail: cep@ufam.edu.br



Continuação do Parecer: 468.230

- ter idade entre 12 e 18 anos incompletos, por ocasião do Concerto;
- aceitar participar voluntariamente da pesquisa, após a explicitação de seus objetivos;
- no caso de menores de idade, ter sido autorizado a participar da mesma por seus pais ou responsáveis, através de termo específico.

O critério de exclusão implica nos seguintes casos:

- manifestação do desejo pessoal ou dos responsáveis de interromper a participação, em qualquer momento da etapa de coleta de dados;
- manifestação por parte do sujeito de conduta inadequada aos procedimentos individuais ou coletivos de coleta dos dados;
- impossibilidade ou dificuldade em responder os instrumentos de coleta de dados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de rosto -assinada pelo coordenador do programa de Pós-graduação em psicologia, profo. Ewerton Helder B. Castro.

Termos de anuência: Carta de encaminhamento junto a Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas pela pesquisadora, a qual é deferida para a pesquisa por Lalibe Araujo e com carimbo do secretário Robério dos Santos Braga e acima deste rubricado por Beth Nathalia.

Escolas : 1) Escola Estadual Dom João de Souza Lima, autorizada pelo diretor, prof. Raimundo Marinho e a 2) Escola Estadual Engenheiro Artur Soares de Amorim assinado pela diretora em exercício Rosane da Silva.

Termo de assentimento: Atendendo a Resolução 466/2012 em vigor é necessário elaborar um Termo aos adolescentes convidados para o seu consentimento por tratar-se de idades entre 12 a 20, assim os menores legais devem ter tanto o TCLE autorizado dos responsáveis quanto a sua própria aquiescência demonstrada pelo Termo de Assentimento. ATENDIDO

TCLE - direcionado aos responsáveis: Esta na forma de convite e em linguagem adequada, mas necessita do espaço para impressão datiloscópica uma vez que não sabemos a formação dos responsáveis. ATENDIDO

Recomendações:

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-5130

Fax: (92)3305-5130

E-mail: cep@ufam.edu.br



Continuação do Parecer: 468.230

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto de pesquisa de mestrado junto ao curso de Psicologia.

O protocolo atendeU a Resolução 466/12.

- 1) TCLE - inserir espaço datiloscópico; ATENDIDO
- 2) Anexar Termo de Assentimento. ATENDIDO

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

MANAUS, 26 de Novembro de 2013

Assinador por:
MARIA EMILIA DE OLIVEIRA PEREIRA ABBUD
(Coordenador)

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-5130

Fax: (92)3305-5130

E-mail: cep@ufam.edu.br